

UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
DIVISÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO PROFISSIONAL SAÚDE E EDUCAÇÃO

CLAUDIA DE PAULA E SILVA BEZZON

DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL NA CRIANÇA:
UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR DA
PRÉ-ESCOLA

Ribeirão Preto
2021

CLAUDIA DE PAULA E SILVA BEZZON

DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL NA CRIANÇA:
UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR DA
PRÉ-ESCOLA

Dissertação apresentada à Universidade de Ribeirão Preto como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Saúde e Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Karina de Melo Conte.

Ribeirão Preto
2021

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento Técnico
da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

B574d Bezzon, Claudia de Paula e Silva, 1967-
Desenvolvimento da linguagem oral na criança: Um estudo
sobre a percepção do professor da pré escola / Claudia de Paula
e Silva Bezzon. - - Ribeirão Preto, 2021.
141 f.: il. color.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karina de Melo Conte.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Ribeirão Preto,
UNAERP, Saúde e Educação. Ribeirão Preto, 2021.

1. Desenvolvimento de fala e linguagem. 2. Professor da
Educação Infantil. 3. Fonoaudiologia. I. Título.

CDD 610

CLAUDIA DE PAULA E SILVA BEZZON
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL NA CRIANÇA: UM ESTUDO
SOBRE A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR DA P'RE-ESCOLA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Educação da Universidade de Ribeirão Preto para obtenção do título de Mestre em Saúde e Educação.

Área de Concentração: Ensino de Ciências da Saúde

Data da defesa: 11 de maio de 2021

Resultado: Aprovado

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Karina de Melo Conte
Presidente/UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto

Tatiana Noronha de Souza

Profa. Dra. Tatiana Noronha de Souza
UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita



Profa. Dra. Silvia Sidnéia da Silva
UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto

RIBEIRÃO PRETO
2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho e a minha vida à minha família, onde sinto o perfume do amor e sorriso com o coração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Nossa Senhora e aos meus Anjinhos por terem me iluminado nesta jornada. Obrigada, por sempre me mostrarem o caminho, minha fé se renova a cada dia.

Ao meu marido, André Luiz Faim Bezzon, pelo amor, apoio e sempre um dizer para me tranquilizar nos momentos difíceis desta caminhada, gratidão e o meu eterno amor.

A minha filha Camila de Paula e Silva Bezzon e ao meu filho Pedro de Paula e Silva Bezzon, pela ajuda e compreensão nesta jornada, meu agradecimento e amor incondicional, TAMO muito.

Aos meus pais, Genésio Abádio de Paula e Silva e Shirley Zogby de Paula e Silva, pelas bençãos e incentivo junto as minhas conquistas. Meu amor e minha eterna gratidão.

A minha orientadora, Prof^a Dr^a Karina de Melo Conte, que acreditou no meu trabalho e no meu potencial, soube me conduzir com maestria, me fazendo refletir e ajudando a subir alguns degraus da minha vida acadêmica, minha especial admiração e gratidão.

Aos coordenadores da Secretaria Municipal de Educação, e as Diretoras das Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI), pela atenção e disposição de abrir os caminhos para que este estudo fosse realizado. Meu eterno carinho.

As professoras entrevistadas que contribuíram com a dimensão e a forma do objeto de estudo, sempre solícitas. Agradeço a todas e a cada uma em particular.

As professoras Sílvia Sidnéia Silva e Tatiana Noronha de Souza que aceitaram prontamente o convite de participar da banca e que muito contribuíram com os seus ensinamentos para o enriquecimento do trabalho. Minha gratidão do fundo do meu coração.

As minhas amigas do grupo de estudos do Mestrado Profissional em Saúde e Educação da Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP, pelo prazer do encontro, pelos momentos de convívio, ensaios, aprendizado, alegrias, risos e apoio mútuo. Com muita saudade, obrigada.

A toda a turma de Mestrado, professores, colegas e colaboradores que estiveram juntos nesta caminhada, obrigada pelo incentivo e as energias positivas.

A todos que de alguma forma ou de outra me ajudaram a chegar até aqui. Meu muito obrigada.

*“Quando as crianças brincam
E eu as oiço brincar,
Qualquer coisa em minha alma
Começa a se alegrar.*

*E toda aquela infância
Que não tive me vem,
Numa onda de alegria
Que não foi de ninguém.*

*Se quem fui é enigma,
E quem serei visão,
Quem sou ao menos sinto
Isto no coração.”*

Fernando Pessoa

RESUMO

BEZZON, C. de P. e S. Desenvolvimento da Linguagem Oral na Criança: um estudo sobre a percepção do professor da pré-escola. 140 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde e Educação), Universidade de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto-SP, 2021.

A linguagem é um fator primordial para o crescimento e o aprendizado da criança que desde o seu nascimento interage com o meio. Esta mesma linguagem dará subsídios para as aprendizagens futuras, na qual destaca-se a educação infantil, mais precisamente o período pré-escolar. A escola contribui de forma significativa para a aquisição e desenvolvimento da linguagem, é de suma importância que as professoras, atuando com crianças até 6 anos, tenham um bom conhecimento nesta área. Assim, o objetivo deste trabalho é conhecer o que as professoras atuantes na pré-escola da educação infantil sabem sobre o desenvolvimento da linguagem oral e como se percebem neste processo. Trata-se de um estudo qualitativo, realizado em um município do interior do Estado de São Paulo. Participaram deste estudo doze professores que atuam nas salas de aula na Educação Infantil, com crianças de 04 e 05 anos. Para coleta de dados utilizou-se como técnica de pesquisa a entrevista semiestruturada realizada pela plataforma Google Meet e os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo temática. Os resultados demonstram que com relação ao papel da Educação Infantil no desenvolvimento da linguagem oral, as professoras são unânimes em considerá-lo importante e mostram a preocupação em estimulá-las nas mais diversas áreas, ocasiões e de várias maneiras para que as experiências que tenham sejam proveitosas e que possam transformá-las e fazer com que cresçam e aprendam como um todo. Quanto à identificação de problemas de linguagem oral das crianças, as professoras utilizam a observação para a avaliação e levantam as possíveis dificuldades de fala e linguagem que as crianças de 04 e 05 anos possam ter, usando da sua experiência profissional para intervir. Aproximar-se e estreitar as relações entre a fonoaudiologia e as professoras da educação infantil com trocas de experiências, no âmbito, da saúde e educação, contribuirá significativamente com a qualidade do trabalho desenvolvido na educação infantil, agregando conhecimento de sua competência e contribuindo para o aprimoramento dos processos educativos

Palavras chave: Desenvolvimento de fala e linguagem. Professor da Educação Infantil. Fonoaudiologia.

ABSTRACT

BEZZON, C. de P. e S. Desenvolvimento da Linguagem Oral na Criança: um estudo sobre a percepção do professor da pré-escola. 140 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde e Educação), Universidade de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto-SP, 2021.

Language is a primary factor for the development and learning of the child who, since birth, interacts with the environment. This same language will provide subsidies for future learning, in which we highlight early childhood education, more precisely the pre-school period. The school contributes significantly to the acquisition and development of language, it is of great importance that teachers, working with children up to 6 years old, have knowledge and guidance regarding the development of the child's language and ways to provide their best development. Thus, the objective of this work is to know what the teachers - who work in the preschool of early childhood education - know about the development of oral language and how they perceive themselves in this process. This is a qualitative study, carried out in a municipality in the interior of the State of São Paulo. Twelve teachers participated in this study who work in the classrooms in Early Childhood Education, with children of 4 and 5 years old. For data collection, the semi-structured interview conducted by the google meet platform was used as a research technique, and the data were analyzed based on thematic content analysis. The results demonstrate that with regard to the role of Early Childhood Education in the development of oral language, teachers are unanimous in considering it important and show the concern to stimulate them in the most diverse areas, occasions and in various ways so that the experiences may be profitable and that can transform them and make them grow and learn as a whole. As for the identification of children's oral language problems, the teachers use observation for assessment and briefly identify the possible speech and language difficulties that children aged four and five may have, using their professional experience to intervene. Getting closer to the relationship between speech therapy and early childhood education teachers with experiences exchanges, that is, between health and education, will significantly contribute to the quality of the work developed in early childhood education, adding knowledge of their competence and contributing to the improvement of educational processes.

Keywords: Speech and language development. Early childhood education Teacher. Speech therapy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Janela de oportunidade para aprendizagem de novas habilidades	24
Figura 2 – Representação Gráfica da localização dos Distritos de acordo com a SMS do município que o estudo foi realizado.	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Idade da aquisição dos fonemas referente as letras.....	23
Quadro 2 - Aprendizagem e desenvolvimento específicos com relação à linguagem oral e escrita.....	29
Quadro 3 - Guião de Entrevista (definição dos blocos).....	39
Quadro 4 - Guião de Entrevista (roteiro de entrevista).....	40
Quadro 5 - Caracterização das escolas participantes na primeira etapa.....	45
Quadro 6 - Relação de professores especialistas de Artes e Educação Física por EMEI.....	46
Quadro 7 - Caracterização dos participantes da 2ª etapa.....	47
Quadro 8 - Grau de afinidades das múltiplas linguagens referidas e apresentado pelos professores estudados da Educação Infantil.....	51

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEI	Centro de Educação Infantil e Creches conveniadas
EERP	Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PMRP	Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto
PNE	Plano Nacional de Educação
PNPS	Política Nacional de Promoção da Saúde
PROASE	Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar
PSE	Programa Saúde na Escola
SME	Secretaria Municipal da Educação
SMS	Secretaria Municipal da Saúde
SP	São Paulo
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
UBDS	Unidade Básica Distrital de Saúde
UNAERP	Universidade de Ribeirão Preto
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 JUSTIFICATIVA.....	16
1.2 OBJETIVO GERAL.....	17
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	17
2 REVISÃO DA LITERATURA	19
2.1 COMUNICAÇÃO, FALA E LINGUAGEM NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	19
2.2 PAPEL DA ESCOLA E PROFESSOR PARA IDENTIFICAR AS DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO, FALA E LINGUAGEM.....	25
2.3 EDUCAÇÃO E SAÚDE: UMA PARCERIA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM	31
3 METODOLOGIA.....	36
3.1 NATUREZA DO ESTUDO	36
3.2 LOCAL DO ESTUDO.....	36
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA	37
3.3.1 Critérios de Inclusão.....	38
3.3.2 Critérios de Exclusão	38
3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	38
3.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	41
3.6 ANÁLISE DOS DADOS	42
3.7 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS.....	43
3.8 CRITÉRIOS PARA SUSPENDER OU ENCERRAR A PESQUISA	44
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	45
4.1 PAPEL DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL (BLOCO B)	55
4.2 IDENTIFICAÇÃO DE PROBLEMAS DE LINGUAGEM ORAL DAS CRIANÇAS (BLOCO C)	67
4.3 O TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A PANDEMIA.....	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
APÊNDICE I.....	103
APÊNDICE II.....	106
APÊNDICE III.....	109
ANEXO A	110
ANEXO B	111
ANEXO C	114

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Claudia de Paula e Silva Bezzon, sou fonoaudióloga e trabalho na Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, Secretaria Municipal da Saúde, na Unidade Básica Distrital de Saúde (UBDS) Castelo Branco, desde 1991.

Iniciei meu trabalho junto ao Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar (PROASE), parceria entre a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) e a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP/USP), e fazíamos um trabalho de prevenção e promoção junto às escolas municipais e estaduais de Ribeirão Preto, dando palestras aos professores e fazendo triagens fonoaudiológicas com os alunos e atendendo aos escolares de 03 a 14 anos de idade, que tivessem dificuldades de fala e linguagem, distúrbio articulatorio, distúrbio de leitura e escrita, gagueira fisiológica e motricidade orofacial.

O PROASE atua na rede pública de ensino de Ribeirão Preto, desde 1985, através de um convênio firmado entre a EERP/USP e a Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto (PMRP), tendo como interveniente a SMS. O objetivo deste Programa é promover a atenção integral à saúde da criança e do adolescente em idade escolar, compreendendo ações de promoção, preservação e recuperação da saúde, por meio da rede de serviços e da ação integrada entre os setores Saúde e Educação, além de outros programas e instituições, contribuindo assim para a melhoria da saúde, e conseqüentemente, do processo de desenvolvimento e formação integral da criança e do adolescente.

Ao longo dos anos, o trabalho fonoaudiológico na Rede Municipal de Saúde foi se transformando e nós profissionais ficamos nas UBDS. Os atendimentos fonoaudiológicos da Rede Municipal de Saúde acontecem, atualmente, nas Unidades de Saúde apenas com a fonoterapia.

Apesar dos avanços que o Setor de Fonoaudiologia da SMS teve ao longo dos anos, o trabalho junto às escolas com os professores foi deixado em segundo plano, as crianças têm chegado para a terapia com idade avançada quando o quadro fonêmico já deveria estar completo. A criança adquirir todos os sons por volta dos cinco anos de idade.

A escolha de fazer o Mestrado Profissional em Saúde e Educação foi associar a prática fonoaudiológica de 28 anos em saúde pública com a pesquisa e trazer para o meu trabalho o pensar científico.

Trabalhar com os professores das escolas de Educação Infantil do município de Ribeirão Preto – Distrito Leste, é fazer um saber promocional, é trabalhar com o futuro, pois estes desenvolvem e ajudam a construir o saber das crianças. Portanto, minha inquietação é identificar a percepção dos professores frente ao desenvolvimento de fala e linguagem e suas dificuldades, descobrir o modo como trabalham com a comunicação e seus déficits como o encaminhamento fonoaudiológico da rede poderá ser realizado de modo que os alunos, da pré-escola, consigam fechar o quadro fonêmico antes do início da alfabetização.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é um fator primordial para o desenvolvimento e o aprendizado da criança que desde o seu nascimento interage com o meio. Esta mesma linguagem dará subsídios para as aprendizagens futuras, na qual destaca-se a educação infantil, mais precisamente, o período pré-escolar.

Historicamente, a Educação Infantil era vista como uma instituição de cunho assistencial, cujo foco estava centrado apenas no cuidar sem destaque na formação da criança, atender as necessidades do aluno e de ocupar, em muitos aspectos, o lugar da família (MAGALHÃES, 2017).

No Brasil, a Educação Infantil (creches e pré-escolas) é assegurada pela Constituição Federal de 1988 para as crianças de zero a cinco anos de idade, assim, o olhar a respeito da infância começa a mudar e acaba se consolidando em forma de lei. O artigo 2.9 da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394-96 (LDB), rege a Educação Infantil sendo a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. O que antes era apenas um local de assistencialismo, guarda e recreação, passa a ter um caráter formador, aprimorando valores e atitudes, desenvolvendo, desde a mais tenra idade, o sentido da observação, despertando a curiosidade intelectual nas crianças, capacitando-as a buscar informações, onde quer que elas estejam, para usá-las no seu cotidiano (BRASIL,1996).

Com o passar dos anos, este nível de ensino, educação infantil, tem seu papel ressignificado, cujo cuidar e o educar passaram a ser vistos de forma articulada e norte para todas as ações docentes. O novo olhar para a educação infantil, altera a forma como este período de desenvolvimento da criança deve ser estimulado e trabalhado no processo educativo, especialmente no que diz respeito à linguagem e as novas exigências relacionadas à linguagem oral e escrita.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009, p. 18), com relação à linguagem propõem no art. 9º que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

- II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;
- III - possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

Trabalhar com as diferentes linguagens das crianças compreende elaborar com elas e para elas, ambientes estimulantes e com materiais diversos, garantindo a aproximação da arte em várias formas, como teatro, dança, música e literatura, ampliando assim o olhar além do contexto escolar. Será por meio das interações e com as múltiplas linguagens e suas experiências, que a criança construirá o aprendizado, fazendo com que as mesmas desenvolvam autonomia e capacidade de se relacionar, expressar as ideias e quiçá através das diferentes linguagens, plásticas, musical, corporal, artística, que a linguagem oral se enriquecerá.

Aspectos também ressaltados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) ao destacar que a Educação Infantil, é um importante local provedor de experiências, onde as crianças possam ter espaço para falar e ouvir, intensificando sua participação na oralidade, pois é na hora das rodas de histórias, nas conversas, nas descrições, na elaboração de narrativas, individual ou em grupo e no envolvimento com as múltiplas linguagens que a criança se constrói ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social.

As crianças passam boa parte do seu dia nas salas de aula das EMEI, e estas são consideradas espaços privilegiados para a estimulação da linguagem oral, bem como a identificação precoce dos problemas que possam aparecer.

A construção do desenvolvimento da linguagem oral é sentida e percebida na Educação Infantil, sua estimulação e a detecção de possíveis problemas na linguagem oral. Neste sentido, o papel do professor de educação infantil na estimulação, identificação e sinalização de problemas na linguagem é crucial para que as crianças possam ser avaliadas por especialistas e encaminhadas para apoios adequados, quando necessário.

Reconhecendo a importância da linguagem no desenvolvimento da criança no período pré-escolar, as bases legais e curriculares que norteiam a educação infantil, entre elas, a Constituição Brasileira, outorgada em 1988, a LDB nº 9.394, promulgada em 20 de dezembro de 1996 que reconhece, em seus artigos 29 e 30, a educação infantil como a primeira etapa da educação básica. Para o(a) professor(a)

deste nível de ensino, é fundamental que seja capaz de promover situações de aprendizagem e desenvolver este aspecto nas crianças de 4 e 5 anos, possa também, identificar precocemente os possíveis problemas de linguagem oral que poderão influenciar ou dificultar o desenvolvimento das mesmas.

É na educação infantil que a maioria de nossas crianças terá o seu primeiro contato com uma educação formal, que pretende complementar a educação recebida no seio familiar e na sociedade. Por isso, esse nível de educação requer profissionais competentes que possuam as habilidades e competências necessárias para lidar com as especificidades dessa faixa etária.

Todos os pontos tratados até este momento nos levam a refletir sobre as seguintes questões: os professores que atuam na educação infantil conhecem o desenvolvimento da fala e linguagem oral das crianças de 04 e 05 anos, bem como as possíveis dificuldades e atrasos na linguagem oral?

1.1 JUSTIFICATIVA

A LDB nº 9394/1996 (BRASIL, 1996) contempla que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica que tem como função educar e cuidar da criança de zero a 05 anos de idade; promovendo seu desenvolvimento integral em conjunto com a família. Olhando para o desenvolvimento integral da criança falamos de cognição, afetividade, socialização, lucidez e as diferentes linguagens, entre elas a linguagem oral, a qual será enfatizada nesse estudo.

Portanto, é preciso considerar a Educação Infantil como o espaço escolar que tem como objetivo a promoção de experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, participar na cultura oral, escutar histórias, participar em conversas, descrever, narrar e aprender as múltiplas linguagens que a constitui como sujeito singular.

Curado e Abreu (2017) relatam a importância do professor da Educação Infantil na aquisição da linguagem oral, este trabalha com a linguagem oral ao longo do processo educacional, ajuda na sociabilização na exposição das ideias, é ele o meio de ligação para enviar as informações às crianças, ajudar na construção da linguagem. Segundo a autora é evidente a falta de conhecimento dos professores para contribuir no processo de aquisição da linguagem oral das crianças da Educação Infantil, bem como olhar para os possíveis problemas que possam surgir

neste processo e sugere a necessidade de aprimorar tais conhecimentos e busca contemplar as práticas orais como fator primordial em sala de aula.

Neste sentido, é de extrema importância aproximar o professor da educação infantil e o fonoaudiólogo, cujo objeto de estudo é a comunicação, como forma de integração social do indivíduo por meio das diversas modalidades da linguagem, uma vez que possibilita ao indivíduo se colocar como agente transformador da sociedade e de sua realidade (MOUSINHO et al., 2008).

Assim, entendemos que o profissional da educação infantil ao conhecer com mais profundidade o desenvolvimento de fala e linguagem oral das crianças de 04 e 05 anos, bem como as possíveis dificuldades e atrasos na linguagem oral poderá contribuir para o pleno desenvolvimento da criança.

Os professores, assim como os profissionais que fazem parte da história das crianças devem estar atentos para os sinais de alerta e fatores de risco para alterações no desenvolvimento da linguagem (BEE, 1996; ZORZI, 2004; PRATES, 2011; ROTTA, 2016).

Segundo Mousinho et al. (2008), as falhas na aquisição e no desenvolvimento fonológico, como problemas na produção dos sons da fala ou discriminação dos mesmos, podem refletir na leitura e/ou na escrita. Então podem levar a criança, por exemplo, a trocar, omitir ou transpor fonemas ou grafemas. A criança demoraria a adquirir a autonomia dos processos de leitura e escrita ou pode culminar com problemas maiores.

1.2 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral do estudo é conhecer o que os professores atuantes na pré-escola sabem sobre o desenvolvimento da linguagem oral e como se percebem neste processo.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos são:

- Investigar o olhar das professoras sobre o papel da Educação Infantil no desenvolvimento da linguagem oral da criança.

- Identificar a percepção das professoras sobre os possíveis problemas de linguagem oral que podem surgir nesta faixa etária.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Nessa seção apresenta-se a revisão de literatura que contempla os contextos de comunicação, fala e linguagem no desenvolvimento infantil, o papel da escola e do professor para identificar as dificuldades da comunicação, fala e linguagem e a educação e saúde.

2.1 COMUNICAÇÃO, FALA E LINGUAGEM NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A linguagem é um fator primordial para o desenvolvimento e o aprendizado da criança, a sustentação linguística indispensável para a aquisição da leitura e escrita é a linguagem oral (MOUSINHO et al., 2008). Os autores consideram que a aquisição da linguagem oral depende de uma integridade e bom desenvolvimento das estruturas cerebrais, sem intercorrências no parto, e de uma boa interação social. Muito se discute sobre a linguagem ser inata ou aprendida, mas vários estudiosos concordam que existe uma interação na qualidade dos estímulos recebidos do meio e o que a criança traz no seu biológico; qualquer alteração em uma das partes poderá acarretar dificuldades na aquisição da linguagem.

Os termos comunicação, fala e linguagem são comumente usados como sinônimos no cotidiano, mas possuem conceitos distintos. Somos seres sociais e estamos sempre nos comunicando com palavras, gestos ou até mesmo com olhares, enviamos mensagens que são percebidas pelos interlocutores. Faz parte da nossa condição de seres sociais; por mais que tentemos não conseguimos deixar de nos comunicar (SIM-SIM, 1998).

Silva (2014) relata modos possíveis para estabelecermos a comunicação uns com os outros podendo ser variado, integrando várias linguagens: oral, escrita, visual ou musical.

A comunicação é entendida por um processo complexo e vivo de troca de informações, que envolve a codificação, transmissão e a decodificação de uma mensagem entre duas ou mais pessoas (SIM-SIM, 1998). Para uma comunicação eficiente é imprescindível que os intervenientes dominem um código comum (sistema de sinais utilizado para transmitir a mensagem), e utilizem o canal de comunicação apropriado, através do qual a mensagem será transmitida. No sistema

de comunicação temos suportes para transmitir as mensagens, destacamos dois modos: a fala e a escrita, a saber, na fala usamos os sons da língua materna e na escrita usamos os grafemas pertencentes à língua e conhecidos para nos expressarmos.

Ferreira (2013) enfatiza que a fala e a linguagem fazem parte de um processo amplo, sendo a comunicação a primeira função da linguagem, e linguagem parte importante deste processo comunicativo é um instrumento social. Portanto, por natureza somos comunicadores, e o ato de comunicar constitui uma experiência central no desenvolvimento da criança em que existe um foco comum de atenção e a cooperação na partilha de significados (SIM-SIM et al., 2008 apud FORMIGA, 2016).

A linguagem é a principal forma de comunicação dos seres humanos. Todas as línguas possuem um conjunto infindável de símbolos combinados de forma organizada, tornando possível a troca de mensagens entre os humanos (ACOSTA, et al., 2003).

A língua é definida como um sistema dinâmico e complexo de símbolos convencionais que usamos para o pensamento e a comunicação (*AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION - ASHA, 1982*). Os pensadores contemporâneos da linguagem humana sustentam que a linguagem evolui de diferentes maneiras dentro de contextos históricos, culturais e sociais específicos; a linguagem se estabelece por regras, definida como um sistema convencional de símbolos arbitrários que são combinados de modo sistemático e orientados para entender e transmitir informações. O aprendizado e o uso de idiomas são determinados pela interação de fatores biológicos, cognitivos, psicossociais e ambientais. O uso da linguagem para a comunicação necessita da interação humana, incluindo fatores associados, como dicas não verbais, motivação e papéis socioculturais.

Em estudos sobre a aquisição da linguagem, Germano (2011) afirma que este é um processo que ocorre de modo espontâneo e por etapas. Quando falamos em aquisição e desenvolvimento da linguagem, referimo-nos às modificações quantitativas e qualitativas, por parte do falante, que estão envolvidas no processo do conhecimento linguístico.

Ao considerar a universalidade do desenvolvimento linguístico, podemos afirmar que qualquer criança adquire a língua da comunidade em que se encontra

inserida, bastando para isso que esta esteja exposta, ou seja, que ouse falar e que interajam a esse nível. A fala é definida por Sim-Sim (1998) como a verbalização da linguagem na variante fônica, realizada por meio do processo dos sons articulados, ou seja, a fala é a vertente oral da linguagem (SILVA, 2014).

Sabemos que o desenvolvimento da fala depende da maturação neurológica, fisiológica, anatômica e da coordenação, assim como de um ambiente linguisticamente envolvente, estimulante e de um desenvolvimento socioafetivo harmonioso (GERMANO, 2011), a aquisição de linguagem dentro dos padrões da normalidade depende de um aparato neurobiológico e social, de um bom desenvolvimento das estruturas cerebrais, sem intercorrências no parto e uma boa interação, bem como uma integridade auditiva.

É importante termos uma referência deste desenvolvimento, alguns marcos para nos orientar e sabendo que podem existir pequenas variações nesse desenvolvimento como um todo. Estamos nos orientando pelos estudos de Prates (2011), Bee (1996), Zorzi (2004) e Rotta (2016).

Ao nascer, a criança começa a se comunicar através de olhares, choros e gestos e a partir da terceira semana, o choro do bebê começa a se diferenciar com variação de entonação, de acordo com suas necessidades de fome, dor, sono, entre outros. Ao passar dos meses, observamos que a criança começa a interagir mais, prestando atenção aos sons, acalmando-se ao ouvir a voz da mãe, sorrindo ao interagir com outras crianças ou adultos (BEE, 1996).

Dos 02 aos 04 meses durante os momentos de interação com o papai a mamãe, e ou as pessoas do seu convívio, a criança começa a responder a este momento de diálogo emitindo vocalizações, como “Aaaahhh”. A partir do quarto ao sexto mês de vida, observamos o balbucio, jogos vocais que nada mais é do que o brincar da criança com a voz, dando entonações e intensidades variadas às vocalizações (PRATES, 2011; ROTTA, 2016).

Dos 06 meses ao 1º ano numa evolução, o brincar com a voz passa a ter a movimentação constante dos órgãos fonoarticulatórios, responsáveis pela produção da fala (lábios, língua e palato). O bebê começa a produzir não só vogais, mas também algumas sequências de consoantes (ainda sem o significado) como “angu” e “mamamama”, e os pais continuam a interpretar estas vocalizações, como “mama” para mamar ou para mamãe e “papa” para papar ou para papai (BEE, 1996; ZORZI, 2004).

Quanto à compreensão, podemos observar que a criança já consegue responder quando é chamada pelo nome, sabe o significado de expressões simples como “não”, “tchau”, “dá”, “vem”, até ordens curtas, como “me dá a bola”. Completando o primeiro ano de vida, surgem as primeiras palavras com significado. Geralmente são “mamãe” ou “papai” tanto pelo peso desta informação na vida do bebê quanto pelo fato de ambas serem formadas por consoantes cujos sons (fonemas) são de fácil produção (PRATES, 2011; ZORZI, 2004).

De acordo com Prates (2011) e Zorzi (2004), nesta idade a criança encontra-se em fase de aquisição de vocabulário, sendo mais acentuada a partir dos 18 meses. É a fase “esponjinha”, a criança está aberta para aprender, em que muito do que ouve ela aprende a falar. Ela já compreende o significado de diversos nomes (de pessoas, objetos e verbos) e consegue manter pequenos diálogos. Vale lembrar que nesta fase de aquisição é comum que a criança fale as palavras alteradas, pois ela ainda não aprendeu todos os sons das consoantes. Assim, neste período devemos nos atentar ao número de palavras que ela sabe, não tanto ao como ela fala.

De 02 a 03 anos, ocorre um importante aumento do vocabulário. Com cerca de 200 a 400 palavras, a criança começa a se expressar a partir de frases com 02, 03 a 04 palavras. Por exemplo: “mamãe qué”, “qué comer não” ou “brincá bola vamu?”. Já consegue contar pequenas histórias, com a ajuda de um adulto, bem como representar suas atividades diárias em brincadeiras com bonecos e de “casinha” (BEE, 1996; ROTTA, 2016).

Com 03 a 04 anos, seu vocabulário é ainda maior (com até 600 palavras). Assim, já é possível observar o uso de preposições (ex. em cima, com e atrás), plural, sentimentos e frases longas (até 06 palavras) no presente, passado e futuro. Mantém um diálogo sem dificuldades, e as histórias que conta com mais detalhes. Apesar de ter ainda algumas trocas, sua fala é facilmente compreendida (BEE, 1996; PRATES, 2011).

Dos 04 aos 05 anos, a criança já conta histórias sem a ajuda do adulto ou de figuras. Usa facilmente frases maiores, com adequada noção de tempo e condições (“eu só vou brincar se for de carrinho”). Ainda apresenta dificuldade na flexão verbal em alguns momentos, mas é facilmente compreendida, pois falam praticamente todos os sons, todos os fonemas. Nesta idade a criança já fechou o quadro fonêmico, ou seja, deve estar falando semelhante a um adulto, ter todos os sons da

nossa língua. Com 05 a 06 anos, mantém conversa e gosta de contar as suas histórias com mais detalhes, começa a ter noção temporal (ontem, hoje, amanhã, tarde e noite) e inicia a alfabetização (ROTTA, 2016; ZORZI, 2004).

Os autores Wertzner (2004), Zorzi (2004) e Mousinho et al. (2008) relatam que as crianças até os três anos possuem o inventário fonético composto pelos fonemas referente às letras p, t, k, b, d, g, f, s, x, v, z, j, l, m, n, nh; aos quatro anos passam a adquirir os fonemas que são referenciados pelas letras lh, s (ao final da sílaba, exemplos pasta e festa), r (ao final da sílaba, exemplo carta) e o fonema r (exemplo barata), ao final dos quatro e cinco anos de idade a criança deve estar adquirindo todo o inventário fonético com a verbalização dos sons l em encontro consonantal (exemplos planta e clube) e r em encontro consonantal (exemplos prego e frio), fechando assim o seu quadro fonêmico. No Quadro 1 há uma referência do que esperar quanto à produção dos fonemas, de acordo com a idade cronológica.

Quadro 1 - Idade da aquisição dos fonemas referente as letras

IDADE	FONEMAS REFERENTE ÀS LETRAS
1 a 3 anos	p, t, k, b, d, g, f, s, x, v, z, j, l, m, n, nh
4 anos	lh, s (ao final da sílaba ex, pasta, festa) R (ao final da sílaba ex, carta, perto) r (ex. barata, parede)
4 – 5 anos	l em encontro consonantal (ex. planta, clube) r em encontro consonantal (ex. prego, frio)

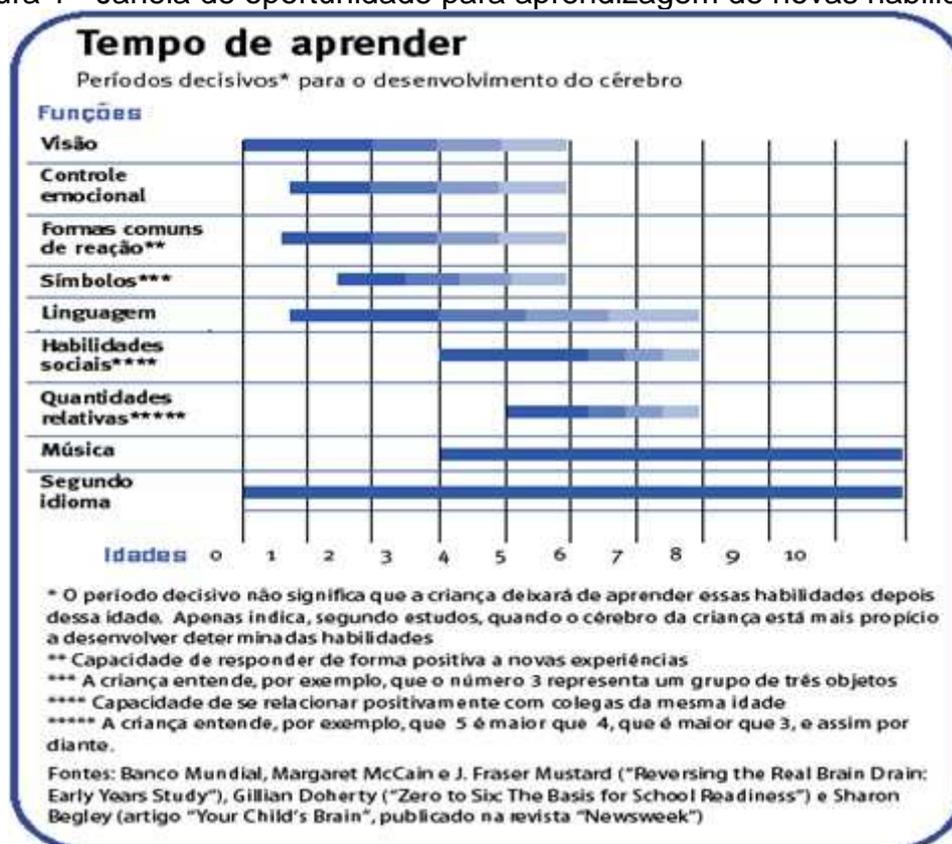
Fonte: Adaptado de WERTZNER (2004); ZORZI (2004); MOUSINHO et al. (2008)

Estas etapas são importantes e precisamos estar atentos, principalmente os professores, pois é no ambiente escolar que a comunicação, fala e linguagem serão desenvolvidas em todas as ações educativas.

A Educação Infantil atende crianças em uma fase da vida que ocorre intensas transformações na estrutura cerebral, promovendo aquisição e ampliação de habilidades básicas que servirão de base para habilidades mais complexas (CRESPI; NORO; NÓBILE, 2020).

Na Figura 1 apresenta-se o período crítico para o desenvolvimento das habilidades de acordo com Góis (2004).

Figura 1 - Janela de oportunidade para aprendizagem de novas habilidades



Fonte: GOIS (2004, s.p)

A discussão do estudo de Crespi, Noro e Nóbile (2020), sobre o desenvolvimento infantil nos primeiros anos de vida da criança, são extremamente relevantes, sendo um período de intensas mudanças fisiológicas, cognitivas e comportamentais. Os autores entendem que o desenvolvimento neurológico infantil está ligado aos fatores genéticos e ambientais, bem como aos fatores sociais e afetivos. A criança aprende e adquire novas habilidades com as experiências que vivencia e a forma de interagir com o que lhe é apresentado, vale ressaltar que cada criança é única e tem um ritmo de aprendizagem. São grandes evidências de que a primeira infância constitui a janela de oportunidades (Figura 1) em termos de desenvolvimento a educação infantil precisa estar atenta para oferecer à criança um contexto escolar seguro e estimulante, um programa pedagógico que aproveite a oportunidade dos períodos críticos dessa fase da vida (CRESPI; NORO; NÓBILE, 2020).

Entendemos então que as crianças da educação infantil vivem no período da janela de oportunidades, portanto, é de suma importância o modo e a forma como

são ofertados estes estímulos, ficando a cargo das professoras a atenção a este período. Não podemos esquecer que o fato de existir este período crítico de aprendizado, isso não significa que passado este momento as crianças não aprenderão, apenas que segundo o estudo este é o tempo determinado que o cérebro está mais apto a receber estímulos que facilitará o seu aprendizado e o seu desenvolvimento (GÓIS, 2004).

Conforme Góis (2004) e Crespi, Noro e Nóbile (2020), a educação infantil é a fase de grande aprendizado, as professoras precisam ficar atentas ao desenvolvimento da linguagem oral e suas possíveis dificuldades.

Segundo Zorzi (2000), as alterações da linguagem infantil devem ser de conhecimento de todos os profissionais que trabalham com crianças a fim de que estes possam saber como lidar, orientar e encaminhar as crianças que, por algum motivo, não estejam conseguindo evoluir satisfatoriamente.

Há um conjunto de evidências nos mostrando que a aprendizagem da linguagem é influenciada por muitos aspectos da experiência e das potencialidades humanas (VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV, 1989; BRASIL, 1998; OLIVEIRA, 2000).

Durante os anos pré-escolares, o padrão das sentenças torna-se cada vez mais complexo e o vocabulário diversifica-se, passando a incluir termos relacionais que expressam noções de tamanho, localização, quantidade e tempo. Por volta dos quatro aos seis anos de idade, a maioria das crianças já adquiriu a gramática básica da sentença. A partir daí a criança aprende a utilizar a linguagem de forma mais eficiente, consegue fazer narrativas maiores.

Zorzi (1994, 1999) nos mostra em seus estudos que crianças que apresentam dificuldades na aquisição da leitura e escrita ou problemas significativos de aprendizagem escolar, vem com frequência, de uma história de atraso de aquisição da linguagem, nos mostrando assim que necessitamos ter um olhar maior e mais atento às crianças e ao desenvolvimento de fala e linguagem.

2.2 PAPEL DA ESCOLA E PROFESSOR PARA IDENTIFICAR AS DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO, FALA E LINGUAGEM

Novos fazeres, tendências e condições estão se estabelecendo nas escolas de educação infantil, estas mudanças têm se dado pela conjunção de três fatores. O primeiro refere-se ao aumento da demanda, o segundo à construção do

conhecimento sobre o desenvolvimento da criança e a Educação Infantil, e por fim, o terceiro fator trata-se do desenvolvimento de políticas públicas na área (ROSSETI-FERREIRA, 2003). A Educação Infantil, segundo a autora, tem o desafio de compreender o desenvolvimento da criança no contexto coletivo, diversas pesquisas baseadas em teorias e na vivência dos professores têm contribuído para desenvolver e criar um ambiente de qualidade para o educando infantil, bem como a educação continuada do professor. É com este olhar que a Educação Infantil está sendo construída, pensando em espaços seguros, estimulantes e adequados para o desenvolvimento da criança.

A escola deve ser entendida como um destes espaços de fundamental importância, que a escola tenha um trabalho pedagógico voltado para a oralidade, visto que proporciona participação mais ativa das crianças nas salas e as mesmas passam a expressar seus pensamentos, criticam e emitem suas opiniões, formam os seus conceitos, uma vez que essas atividades têm conformidade e significado na vida de cada uma delas, tendo em vista que vive em uma sociedade permeada pela linguagem oral e escrita. Portanto, trabalhar a linguagem oral e escrita na educação infantil, de forma significativa e lúdica constituindo-se em uma forma de aprendizagem mais prazerosa (SILVA et al., 2014).

Visando ampliar os conhecimentos das professoras sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e com o intuito de aproximar cada vez mais a prática da teoria, a formação continuada tem um papel fundamental nesse processo, pois é nesse momento que o profissional se apropria de novos conhecimentos empoderando-se e criando novas estratégias a sua prática pedagógica.

Na esfera educacional, pode-se afirmar, que a LDB (BRASIL, 1996), representou e representa um marco para a sistematização e valorização da formação dos professores, estabelecendo e ressaltando, a importância da formação inicial e continuada desses profissionais. Muitas redes de ensino, instituíram, a partir da lei vigente, os seus programas de formação continuada em serviço, para contribuir com a formação permanente dos seus docentes.

Junto a formação continuada a professora da educação vai ampliar seus saberes, aprender a refletir sobre sua prática pedagógica, e desta forma ter clareza nas ações que pretende desenvolver com os alunos em seu cotidiano.

No estudo de Silva e Diniz (2020), as participantes revelaram entender a formação continuada como um momento fundamental dentro de sua profissão, pois possibilitam fundamentar e apoiar a sua prática no cotidiano escolar, de forma constante. As narrativas apontam que os conhecimentos construídos e compartilhados nos momentos da formação continuada as instrumentalizam a exercer e qualificar a sua profissão, pensando em atender as necessidades de suas crianças, construindo um repertório que possibilite planejar e oferecer propostas condizentes com a faixa etária das crianças, com a cultura da infância.

As autoras continuam nos mostrando que as professoras desejam trazer na educação continuada as questões que se apresentam no cotidiano, exercendo a sua própria voz, participando horizontalmente e não recebendo programas prontos, que não tenham significado para o exercício de sua profissão. Expressaram também a ideia e o desejo de ter contato direto com pesquisadores e com os colegas de outras unidades escolares, para melhorar e enriquecer seus estudos. Trabalhar e aprender como lidar com a estimulação e a promoção do desenvolvimento de fala e linguagem é uma tarefa pertinente na educação continuada dos professores.

A Educação Infantil vem buscando superar o entendimento de linguagem, não apenas como uma linguagem oral, mais pensando que a criança aprende com as várias linguagens, pensando na criança holisticamente. O aluno se comunica e se expressa por meio de múltiplas linguagens, podemos destacar: a musical, a artística, a matemática e a audiovisual. Então, devemos educar os nossos alunos com metodologias que proporcionem os mesmos a se maravilhar com o simples, experimentando, investigando, descobrindo, fantasiando e criando sua cultura infantil, e estando este pertencente a um contexto social (GONÇALVES; ANTONIO, 2007).

Observa-se que as práticas pedagógicas na Educação Infantil devem objetivar a introdução da criança em diferentes linguagens, porém não de forma isolada, mas vendo-a integralmente, e interligadas. Essa gama de atividades possibilita a criança o domínio de vários gêneros e formas de expressão, bem como as vivências com o meio sociocultural.

Desse modo, considerar as diferentes linguagens implica na aproximação e ampliação de manifestações artísticas culturais, que ultrapassam o contexto escolar (GOBBI, 2010).

Com este olhar, falar em múltiplas linguagens é falar em possibilitar o desenvolvimento integral da criança, na sua expressão, comunicação, organização, movimentação e imaginação. É importante lembrar que as múltiplas linguagens estão expressas nas Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (BRASIL, 2010), o que representa sua relevância e obrigatoriedade de estarem inseridas na Educação Infantil, e principalmente, no cotidiano das crianças e das professoras.

A criança ao ter contato com a linguagem passa a se compreender como sujeito, estabelecendo interações e trocas de experiências. Sendo assim, é essencial que as professoras proporcionem situações lúdicas pedagógicas, criativas e de aprendizagem. Situações que contemplem a linguagem das artes através da pintura, desenho, recorte, colagem, modelagem, entre outras, que contemplem a linguagem corporal por meio de brincadeiras no espaço externo, como: brincar na areia, com água e argila (GOBBI, 2010).

Ainda segundo Gobbi (2020), é de suma importância desenvolver um trabalho educativo amparado nos documentos que regem a educação municipal, considerando que a professora deve ter em vista à ampliação dos conhecimentos, da aprendizagem e do desenvolvimento da criança. As múltiplas linguagens ocorrem quando a criança é estimulada a explorar o ambiente, por meio de brincadeiras sempre com vivências significativas, conseguindo expressar seus sentimentos, suas emoções, o seu pensar e suas opiniões.

A BNCC (BRASIL, 2018) possui objetivos de aprendizagem e desenvolvimento específicos com relação à linguagem oral e escrita, nos diferentes campos de experiências das crianças na pré-escola (Quadro 2).

Para que o trabalho com as crianças na Educação Infantil seja realizado de forma integral e holística, há a necessidade de conhecer o desenvolvimento de fala e linguagem e o desenvolvimento da criança como um todo, e estar sempre se comunicando oralmente com os alunos, os diálogos precisam acontecer, pois é através das relações sociais de troca que o desenvolvimento acontece, pois todo o conhecimento e o aprendizado das múltiplas linguagens é entrelaçado pela linguagem verbal (BRASIL, 2018).

O objetivo proposto pelo documento exige que o professor promova o desenvolvimento da linguagem de modo que a criança ao final da pré-escola seja capaz de expressar suas ideias, sentimentos de diferentes formas; argumentar, relatar oralmente, em sequência temporal e causal os fatos; ouvir, contar, recontar,

criar narrativas, compreender e se fazer compreendida, além de conhecer os diferentes gêneros e portadores textuais, enfim, demonstrar compreensão da função social da escrita e reconhecendo a leitura como fonte de prazer e informação (BRASIL, 2018).

Quadro 2 - Aprendizagem e desenvolvimento específicos com relação à linguagem oral e escrita.

"O eu, o outro e o nós"	(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.
"Corpo, gestos e movimentos"	(EI03EO04) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.
Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações	<p>(EI03ET02) Observar e descrever mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações sobre eles, em experimentos envolvendo fenômenos naturais e artificiais.</p> <p>(EI03ET03) Identificar e selecionar fontes de informações, para responder a questões sobre a natureza, seus fenômenos, sua conservação.</p> <p>(EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.</p> <p>(EI03ET06) Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.</p>
Escuta, fala, pensamento e imaginação	<p>(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.</p> <p>(EI03EF02) Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.</p> <p>(EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.</p> <p>(EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.</p> <p>(EI03EF05) Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba.</p> <p>(EI03EF06) Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.</p> <p>(EI03EF07) Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.</p> <p>(EI03EF08) Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.). (EI03EF09) Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.</p>

Fonte: BRASIL (2018, p. 18)

No entanto, as crianças podem apresentar diferentes ritmos no desenvolvimento da linguagem, contudo, é fundamental que se definam os limites

que configuram o padrão da normalidade. Castro e Gomes (2000, p. 60) referem que é possível identificar comportamentos que funcionam como sinais de alarme:

- (a) quando aos 18 meses a criança não compreende ordens simples;
- (b) quando com dois anos completos a criança não diz nenhuma palavra;
- (c) quando aos três anos não forma frases com, pelo menos, três palavras;
- (d) quando aos quatro anos produz frases totalmente agramaticais;
- (e) quando aos cinco anos articulam as consoantes líquidas e sibilantes com omissões ou alterações.

Várias características fazem parte da evolução e do aprendizado; devemos ficar atentos quando as fases se tornam persistentes e passam a incomodar alguma área do desenvolvimento. Não podemos nos esquecer ainda, que nem todas as características estarão presentes nas crianças, no entanto, é preciso estar atento para três aspectos relacionados à linguagem e que podem ser identificados em sala de aula. Destacamos três delas, o Atraso Simples de Linguagem, Desvio Fonológico e Gagueira do desenvolvimento.

O Atraso Simples de Linguagem é encontrado em crianças que apresentam defasagem no desenvolvimento da linguagem, estas demoram a falar e parecem imaturas. Este atraso pode ocorrer por complicações respiratórias, dores de ouvido no período da aquisição da linguagem e ou estimulação inadequada para o desenvolvimento da mesma. O padrão de linguagem fica semelhante a uma criança com idade cronológica menor, mas consegue seguir a mesma ordem de aquisição dos fonemas. Elas podem manter frases simples, vocabulário reduzido, trocas na fala, mas possuem boa compreensão (ZORZI, 1999; MOUSINHO et al., 2008).

O Desvio Fonológico, é caracterizado por crianças com idade igual ou superior a 4 anos, e que apresentam alteração no desenvolvimento da fala em diferentes graus. Os desvios na fala não se limitam a alterações na força ou na mobilidade dos órgãos fonoarticulatórios responsáveis pela fala, mas são decorrentes de dificuldades na aquisição das consoantes da sua língua materna. A origem deste nome se dá pela dificuldade de formação desse arquivo de sons pelo cérebro (sistema fonológico). As trocas mais frequentes são trocas surdas-sonoras (V por F, Z por S, J por X), fala não inteligível, trocas R por L (balata em vez de barata), omissões, substituições (S por X (Xapo em vez de Sapo) e alterações na ordem das sílabas (mánica em vez de máquina) (WERTZNER, 2004; MOUSINHO et al., 2008).

Outro aspecto relacionado à linguagem e que deve ser motivo de atenção por parte dos educadores é a gagueira do desenvolvimento ou fisiológica. Trata-se de uma disfluência normal da fala, é caracterizado por repetições de sílabas ou sons, prolongamentos, bloqueios, interjeições de sons e uso de expressões como “eh”, “ah”, marcadores de discurso como, “tipo assim”, “ai”. Acometem 5% das crianças e se inicia na fase de aquisição da linguagem e do desenvolvimento neuropsicomotor, entre 02 e 04 anos, e a criança pode passar por ela rapidamente. O sinal de risco se evidencia se esta perdurar ou se intensificar ao longo dos meses (MERCON; NEMR, 2007; MOUSINHO et al., 2008).

O professor tendo conhecimento do desenvolvimento da fala e linguagem, poderá identificar os possíveis problemas que podem vir acometer as crianças no desenvolvimento da mesma, e assim conseguir com mais subsídios e maior segurança trabalhá-las em sala de aula e ou, quando necessário encaminhá-las para uma avaliação fonoaudiológica.

2.3 EDUCAÇÃO E SAÚDE: UMA PARCERIA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

No Brasil, a inserção de uma estratégia que abordasse a saúde surgiu na metade do século XIX e era destinada a classe social elevada, chegando às classes sociais menos favorecidas no início do século XX, devido à necessidade de combater epidemias no país (FERREIRA et al., 2016).

A educação em saúde nas escolas trata-se de um trabalho que depende de profissionais com habilidades e competências para orientar os indivíduos na promoção, prevenção de doenças e agravos à saúde e na sua restauração (COSTA; FIGUEIREDO; RIBEIRO, 2013).

A sala de aula pode e deve ser um espaço dinâmico de autonomia de vida, contribuindo para o desenvolvimento pleno de habilidades de respeito e convívio das diferenças existentes entre todos (GIJSEN; KAISER, 2013).

A Portaria nº 687/2006 do Ministério da Saúde dispõe sobre a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) inserindo ações de promoção em todos os locais onde se desenvolvem atividades de cuidado humano em unidades de saúde e espaços coletivos (COSTA et al., 2013). O Programa Saúde na Escola (PSE), criado através da união do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação, em 2007, pelo

Decreto nº 6.286, mediante a criação de políticas intersetoriais, pelo governo federal, visa promover a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos brasileiros. As políticas do PSE são direcionadas às crianças, adolescentes, jovens e adultos que frequentam a educação pública (BRASIL, 2015).

A coordenação do PSE acontece através dos Grupos de Trabalho Intersetoriais com uma gestão compartilhada, de forma que a organização e a efetivação das intervenções aconteçam atendendo às demandas do território. Desse modo, ocorre uma relação de intercâmbio mútuo de conhecimentos entre a Saúde, a Educação e a população (BRASIL, 2015).

De acordo com o PSE, as equipes da Estratégia de Saúde da Família podem atuar em conjunto com a Educação Básica para a realização das atividades de educação, promoção e prevenção em saúde no ambiente escolar. As ações de promoção, prevenção e educação em saúde, através da avaliação da equipe multidisciplinar, colaboram com a diminuição nas taxas de morbidade e mortalidade, visto que possibilitam o reconhecimento e a intervenção nos fatores de risco das patologias (BRASIL, 2015).

Na escola a parceria entre saúde e educação possibilita o encaminhamento ao atendimento do escolar na atenção básica ou especializada, contribuindo para as ações de saúde, por meio da educação em saúde (CASEMIRO; FONSECA; SECCO, 2014).

De acordo com o Conselho Federal de Fonoaudiologia (2015), a Fonoaudiologia Educacional tem como objetivo atuar na promoção da educação na rede pública e ou no setor privado, favorecendo o processo de aprendizagem escolar e o planejamento pedagógico. As ações que podem ser realizadas pelos fonoaudiólogos dentro do ambiente escolar são: capacitação, assessoria e suporte a equipe, auxílio na inclusão de alunos com necessidades especiais, execução de programas fonoaudiólogos, orientações aos familiares/cuidadores, triagem e encaminhamentos.

A inter-relação entre educadores e fonoaudiólogos resulta em benefícios para a criança e para toda a comunidade escolar, o desenvolvimento adequado da linguagem pode repercutir no rendimento escolar (GOULART; CHIARI, 2012 apud SANTOS et al., 2016).

A escola contribui de forma significativa para a aquisição e desenvolvimento da linguagem, pois propicia experiências sociais a partir de situações diversificadas de comunicação que são convertidas em aprendizagem (ZORZI, 2008).

Segundo Carlino, Denari e Costa (2011), é pertinente que o professor, atuando com crianças até 06 anos, tenha conhecimento e orientação quanto ao desenvolvimento de linguagem da criança e formas de propiciar seu melhor desenvolvimento. Os autores acreditam que seja por meio da prevenção das dificuldades da comunicação, que o ser humano possa expressar e interpretar, contribuir e transformar o meio em que vive.

É no nível pré-escolar que as intervenções no desenvolvimento da comunicação podem ter resultados mais produtivos, a participação do fonoaudiólogo neste nível de escolaridade é de fundamental importância em função das rápidas e significativas transformações que podem ocorrer em vários aspectos do desenvolvimento da criança (JORGE, 2007).

O estudo de Moura e Maldonade (2018) buscou refletir sobre a visão de professores e profissionais da saúde, que trabalham em equipe multidisciplinar na escola, acerca da atuação fonoaudiológica na Educação Infantil, bem como suas percepções sobre a relação entre saúde e educação. Foi aplicado um questionário semiestruturado e autoaplicável em doze professores da Educação Infantil que atuam em uma escola privada, na cidade de Campinas e em quinze profissionais da área da saúde, tais como: Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Odontologia, Nutrição, Psicologia e Fonoaudiologia, todos participantes de um programa de Saúde que atua em ambiente escolar, na Educação Infantil.

De acordo com os autores pôde-se observar que tanto os professores quanto os profissionais da saúde têm o conhecimento de áreas de atuação da Fonoaudiologia e relataram que a atuação fonoaudiológica na escola é importante por auxiliar em condutas com as crianças e por atuar junto aos professores. Os professores souberam relatar as relações entre os conhecimentos das áreas da saúde e os profissionais da saúde mostraram que o diferencial do fonoaudiólogo na equipe se faz por ele contribuir com conhecimentos da própria área. Conclui-se neste estudo que a atuação fonoaudiológica na escola é importante e pode ser o caminho que permite uma relação mais estreita e eficaz entre Saúde e Educação.

Carlino, Denari e Costa (2011) avaliaram professores da Educação Infantil, analisando comparativamente os conhecimentos sobre os aspectos

fonoaudiológicos dos participantes em dois momentos: previamente ao desenvolvimento do programa de orientação fonoaudiológica e imediatamente após.

Os resultados obtidos foram de grande valia e evidenciaram mudanças de conhecimento dos profissionais, ao final do Programa de Orientação, alguns profissionais consideraram fácil a detecção dos distúrbios entre outras dificuldades estudadas no programa e sentiram-se aptos a lidar com as alterações de fala e linguagem e complementando as informações referentes à Fonoaudiologia, questionou-se a opinião dos professores sobre a atuação do fonoaudiólogo na escola, e verificou-se que todos consideraram importante, o que demonstra que a parceria entre a Educação e a Fonoaudiologia buscando a integração de conhecimentos e experiências no ambiente escolar têm sido valorizadas pelos profissionais (CARLINO; DENARI; COSTA, 2011).

Maranhão, Pinto e Pedruzzzi (2009) identificando essa situação na cidade de Maceió/AL, realizaram uma investigação sobre as informações que professores da Educação Infantil possuíam em relação à fonoaudióloga na escola e a temas ligados à área da linguagem. Com isso, foi aplicado um questionário com 17 questões, respondido por 73 professores da educação infantil pública, com faixa etária entre 20 e 56 anos. O estudo revelou uma carência relacionada a informações sobre a aquisição da linguagem de 42,5% dos participantes, a identificação de um grande número de supostas patologias nos discentes, mesmo sem terem os conceitos básicos necessários para tal detecção, à predominância da associação da atuação do fonoaudiólogo na escola com a realização de terapias dirigidas a patologias instaladas nos alunos.

É possível observar que o desenvolvimento da linguagem exige do professor uma nova postura didático-pedagógica, cujo papel é promover ações que desenvolvam a linguagem e identificar as possíveis dificuldades das crianças neste processo. No entanto, sabe-se que a formação do professor no tocante ao desenvolvimento da linguagem, é algo restrito, principalmente, no que se refere à identificação dos possíveis problemas de linguagem e de intervenções pedagógicas que podem minimizar futuros problemas, ou ainda, o como proceder em casos pertencentes à fonoaudiologia (MARANHÃO; PINTO; PEDRUZZZI, 2009).

O fonoaudiólogo na Educação Infantil pode contribuir com os conhecimentos específicos de aquisição da fala e linguagem, oral e escrita, desenvolvimento auditivo, motor e cognitivo, com a possibilidade de fazer trocas de conhecimento

entre os profissionais, educadores e fonoaudiólogos, estratégias de promoção e prevenção da saúde para auxiliar no aprendizado e desenvolvimento da criança (SEKKEL; ZANELATTO; BRANDÃO, 2010).

O Conselho Federal de Fonoaudiologia iniciou em 2013 o lançamento oficial das campanhas sobre a Fonoaudiologia Educacional, como forma de divulgação de informações da área. Nas campanhas dos anos de 2013 e 2014, as informações sobre Fonoaudiologia Educacional basearam-se em informações gerais e para todo tipo de público, o que difere da campanha de 2015, que focou na sensibilização de gestores e educadores a respeito da atuação fonoaudiológica na escola (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2015).

Corroborando, Santos et al. (2016), nos relatam que a interface entre o trabalho das equipes de Fonoaudiologia e do corpo docente das escolas resultam em desenvolvimento global do aluno, à medida que a troca de experiências e saberes promove subsídios para detecção de problemas nos alunos, como também consegue minimizar o tempo de identificação, encaminhamento e resolução dos mesmos.

Johnston (2010), em seus estudos nos mostra que educadores ignoram as crianças em idade pré-escolar cuja linguagem parece estar atrasada frente ao desenvolvimento em outras áreas do desenvolvimento, mas evidencia em sua pesquisa que estudiosos sugerem ao contrário, que a aquisição da linguagem deve ser tratada como um balizador importante para o sucesso de tarefas integradoras e complexas, os estudos epidemiológicos importantes demonstram que crianças diagnosticadas com distúrbios específicos de linguagem aos 04 anos correm o risco de terem fracasso acadêmico.

A parceria entre a Fonoaudiologia e a Educação, ou seja, entre saúde e educação, tende a contribuir para a efetivação dos processos de ensino e aprendizagem, melhorando a compreensão da comunidade escolar sobre como lidar com as crianças que possuem alterações e dificuldade relacionada à linguagem oral e escrita.

3 METODOLOGIA

Nessa seção apresenta-se a metodologia que foi utilizada no desenvolvimento do referido estudo.

3.1 NATUREZA DO ESTUDO

Trata-se de um estudo qualitativo, considerado como adequado diante do objetivo de compreender e descrever o conhecimento acerca do desenvolvimento de fala e linguagem e suas dificuldades junto aos professores da educação infantil na cidade do interior do estado de São Paulo - SP.

A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, tem como tarefa central a compreensão da realidade humana vivida socialmente e o significado é o conceito principal da investigação (MINAYO; SANCHES, 1993).

Com a função de compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos, trabalhando com a vivência e a experiência do cotidiano, é aqui entendido como aquele que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social e é tratado por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais (MINAYO, 2011).

Assim, a investigação qualitativa significa perguntar o porquê os “objetos” foram produzidos, como isso afeta o cotidiano e como se dá a informação em potencial daquilo que se está a estudar.

3.2 LOCAL DO ESTUDO

O estudo foi realizado em um município brasileiro, região sudoeste do país, no interior do estado São Paulo, localizando-se a nordeste do estado, uma cidade de grande porte, referência em saúde e educação, com bons indicadores sociais e de saneamento.

A cidade é dividida, segundo a SMS, em cinco distritos: Norte, Sul, Central, Oeste e Leste (Figura 2).

A pesquisa foi desenvolvida, especificamente junto à Secretaria Municipal de Educação deste município, com as escolas de educação infantil localizadas no Distrito Leste.

A Secretaria Municipal da Educação deste município, possui 41 unidades de EMEI, que atendem crianças de 04 e 05 anos de idade em seu Corpo de Unidades Escolares. O cenário desta pesquisa são as 09 EMEIs localizadas no Distrito Leste do município.

A escolha se deu pelo fato da pesquisadora trabalhar no referido distrito e ter contato com as escolas.

Figura 2 – Representação Gráfica da localização dos Distritos de acordo com a SMS do município que o estudo foi realizado.



Fonte: RIBEIRÃO PRETO (2019b, s.p)

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população deste estudo constitui-se por doze professores que atuam na Educação Infantil no referido município. Diante da impossibilidade de trabalhar com todos os professores das EMEI do município¹, optou-se por delimitar a amostra do

¹ De acordo com a Secretaria Municipal de Saúde do município cada Distrito possui aproximadamente os seguintes números de habitantes: Distrito Central - 97.975 habitantes, Distrito Leste - 159.802 habitantes, Distrito Norte - 119.315 habitantes, Distrito Oeste - 151.218 habitantes e Distrito Sul com 32.655 habitantes (RIBEIRÃO PRETO, 2019b).

estudo aos professores que atuam nas nove EMEI localizadas no Distrito Leste que aceitaram participar da pesquisa.

A escolha pelo Distrito Leste deu-se pelo fato da pesquisadora trabalhar no mesmo distrito e de ter emergido as indagações deste estudo.

3.3.1 Critérios de Inclusão

Foram incluídos no estudo todos os professores que atuam nas EMEI localizadas no Distrito Leste do município onde o estudo foi realizado, após ter lido, concordado e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em Apêndice I e que se dispuseram a participar do estudo.

3.3.2 Critérios de Exclusão

Os excluídos do estudo foram os professores que estiverem impossibilitados de exercer suas funções por qualquer motivo no período de sua realização, como por exemplo, estar de licença das atividades no momento da coleta de dados e aqueles que não concordaram em participar do estudo e não assinaram TCLE.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Neste estudo utilizamos como instrumento de coleta de dados, a entrevista semiestruturada, com o devido consentimento livre e esclarecido dos participantes.

A entrevista semiestruturada se baseia por meio de um roteiro de assuntos ou perguntas, no qual o entrevistador tem a liberdade de fazer perguntas para esclarecer conceitos, ou ainda, obter mais informações sobre o tema que investiga (MINAYO, 2011).

De acordo com a autora, mesmo diante de um roteiro de perguntas que orientaram a entrevista, não há nenhuma obrigatoriedade de seguir a ordem pré-definida ou se realizar todas as questões, permitindo que se coloquem outras questões que surjam no decorrer da entrevista. Para o roteiro de entrevista deste estudo optamos por questões que visa a caracterização dos participantes, seguido de perguntas voltadas aos objetivos deste estudo, para tal utilizamos o Modelo de Guião de Entrevista, apresentado por Albano Estrela (1994).

A tarefa investigativa, com recurso ao inquérito por entrevista, tem início com a definição dos itens constitutivos de um Guião orientador da condução da entrevista, uma vez que se trata de realizar uma entrevista semiestruturada. Defendemos que, sempre que num determinado estudo se proceda à inquirição de várias pessoas através de entrevista, o investigador deve recorrer ao mesmo Guião orientador, sendo esse um dos fatores que conferirão rigor e fiabilidade a essa técnica de recolha de dados (ESTRELA, 1994).

O autor ainda enfatiza que o Guião da entrevista deve ser entendido como um roteiro ou guia orientador da condução da mesma, ou seja, as perguntas devem orientar o processo de interação entre entrevistador/entrevistado.

Na fase inicial da etapa investigativa, impõe-se, pois, que se proceda à produção do Guião da(s) entrevista(s), o qual deve ser estruturado em blocos temáticos, tendo em conta os objetivos gerais da investigação. A partir desses objetivos gerais, devem ser estabelecidos objetivos específicos e, numa estratégia de antecipação de uma eventual dificuldade de compreensão da metalinguagem utilizada pelo investigador, por parte do entrevistador, deve o investigador incluir ao Guião um conjunto de questões subsidiárias na medida em que a entrevista é uma técnica investigativa de carácter dialógico ao nível da interação verbal (SILVESTRE; FIALHO; SARAGOÇA, 2014).

Depois de um processo de adaptação e de reformulação, chegamos a um Guião, organizado em 03 blocos temáticos (Quadro 3).

Quadro 3 - Guião de Entrevista (definição dos blocos)

Bloco A	Legitimação da entrevista, motivação e identificação do entrevistado
Bloco B	Papel da Educação Infantil no desenvolvimento da linguagem oral
Bloco C	Identificação de problemas de linguagem oral das crianças.

Fonte: Autoria Própria (2020)

Cada bloco (Quadro 3), representa os temas de reflexão que estão relacionados aos objetivos específicos da pesquisa, auxiliaram na estruturação e formulação das perguntas do roteiro de entrevista, como é possível observar no Guião (Quadro 4).

Quadro 4 - Guião de Entrevista (roteiro de entrevista)

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Formulário de questões
<p>Bloco A</p> <p>Legitimação da entrevista, motivação e identificação do entrevistado</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informar o entrevistado do objetivo da entrevista. • Motivar o entrevistado. • Garantir a confidencialidade. • Fazer a identificação do mesmo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar os objetivos da entrevista. • Agradecer ao entrevistado a sua disponibilidade para a realização da entrevista. • Pedir autorização para gravar a entrevista • Pedir ao entrevistado informações sobre os seus dados pessoais.
<p>Bloco B</p> <p>Papel da Educação Infantil no desenvolvimento da linguagem oral</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Investigar o olhar das professoras sobre o papel da Educação Infantil no desenvolvimento da linguagem oral da criança. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Que papel considera que as EMEIs têm no desenvolvimento da linguagem nas crianças? 2. Quais são os seus objetivos em relação ao desenvolvimento da linguagem oral na pré-escola? 3. Quais estratégias você utiliza para a promoção do desenvolvimento da linguagem oral nas crianças em idade pré-escolar?
<p>Bloco C</p> <p>Identificação de problemas de linguagem oral das crianças</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a percepção das professoras sobre os possíveis problemas de linguagem oral que podem surgir nesta faixa etária. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Utiliza algum instrumento específico para avaliação da linguagem oral? Se sim, qual ou quais? 2. O que considera ser uma dificuldade de linguagem nesta faixa etária? 3. Quando considera que esta dificuldade passa a ser um problema de linguagem? 4. Quais estratégias você utiliza em sala de aula para auxiliar a criança com dificuldade e/ou problema na linguagem oral? 5. No que você se baseia para pensar intervir no o desenvolvimento da linguagem oral das crianças nestas estratégias? Sua experiência profissional, Leitura científica, BNCC, Projeto pedagógico do Parâmetros Curriculares da Educação Infantil De Ribeirão Preto, Revistas e livros populares 6. A partir de sua experiência, os pais identificam problemas na linguagem oral dos seus filhos? 7. Você julga estar preparado para identificar as dificuldades e os problemas de linguagem nas crianças de 4 e 5 anos?

Fonte: Autoria Própria (2020)

3.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

O procedimento de coleta de dados com os sujeitos da pesquisa só foi iniciado a partir da anuência da Secretaria Municipal de Educação do município, e após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Ribeirão Preto, seguida novamente da autorização da Secretaria Municipal de Educação do referido município apresentado pelo coordenador da Educação Infantil no município em que o estudo foi realizado.

Assim, as entrevistas aconteceram nos meses de outubro e novembro de 2020. Foram entrevistados, todos os professores da primeira escola, num total de 04 professores e a partir da primeira escola, decidiu-se entrevistar duas professoras por escola, perfazendo um total de 12 entrevistados.

Com o objetivo de garantir que a saturação fosse atingida, a pesquisadora elaborou uma grade de saturação que permitiu verificar a recorrência das informações (FUSCH; NESS, 2015).

Devido a pandemia da Covid-19 e com o fechamento das escolas, toda a pesquisa foi mediada por tecnologia, pela plataforma Google Meet. Estas deram início após o contato por *e-mail* do coordenador da Educação Infantil do município para as diretoras das escolas de Educação Infantil. A partir da autorização da Secretaria Municipal de Educação, a pesquisadora fez contato via telefone com cada EMEI, solicitando os *e-mails* e ou telefones das professoras para iniciar a coleta de dados.

Os professores inicialmente foram contactados por telefone, o objetivo era explicar a pesquisa, e caso aceitassem participar, seria marcado um dia específico, adequado à cada participante, com data e horário pré-definidos para que a entrevista.

As participantes foram escolhidas aleatoriamente, todas que atenderam o telefonema, aceitaram prontamente participar do estudo. No dia e horário marcado foi disponibilizado um *link* para a reunião e o TCLE, algumas vezes foi entregue por *e-mail* e outras pessoalmente.

O roteiro das entrevistas contou com duas etapas, as questões que visam a caracterização dos participantes, seguido de perguntas voltadas aos objetivos deste trabalho. As entrevistas remotas tiveram um tempo médio de trinta minutos e todas foram gravadas e devidamente transcritas com a anuência dos participantes.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados durante a entrevista foram transcritos e para interpretá-los utilizamos a técnica de análise de conteúdo, na modalidade de análise temática. Segundo Minayo (2008), uma das funções da análise de conteúdo é descobrir o que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências e que a análise temática de um texto se resume em extrair os núcleos de sentido que fazem parte da comunicação cuja presença tem alguma representação para o objeto definido.

Com base em Minayo (2008), pode-se apontar três finalidades para essa etapa: estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e ou responder às questões formuladas, como também, ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o com o contexto cultural da qual faz parte. Para a autora, essas finalidades são complementares em termos de pesquisa social.

A Análise Temática de Conteúdo, segundo Minayo (2008), desdobra-se nas etapas de pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. A etapa da pré-análise compreende a leitura flutuante, constituição do corpus, formulação e reformulação de hipóteses ou pressupostos. A leitura flutuante requer do pesquisador o contato direto e intenso com o material de campo, em que pode surgir a relação entre as hipóteses ou pressupostos iniciais, as hipóteses emergentes e as teorias relacionadas ao tema. Na fase de exploração do material, o investigador busca encontrar categorias que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado.

A categorização, para Minayo (2008), consiste num processo de redução do texto às palavras e expressões significativas. A Análise Temática tradicional trabalha inicialmente esta fase, recortando o texto em unidades de registro que podem constituir palavras, frases, temas, personagens e acontecimentos, indicados como relevantes para pré-análise. Posteriormente, o pesquisador escolhe as regras de contagem por meio de codificações e índices quantitativos.

Após esta fase, o analista propõe inferências e realiza interpretações, inter-relacionando-as com o quadro teórico desenhado inicialmente ou abre outras pistas em torno de novas dimensões teóricas e interpretativas, sugerida pela leitura do material (MINAYO, 2008).

Iniciada a preparação do material e a construção de indicadores consubstanciados em recortes dos documentos analisados. Estes recortes foram selecionados a partir dos registros que mais se aproximavam das questões e objeto da investigação e com base no guião de entrevista divididos em dois Blocos temáticos, a saber: Papel da Educação Infantil no desenvolvimento da linguagem oral e Identificação de problemas de linguagem oral das crianças.

Na primeira etapa ocorreu a ordenação dos dados. Após a transcrição das entrevistas na íntegra, foi realizada inicialmente a leitura flutuante de todo o material, seguida da leitura exaustiva de todo o conteúdo do material destacando as falas/trechos, mediante a escolha de palavras que as representassem as ideias centrais do bloco. A segunda etapa consistiu em aglutinar e categorizar dos dados listando as ideias centrais e agrupando-as por similaridade e/ou aproximação, dentro do mesmo bloco temática.

Por fim, a terceira e última etapa, deu-se à interpretação dos dados e a apresentação dos resultados, na qual cada bloco temático representará um tema e subtemas. Utilizou-se dos temas (sínteses verticais) como forma de iniciar a discussão, seguidas da inferência do pesquisador e; interpretação/diálogo com a literatura pertinente. Também foram selecionados fragmentos mais ilustrativos das falas, seguindo os seguintes passos: breve descrição (identificação do tema e subtema); fragmentos (exemplificação subtema e falas); Inferência e interpretação (discussão do fragmento norteado pelo referencial teórico interpretando o dado com respaldo da literatura.

3.7 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS

Os eventuais riscos concernentes a esta pesquisa poderiam ocorrer no momento do preenchimento dos instrumentos, como por exemplo, possíveis desconfortos causados pelas perguntas, reflexões, afloramento de sentimentos e/ou dúvidas, mal-estar físico ou psicológico. Para minimizar esses riscos, o roteiro de entrevista foi elaborado de modo a evitar constrangimentos, enfocando-se somente no objeto de estudo e oferecendo ao participante uma escuta centrada também em suas reações emocionais, apoio e assistência pertinente, bem como a possibilidade de interromper a entrevista.

Para o desenvolvimento do estudo foi solicitada autorização da Secretaria Municipal de Educação de Ribeirão Preto (Anexo A).

Posteriormente, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa - da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). Foram seguidas as normatizações da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde sobre Ética em Pesquisa com Seres Humanos. O projeto foi aprovado em janeiro de 2020, Protocolo CAAE nº 28852820.8.0000.5498 (Anexo B).

Os participantes deste estudo foram esclarecidos quanto aos objetivos, metodologia, benefícios e riscos do mesmo, à privacidade do acesso aos dados, assegurando o direito de escolha quanto à participação, bem como a garantia de deixar de participar da pesquisa no momento desejado. O TCLE foi lido a todos os participantes e assinado por todos, garantindo sigilo e confidencialidade das informações fornecidas (Apêndice I).

3.8 CRITÉRIOS PARA SUSPENDER OU ENCERRAR A PESQUISA

O participante poderia rever seu consentimento a qualquer momento para deixar de participar deste estudo, sem que isto trouxesse prejuízo ou penalização aos indivíduos pesquisados (item contemplado no TCLE).

A pesquisa poderia ser suspensa diante da percepção de algum risco ou dano aos sujeitos do estudo ou de outro estudo que tivesse os mesmos propósitos ou apresentasse superioridade metodológica.

Contudo, as situações citadas não ocorreram permitindo, portanto, a realização de todas as etapas propostas na pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta primeira etapa, apresentaremos a caracterização das escolas, mostraremos também a análise do Bloco A, salientamos o resultado do questionário realizado com as professoras frente a formação e experiência profissional, bem como o grau de afinidade das linguagens.

A caracterização das EMEIs participantes, são apresentadas no Quadro 5. As escolas são identificadas apenas por siglas para que seja garantido o sigilo em relação aos participantes.

Quadro 5 - Caracterização das escolas participantes na primeira etapa

Escola	Ciclos atendidos	Número de professores e professoras que atuam na EMEI	Número de alunos atendidos
E1	maternal II	05	68
	etapa I	02	94
	etapa II	03	113
E2	maternal II	10	75
	etapa I	05	75
	etapa II	05	75
E3	maternal II	05	75
	etapa I	07	139
	etapa II	08	146
E4	maternal II	02	30
	etapa I	01	50
	etapa II	01	50
E5	maternal I	05	34
	maternal II	09	87
	etapa I	05	116
	etapa II	05	108
E6	maternal I	08	75
	etapa I	05	107
	etapa II	03	91
E7	maternal I	05	75
	etapa I	03	87
	etapa II	03	91

E8	berçário II	08	34
	maternal I	08	46
	maternal II	10	61
	etapa I	06	95
	etapa II	03	81
E9	maternal I	08	121
	etapa I	04	134
	etapa II	04	147

Fonte: Autoria Própria (2020)

Analisamos na nossa amostra, nove EMEI localizadas no Distrito Leste de uma cidade do interior do estado de São Paulo, estas diferem em número de crianças atendidas, apenas a E8 se destaca como Centro de Educação Infantil e Creches conveniadas (CEI) e EMEI, tendo ela berçário e maternal I. Todas as outras EMEI são compostas por maternal II, etapa I e etapa II.

As escolas possuem professoras e professores especialistas em Educação Física e Artes, como é possível observar no Quadro 6 relacionado.

Quadro 6 - Relação de professores especialistas de Artes e Educação Física por EMEI.

Escola	Número de professores de artes que atuam na EMEI	Número de professores de educação física que atuam na EMEI
E1	04	01
E2	04	02
E3	02	02
E4	01	01
E5	01	01
E6	03	02
E7	02	01
E8	01	02
E9	01	04

Fonte: Autoria Própria (2020)

Uma melhor caracterização dos participantes da segunda etapa foi possível pelo aprofundamento da entrevista e, portanto, são apresentadas no Quadro 7.

Observando-se o Quadro 7 da caracterização dos participantes entrevistados, verificamos que 80% são do sexo feminino, sendo apenas 20% do sexo masculino, a partir dos dados, evidencia-se pela análise que nas escolas de Educação Infantil pesquisada a predominância é feminina.

A literatura corrobora com estes dados encontrados, nos mostrando que no percurso histórico de constituição dos espaços da Educação Infantil, pudemos constatar a consolidação de um espaço absorvido por mulheres: professoras, gestoras, auxiliares e monitoras (VIDAL; PUCCI, 2020).

Quadro 7 - Caracterização dos participantes da 2ª etapa

Cód.	Sexo	Idade (anos)	Formação Inicial	Tempo de conclusão graduação (anos)	Tempo na função atual (anos)
P1	F	50	Magistério e Pedagogia Licenciatura	30 anos	15
P2	F	35	Pedagogia Licenciatura	14 anos	05
P3	M	35	Licenciado em Educação Física	15 anos	01
P4	F	30	Licenciada em Psicologia e Pedagogia	02 anos	1
P5	F	52	Magistério, Pedagogia Licenciatura e Letras Licenciatura	25 anos	05
P6	M	32	Licenciado em Educação Artística e Música	10 anos	02
P7	F	45	Magistério e Psicologia	27 anos	19
P8	F	54	Magistério e Pedagogia Licenciatura	32 anos	17
P9	F	50	Pedagogia Licenciatura	29 anos	26
P10	F	42	Pedagogia Licenciatura	19 anos	05
P11	F	45	Licenciatura em Letras e Pedagogia	10 anos	08
P12	F	40	Magistério e Pedagogia Licenciatura	23 anos	01

Fonte: Autoria Própria (2020)

As autoras demonstram a tradição histórica e cultural de mulheres como professoras, principalmente para os níveis iniciais da educação, pois elas tinham a princípio apenas o olhar com o cuidar da criança, posteriormente, passou-se a educá-las também.

A idade média dos participantes se encontra em 42 anos e 06 meses, sendo quatro professoras na faixa etária dos 30 anos, quatro professoras na faixa etária dos 40 anos e quatro professoras na faixa etária dos 50 anos. Carvalho (2018), ao realizar um estudo no ano de 2017, nos pontua que a idade média das professoras de Educação Infantil era de 39 anos, já em 2020, em nossos estudos encontramos uma média de 42 anos, isso nos sinaliza que as professoras permanecem em suas funções e que se consolidaram neste trabalho.

Quanto à formação para o exercício da docência na Educação Infantil, a exigência legal estabelece que os professores tenham formação em nível superior, admitindo-se, no entanto, formação em nível médio na modalidade normal (BRASIL, 1996). Em nossa verificação, a maioria dos participantes possuem formação inicial em Pedagogia, num total de nove professoras, sendo: cinco participantes formados em magistério, três partícipes possuem a formação em diferentes áreas, sendo estas, psicologia, artes e educação física e dois membros possuem formação em letras.

Em estudos, Carvalho (2018), pesquisou, em âmbito nacional, encontrando dados de professores com formação em nível superior concentrando-se principalmente na região Sudeste e em localizações urbanas, nas áreas rurais existe maior contingência de professores em formação de nível médio, principalmente no Nordeste na Educação Infantil, nos anos iniciais. Corroborando com os estudos, os nossos resultados mostram que 75% dos professores já possuem nível superior. Não é por estar em nível inicial da educação que as professoras deixam de procurar aperfeiçoamento.

Esta busca provavelmente está relacionada ao Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, 2014, s.p), que coloca como meta 17, “Valorizar os (as) profissionais do magistério das redes públicas de educação básica de forma a equiparar seu rendimento médio ao dos(as) demais profissionais com escolaridade equivalente, até o final do sexto ano de vigência deste PNE”. Assim, o objetivo maior do PNE é que todos os professores atuantes na educação sejam formados em nível superior até 2024, por esta razão o curso médio de Magistério não tem sido mais aceito como qualificação nos concursos públicos que abrem vagas para professores.

Destacamos que a média do tempo de conclusão da graduação é de aproximadamente dezenove anos e oito meses e a média de tempo na atual função se encontra aproximadamente em oito anos e nove meses.

Na categoria de titulação, seis participantes têm especialização, um possui mestrado e cinco participantes possuem apenas a graduação. Estes dados dialogam com os achados por Carvalho (2018) que ao analisar o perfil dos professores nas diferentes etapas de ensino da educação básica, utilizando dados do Censo da Educação Básica dos anos de 2009 e 2017, observou o perfil demográfico, a formação do professor e o contexto de trabalho. A pesquisadora revelou em seus estudos que as professoras da Educação Infantil têm uma menor quantidade de mestres e doutores, quando comparada às demais etapas da educação, vimos nos nossos estudos que apenas um professor possui a titulação de mestre.

O estudo de Carvalho (2018), revelou ainda que o número de professoras da Educação Infantil é o que apresentou maior taxa de crescimento ao longo do período analisado, e estes estão distribuídos prioritariamente entre as regiões Sudeste e Nordeste, em escolas municipais. O profissional típico dessa etapa é do sexo feminino, de cor/raça branca (ainda que a presença de professores pretos e pardos esteja aumentando), com média etária de 39 anos e nível de formação superior, embora existam também alguns professores com nível médio. Concursados representam mais da metade dos docentes dessa etapa. A maioria trabalha em uma escola e com apenas uma turma.

Pensando na formação continuada, cinco professoras relataram buscar um aprofundamento na área da linguagem oral, mas sete delas não tiveram nenhum estudo mais aprofundado sobre este assunto. Entendemos que estar se aprimorando seja importante e colocar a teoria aliada a prática para que as professoras que são moderadoras de conhecimento se sintam mais seguras e consigam ser mais criativas e assertivas em suas atividades em sala de aula, desenvolvendo todo o potencial da criança, estimulando-as como um todo.

Fonseca, Colares e Costa (2019), estudando os cursos de formação dos professores da Educação Infantil, nos mostram que estes precisam proporcionar reflexões sobre as inquietações dos professores que interferem em sua prática, abranger conteúdos que trabalhem a criança, sua família no contexto social e cultural, o desenvolvimento infantil com suas múltiplas dimensões sendo trabalhado com as brincadeiras, compreender estudos e aprimoramentos sobre o desenvolvimento da fala e linguagem, matemática, ciências, artes e atividades físicas; informações sobre o delineamento da programação, planejamento de

rotinas e atividades, nutrição, saúde da criança, legislação sobre a criança, e como funcionam as creches e pré-escolas.

As autoras olham estes conteúdos como conhecimentos básicos para um bom trabalho educacional dos escolares que se encontram em pleno desenvolvimento; sinalizam a preocupação em aprofundar e abordar conhecimento nos cursos de formação para desenvolverem as habilidades e competências das professoras e professores, entre as quais a observação para conseguir compreender melhor o pensamento das crianças, a fim de, então, problematizá-lo e instigá-lo.

Entendendo que a criança se desenvolve por meio das trocas que acontecem nas interações e muito deste desenvolvimento se dá pelas brincadeiras, então Fonseca, Colares e Costa (2019), enfatizou a importância de ter no curso de formação o tema brincar, mas não apenas na sua teoria, mas, sim, as práticas do brincar essencial entender que a linguagem do brinquedo transforma e enriquece a vida da criança.

Corroborando com os estudos, Barbosa, Cancian e Weshenfelder (2018), apontam que um curso de Pedagogia, demanda de uma formação que contemple a teoria mais a prática na área de Educação Infantil. Os autores consideram a professora da Educação Infantil não como uma docente tradicional, convencional e concluem que a formação deveria partir das práticas dos contextos reais vivenciados pelos alunos, em suas múltiplas linguagens (prosa, poesia, diários, imagens, experiências, filmes, fotos, desenhos, entrevistas e práticas), do transmitir o conhecimento e trabalhar o desenvolvimento da criança como um todo, estando esta inserida em uma sociedade, por meio da leveza das brincadeiras.

A partir das considerações dos autores e reconhecendo a importância da Educação Infantil, consideramos que a professora da Educação Infantil é uma docente singular, que trabalha com o desenvolvimento global da criança, sendo esta realizada através de brincadeiras contextualizadas, não podemos deixar de vê-la, de respeitá-la e acolhê-la. As crianças estão em plena formação e o aprendizado acontece dia a dia, então estar em contínuo aprendizado, estando estas professoras abertas a uma formação continuada, que parta das suas indagações, das suas dificuldades, e que esta possa fazer trocas, passar o seu conhecimento e apreender novas formas de trabalhar e se enriquecer com novos conteúdos para mediar a criança, será de suma importância para embasar as suas atividades em sala de aula vendo o aluno como um ser ativo em uma sociedade.

Sabendo da importância das múltiplas linguagens na Educação Infantil, em nosso trabalho, introduzimos uma pergunta a este respeito, os professores e professoras responderam qual o grau de afinidade que tinham entre as diferentes linguagens (Quadro 8).

Quadro 8 - Grau de afinidades das múltiplas linguagens referidas e apresentado pelos professores estudados da Educação Infantil

	Linguagem artística	Linguagem matemática	Linguagem das ciências sociais	Linguagem das ciências naturais	Linguagem oral e escrita	Linguagem cinestésica	Linguagem digital
Grau de afinidade	7	7	10	10	8	7	4
	7	6	7	7	9	7	8
	8	4	7	7	6	6	8
	8	7	7	7	9	7	7
	10	6	8	8	9	9	8
	8	6	6	6	7	6	6
	8	8	7	7	10	4	2
	9	8	10	10	9	9	7
	6	9	8	8	8	8	6
	8	8	7	7	10	8	8
	8	5	7	7	10	8	5
	10	8	8	10	8	8	8

Fonte: Autoria Própria (2020)

Conforme pode-se observar no Quadro 8, a variação das afinidades sobre as diferentes linguagens se deu por meio dos valores de 2 a 10 em grau de afinidade entre elas. A área que as participantes têm maior afinidade é a área da linguagem oral e escrita, com média de 8,58, sendo o maior valor 10 e o menor valor 6.

As professoras e professores são mediadores de todo o aprendizado da criança, e para que o trabalho com as crianças na Educação Infantil seja realizado de forma integral e holística, há a necessidade de conhecer o desenvolvimento de fala e linguagem e o desenvolvimento da criança como um todo, e estar sempre se comunicando oralmente com os alunos, os diálogos precisam acontecer, pois é através das relações sociais de troca que o desenvolvimento acontece, pois todo o conhecimento e o aprendizado das múltiplas linguagens é entrelaçado pela linguagem verbal (BRASIL, 2018). É possível inferir que este seja o motivo do maior grau de afinidade referido ser a linguagem oral e escrita.

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), a linguagem oral é vista como um dos domínios prioritários do ensino da língua portuguesa, e este é evidenciado também, no novo documento sobre o currículo da Educação Infantil, incluído na BNCC (BRASIL, 2018), estes documentos ressaltam a importância da valorização do trabalho com a linguagem oral.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) reconhecem que, entre os bens culturais a que as crianças têm direito, está a linguagem verbal, constituída pelas linguagens oral e escrita. O documento refere que a garantia de uma Educação Infantil de qualidade requer práticas educativas capazes de articular as experiências e os saberes das crianças acerca da linguagem verbal, e ampliar suas possibilidades de forma que a oralidade, a leitura e a escrita se tornem instrumentos fundamentais para a expressão de ideias, de sentimentos e da imaginação infantil.

Em seguida, temos a linguagem artística, como a segunda linguagem que as professoras demonstram maior afinidade, com média 8 (maior valor 10 e menor 6). Lima (2015), nos diz que a Arte é tudo aquilo que é criado pelo homem; ensinar Arte é uma ação educativa e mediadora, que interfere no processo de desenvolvimento e formação da criança através do desenvolvimento da criatividade, autonomia, bem como da sua valorização e da livre expressão, ampliando sua visão de mundo.

A arte na Educação Infantil auxilia o desenvolvimento da expressão corporal e emocional das crianças. As professoras podem usar diversos meios pedagógicos para aprimorar ainda mais as habilidades e capacidades artísticas, fazendo com que as crianças consigam desenvolver a percepção sobre o mundo e sobre a vida em sociedade. Por meio da linguagem artística a criança desenvolve a sua criatividade e transforma o seu conhecimento, trabalhando a imaginação e as emoções (CORSINO, 2009).

Dando continuidade, observa-se a linguagem das ciências naturais, sociais e cinestésicas ocupando a terceira maior indicação, com valores equiparados, sendo as médias gerais respectivamente, 7,8 (linguagem das ciências naturais), 7,6 (linguagem das ciências sociais) e 7,25 (linguagem cinestésica).

A linguagem das ciências naturais, e sociais na Educação Infantil tem o papel de compreender o mundo a sua volta, natural e social, e estudar as suas transformações, sendo a professora a mediadora deste aprendizado. Quanto mais cedo a criança vivencia experiências que estimulem o respeito, a harmonia e o amor

pelo meio ambiente, melhores adultos estarão sendo formados, capazes de transformar e modificar o mundo em que estão inseridos (GRZEBIELUKA; KUBIAK; SCHILLER, 2014).

O trabalho da linguagem cinestésica, também chamado de linguagem corporal, segundo Mastroianni et al. (2007), vai corresponder a todo o trabalho realizado com os movimentos do corpo, trabalhando com os jogos e as brincadeiras as crianças vão, por meio da ação, tomando consciência que o ser corpo se une ao ser mente, ao ser espírito, ao ser natureza se conhecendo na sua totalidade, desenvolvendo e melhorando a sua cognição e equilíbrio.

A linguagem cinestésica, o movimento corporal, é fundamental para o desenvolvimento harmonioso da criança nas áreas social, cultural, expressiva, cognitiva, motora, afetiva, perceptiva e artística (TOLEDO, 2008).

As múltiplas linguagens são trabalhadas por meio do lúdico na Educação Infantil, e estimulam o processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança, ela passa a criar e usar a sua imaginação para organizar os espaços sociais nos quais se encontra (OLIVEIRA et al., 2020).

Neste sentido é importante que as professoras e professores saibam, conheçam e interajam com todas estas linguagens, através da ludicidade, proporcionando um bom desenvolvimento global das crianças.

Na análise da linguagem matemática, a média geral encontrada foi 6,8, sendo o maior valor 9 e menor valor 4. É possível observar pouca afinidade que as professoras e professores da Educação Infantil possuem com esta linguagem. Assim, Silva (2016) afirma que quando o objeto da atitude é pouco conhecido, ou é encarado como sendo muito complexo de ser aprendido, isso pode fortalecer atitudes de rejeição em relação ao objeto, no caso a Matemática.

A autora apresenta que nos cursos de formação de professores, curso de Pedagogia, seria interessante oportunizar aos alunos experiências que os levassem ao desenvolvimento da confiança e de atitudes positivas em relação à Matemática, mostrando diferentes possibilidades de se fazer Matemática em sala de aula, como utilizando a história da Matemática, os recursos tecnológicos, jogos e brincadeiras, a resolução de problemas, dentre tantos outros.

Ressaltamos que em nosso estudo, dentre os doze professores entrevistados, quatro não são pedagogos e não têm a formação inicial para ensinar matemática na Educação Infantil, assim pode-se considerar que a maioria das professoras e

professores que ensinam matemática na Educação Infantil, derivam de cursos que deixam grandes lacunas para o ensino de matemática. Por vezes as professoras esperam por programas de formação continuada que lhes deem base para suprir esta lacuna, mas que as escutem e ajudem a subsidiar teorias que conversem com suas práticas (PASSOS; NACARATO, 2018).

Por fim, observando os dados é evidente que a linguagem que as professoras demonstram menor afinidade é a digital, sendo a média 6,41, com o maior valor 8 e o menor valor de 2.

Como está no Art. 8º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), as interações e as brincadeiras são os eixos norteadores da proposta curricular da Educação Infantil. Nesse olhar o espaço tem papel fundamental e segundo Matos (2015), é nele que ocorrerão as brincadeiras, o espaço entra como a dimensão física, material e a dimensão que possibilita que aquela atividade de imaginação e, também, de imitação seja concretizada. Consideramos então a importância das instituições de Educação Infantil que devem oferecer espaços adequados para as atividades lúdicas. Sendo a brincadeira, uma das atividades mais importantes realizadas nas instituições infantis.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), a organização do espaço deve ser feita em conjunto com a criança que brinca, pois na organização dos brinquedos e espaços a criança já está imprimindo a sua personalidade, seus desejos e sonhos, e reconstruindo em pequena escala sua representação de mundo (MATOS, 2015). Deste modo, é preciso ressaltar que as escolas de Educação Infantil precisam se preocupar com a organização do espaço escolar a favor de uma rotina que favoreça o desenvolvimento mediante as várias experiências.

Percebe-se o quanto se perde do trabalho a ser desenvolvido com os escolares através do ensino remoto. Portanto, trata-se de um trabalho concreto, na qual a criança inserida neste ciclo está em pleno desenvolvimento, e isto acontece pelas trocas sociais, da socialização e das brincadeiras. A criança se desenvolve com atividades contextualizadas, o contato humano, o olho no olho e as relações presenciais.

Gama, Cerqueira e Zampier (2021) escrevem sobre a sua compreensão nos dizendo em seus estudos que as crianças desenvolvem e vão construindo novos aprendizados, com as experiências, a princípio concretas e ações que tenham

significado em suas vidas, e estas acontecem com as interações sociais e é no ambiente escolar, principalmente, na Educação Infantil, que se consegue proporcionar a escuta, a conversa, as interações, a investigação, a troca, a curiosidade, a brincadeira e aplicar nas diversas linguagens como forma de expressar ideias, opiniões e vendo-os como um ser holístico e inserindo-os na sociedade.

O espaço escolar não é restrito às paredes de uma sala de aula, precisamos considerar os espaços externos como prolongamentos dos espaços internos e estes precisam ser utilizados numa perspectiva pedagógica (MATOS, 2015). Neste sentido, quanto ao fazer do professor e da professora da Educação Infantil, é possível perceber a dificuldade clara em trabalhar com o universo digital na educação infantil, a característica da educação básica é de estar em um espaço adequado, trabalhar e desenvolver a criança por intervenções de brincadeiras contextualizadas, desenvolvendo o equilíbrio, a cognição, suas percepções como ser e as trocas com o outro, todo o trabalho é desenvolvido em sua forma, no olhar, no pegar no sentir, nas percepções do ser como um todo e isto não é possível na linguagem digital.

No entanto, é interessante ressaltar que a coleta de dados ocorreu em tempos de pandemia e isso pode ter potencializado a dificuldade com esta linguagem.

4.1 PAPEL DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL (BLOCO B)

Abordaremos nesta seção a análise das respostas das perguntas, do Bloco B, do Guião, realizada com as professoras, sobre o papel da Educação Infantil no desenvolvimento da linguagem oral.

Ao buscar a compreensão dos professores acerca do papel das EMEI no desenvolvimento da linguagem nas crianças, todas as respostas evidenciam a importância que a Educação Infantil possui nesta etapa do desenvolvimento. Os participantes descrevem como fundamental o papel das EMEI, de suma importância e privilegiado para o desenvolvimento da linguagem oral.

Eu acho que um papel importante, eu acho que ali inicia, é onde vai iniciar o processo da criança né, e eu acho que principalmente pelas professoras de

sala que desenvolvem mais essa questão da linguagem oral né, e eu acho que é muito importante as EMEIS aí. Eu acho que é o inicial pras crianças né (P3).

Eu vejo como um papel muito importante porque nós percebemos o desenvolvimento da criança quando ela entra para quando ela sai em um período de um ano ou quando ela entra no maternal e sai na etapa II. E não só interação com o professor, mas principalmente com as outras crianças. Para criança enriquece o vocabulário, diferente se estivesse em casa, é claro que existem crianças que são muito bem acompanhadas em casa, mas na escola é diferente, tem mais incentivo, mesmo para comunicar as necessidades, eles têm que expressar (P5).

Eu penso que é um papel importante, tendo em vista a própria importância da educação infantil, né. E, o papel das interações, das crianças, né, da socialização, e eu acho que tudo isso tem uma importância muito grande na construção, né, da oralidade, de todo esse caminhar do desenvolvimento infantil... (P4).

Um papel fundamental né, na educação infantil a criança vai, eu tô falando desde as CEIS, né, CEI, EMEI, ela vai adquirindo repertório, né. E na educação infantil a criança tá aprendendo de tudo e não tem como trabalhar qualquer linguagem se não passar pela oral e escrita (P7).

Na escola, em geral, que a criança vai ter o contato com as outras crianças, porque muitas vezes em casa é só ela de criança, às vezes é muito, muito limitado, muito paparicada, na escola ela já tem, ela já é mais solta, eu acredito assim, ela consegue se expressar melhor, e no contato com as outras crianças, no convívio, nas trocas, elas vão se desenvolvendo muito, então eu acho que é fundamental a educação infantil para desenvolvimento da fala da criança (P9).

Percebemos que os professores têm a consciência da importância da Educação Infantil para as crianças, o impacto positivo no desenvolvimento de fala de cada uma, ajudando na construção do indivíduo como um todo, como o P3, P4 e P5 relatam, já o P9, nos descreve sobre o destaque do convívio e as trocas com os pares na Educação Infantil fortalecendo no desenvolvimento da linguagem oral do aluno. As professoras participantes deste estudo nos mostram compreender a importância do trabalho de desenvolvimento de fala e linguagem na Educação Infantil, como narrado pela P7, nos dizendo que não tem como trabalhar qualquer linguagem se não trabalhar com a linguagem oral.

A linguagem oral é o principal meio de comunicação, por meio dela o mundo é construído e interpretado, sendo fundamental para a vida; os pensamentos são organizados, a socialização acontece e a aquisição de conhecimento e experiências.

Sabendo da dimensão da linguagem oral no desenvolvimento da criança, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 120), afirma que,

“a aprendizagem oral possibilita comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais. Seu aprendizado acontece dentro de um contexto, quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa”.

Os participantes P2 e P6 igualam a importância da Educação Infantil à da família, relatando aspectos que ultrapassam apenas o desenvolvimento da linguagem.

Eu acho que é um papel bem equiparado com o da família, tão importante quanto. Então acho que o papel que a família desenvolve em casa, a escola também desenvolve na criança. Tipo, são papéis equiparados, com a mesma importância (P2).

Ah, um papel de extrema importância né? Principalmente hoje, que a gente está numa época onde, a gente não é... faz muito tempo que não tem aquela ideia de ensino apenas né, a gente educa, a gente cuida né, então eu acho que o papel da EMEI muitas vezes é mais forte do que o papel de casa, dos pais, na prática (P6).

Legitimando o discurso das professoras, Chaer e Guimarães (2012) ressaltam a magnitude do trabalho da oralidade em sala de aula sendo este primordial, pois a fala é parte integrante da vida das pessoas, os autores dão significado para o desenvolvimento da oralidade como uma habilidade imprescindível para o convívio social nas mais diversas instâncias, por meio da fala a criança consegue ampliar seus horizontes de comunicação, socializar-se, exercitar o pensar e organizar a mente, expor as ideias, argumentar, como também aprender expressar-se em público os seus conhecimentos e ideias.

Segundo Baptista (2017), a Educação Infantil possui um papel fundamental e específico em relação às crianças até 05 anos de idade, de assegurar a cada uma delas o seu direito de apropriar-se das linguagens oral e escrita como instrumentos de interação e de constituição de si como sujeito que participa de uma sociedade (letrada).

Mendonça (2011), reitera, corroborando em seus estudo que a aquisição da linguagem é uma das atividades mais importante para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil, segue contextualizando que o eixo básico da Educação Infantil é o trabalho com a linguagem, dada a sua importância para a formação do indivíduo, interação com o meio e as pessoas, bem como na orientação das ações das crianças, na construção do pensamento e conhecimentos.

Neste estudo, junto às professoras de Educação Infantil, analisando as respostas a dada pergunta, vimos que todas são unânimes em dizer e afirmar o mérito de se estimular e trabalhar o desenvolvimento de fala e linguagem nesta etapa da educação, sendo um eixo principal e a base para o desenvolvimento holístico da criança.

Dando continuidade à entrevista, as professoras foram indagadas sobre como elas percebem os objetivos em relação ao desenvolvimento da linguagem oral na pré-escola.

Destaca-se, no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998), a importância do desenvolvimento da linguagem oral do educando. Neste documento, nos últimos anos, um novo olhar é dado ao trabalho realizado para o desenvolvimento da linguagem oral da criança e vem apontando novas diretrizes, ao considerar a criança ativa na construção de conhecimentos e não apenas receptora passiva de informações, há uma grande transformação na compreensão do desenvolvimento da oralidade.

Colocar as crianças em diversas situações lúdicas pedagógicas, como verbalizar o que lhes aconteceu em casa junto a família, contar histórias, pedir uma informação, dar a explicação de um jogo, falar e saber quando ouvir, melhora a capacidade de desenvolver a fala e a linguagem, trabalhando com a compreensão, aumentando o seu vocabulário e resignificando o seu conhecimento. O papel da professora é estar interessada e atenta, estimulando e auxiliando no desenvolvimento de fala e linguagem da criança (BRASIL, 1998).

A capacidade de desenvolvimento da linguagem das crianças é marcada pelas possibilidades de trocas discursivas entre os professores e as crianças. Os professores têm um papel importante nessa tarefa no contexto escolar. As crianças se expressam verbalmente e se colocam como narradores ativos, mas esse processo pode se manifestar de forma mais forte se houver uma participação mais ativa do adulto, que, com mais capacidade, pode promover uma série de contextos/oportunidades para essa expansão. A capacidade de argumentação, de posicionamento no discurso só emerge se houver oportunidade para isso nas situações discursivas dentro do ambiente de sala de aula. O “poder” da professora é enorme e este pode ser usado para fazer as crianças falarem mais e melhor do ponto de vista discursivo (RONCATO, 2005).

Segundo Baptista (2017), a Educação Infantil possui um papel importante e específico junto às crianças de zero a cinco anos de idade, é neste momento que se faz iniciar a participação dentro do universo da cultura letrada, este papel é bem maior que alfabetizar, é assegurar à criança o seu direito de apropriar-se das linguagens oral e escrita como instrumentos de interação, participação e de constituir-se como sujeito que participa ativamente em uma sociedade. A autora ainda relata que, para cumprir este papel, a Educação Infantil necessita sistematizar e planejar processos que incentivem a produção e o desenvolvimento da linguagem oral, para isso os professores necessitam ter o conhecimento sobre a oralidade, a leitura e a escrita.

Scopel, Souza e Lemos (2012) citam que o desenvolvimento da linguagem depende das condições biológicas inatas de cada indivíduo, como também é influenciado por fatores ambientais presentes nos meios em que as crianças estão inseridas, como por exemplo, a família e a escola. O meio assume um papel importante junto ao processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, pois junto dele a criança vai se desenvolver. Respeitando o ritmo individual de cada uma, tendo um ambiente estimulante e facilitador a linguagem se desenvolverá de forma natural.

A escola é um dos ambientes de grande destaque que tende a proporcionar o processo do desenvolvimento infantil. As EMEI precisam criar condições que propiciem ao aluno uma aprendizagem contínua, em que os conhecimentos adquiridos nos primeiros anos de vida possam ser explorados, repensados e aprofundados nos próximos anos escolares. As crianças estão sendo colocadas cada vez mais cedo e num período de tempo maior dentro das instituições de Educação Infantil, deste modo é importante que o ambiente escolar possa oferecer as melhores condições possíveis para o desenvolvimento infantil; com ambientes que devem ter recursos para a estimulação ao desenvolvimento de linguagem, social e emocional, trabalhando o aluno holisticamente (SCOPEL; SOUZA; LEMOS, 2012).

Na sequência apresentamos trechos das falas das professoras pesquisadas, nos mostrando como elas veem os objetivos da Educação Infantil no desenvolvimento da fala e linguagem,

Acredito que o objetivo nosso é fazer com que a criança consiga se expressar, com que a criança consiga falar seus gostos, se expressar com clareza para que as outras pessoas, os adultos e outras crianças façam entender. Então, que ela crie frases concretas, que ela consiga ter esse desenvolvimento na sua expressão na verdade, não na fala especificamente, não sei se a gente consegue ter essa capacidade de modificar a fala, eu acho que é um pouco mais limitado, essa questão da pronúncia. Mas, da expressão, eu acredito que seja nosso papel real né?! De desenvolver a capacidade dessa criança de argumentar, se expressar, se fazer entender (P2).

... considerando a importância da própria da educação infantil, eu acho que é auxiliar na construção mesmo desses degrauzinhos né, pro desenvolvimento infantil. Então, como as interações são muito importantes, é... é auxiliar mesmo nessa construção de degraus, né, nessa preparação de terreno né, assim, despertando as potencialidades que as crianças já tem. Então, trabalhando nesse caminhar (P4).

O meu objetivo é que a criança, ela tenha as mais diversas experiências, tô generalizando assim porque meu ramo é arte né, mas está tudo englobado, as mais diversas experiências para ela ter esse contato e poder aprender através da imitação, através de oportunidades propiciadas pelo professor, a ter esse desenvolvimento global e não de uma forma recortada, que vai estar incluindo toda essa questão da linguagem oral também (P6).

Na pré-escola seria que a criança conseguisse falar mais, eles costumam falar pouco, muitos ainda né, fala de uma forma ainda muito cortada né, então estimular que consiga se expressar de uma forma mais ampliada com frases maiores, conseguir enriquecer o vocabulário, consiga ouvir os colegas né, a gente trabalha muito com essa questão de sentar e ouvir o colega, quando é a vez de um, quando é a vez de outro, a gente costuma trabalhar de uma forma bem lúdica né, na roda de conversa, a gente tem uma bonequinha na sala de aula, é uma fadinha e aí pode falar que tá com a fadinha mão. Então, a gente vai falando, quem quer falar agora? tem que entregar a fadinha pra ter essa questão do turno da fala deles, pra aprenderem a se expressar. E tem aqueles né, que são muito tímidos, então a gente precisa dar uma atenção maior, estimular pra que ele consiga também se colocar né, os meus objetivos são esses. Eles se sentirem mais à vontade se expressando, expressando as ideias, consigo falar mais e melhor (P12).

As professoras citadas relatam a preocupação em desenvolver a linguagem oral nas crianças de Educação Infantil, estimulando-as nas mais diversas áreas, ocasiões e de várias maneiras para que as experiências que tenham sejam proveitosas e que possam transformá-las e fazer com que cresçam e aprendam como um todo.

A aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos elementos importantes para as crianças ampliarem suas possibilidades de participação e inserção na sociedade. O trabalho com a linguagem constitui um dos eixos básicos na Educação Infantil, advindo da sua importância para a formação do sujeito, para a interação

com as pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento.

Aprender uma língua não é somente aprender as palavras, mas também os seus significados culturais, e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio sociocultural entendem, interpretam e representam a realidade. A Educação Infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades associadas às quatro competências linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever (BRASIL, 1998).

Duas das professoras, P1 e P10, nos relatam a preocupação em melhorar a fala das crianças para que estas não tenham prejuízo nas fases seguintes de alfabetização.

ah, porque a criança, a criança fala errado, ela vai ser alfabetizada errado. Eu já dei aula no primeiro ano, então a gente percebe assim, quando a criança fala errado, por mais que você tente, a tendência é ela continuar escrevendo errado, e quanto mais o tempo passa mais difícil é pra você corrigir isso, né. Eu tive crianças que às vezes anos depois eu fui encontrar e ainda tinha um probleminha de fala, então tem que ser nessa fase de pré-escola, porque é mais fácil você retirar essa dificuldade dela, pra ela ser alfabetizada mais pra frente, eu acho isso muito importante (P1).

Tá, a gente segue mais ou menos alguns picos de desenvolvimento da criança né, então você tá ali lidando, você consegue perceber que aquela criança tá com alguma defasagem em relação a outra de fala, de pode ser que seja corrigido naturalmente, às vezes falta estímulo, às vezes tá faltando alguma coisa que você consegue sanar, trabalhar junto com os pais e pode ser que não. Então, meu objetivo é observar aonde que eu posso atuar, tentar minimizar essa situação dentro da sala de aula com a criança, mas principalmente poder orientar as famílias, ter um trabalho em equipe para ver como eu posso ajudar, não deixar passar pelas minhas mãos sem que eu faça nada, que essa criança simplesmente saia de mim com o mesmo problema que entrou sem ter tido nenhum tipo de intervenção, então meu objetivo é esse, procurar ajudar da maneira que eu puder (P10).

A preocupação das P1 e P10 em amenizar a situação que possa vir acontecer, sinalizar para os pais e ou encaminhar para que o problema seja sanado, caso venha a acontecer, é de extrema importância, e esta atenção nesta possível dificuldade deve estar no olhar das professoras, para que as mesmas consigam um

melhor desenvolvimento de fala e linguagem para os educandos e que estes consigam galgar maiores degraus na vida.

Seguindo a entrevista, examinamos quais as estratégias as professoras usam com os alunos, para a promoção do desenvolvimento da linguagem oral, visto que a BNCC da Educação Infantil afirma que o aprendizado e o desenvolvimento integral da criança tem como eixos que as estruturam, as brincadeiras e as interações, assegurando os direitos de expressar-se, conviver, brincar, participar, explorar e conhecer-se; estando a estrutura curricular organizada em cinco campos de experiências, o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Trazemos a luz as falas dos professores da Educação Infantil frente a este tema,

.... Nós sempre fazemos diariamente a roda da conversa, então inicia a aula, sentamos numa roda e as crianças têm a oportunidade de falar como foi o dia, cantar, contar história, ou quando eu conto uma história depois eu faço pergunta, elas participam. Então sempre dando oportunidade porque sempre tem crianças que naturalmente tem naturalidade para se expressar, se comunicar. E tem aqueles mais quietos, tímidos, então a gente sempre procura dar oportunidade para todos ir falando, aquele já falou, agora espera um pouquinho, agora o amiguinho tá falando, agora vamos ouvir o amiguinho levanta a mãozinha, todo mundo vai falar. Acho que dessa forma, consegue bastante, a contação de histórias, músicas, eu gosto muito de cantar, acho que a criança consegue aprender muito com a música e com isso também desenvolve a oralidade. A contação de histórias, música e aquilo que falei de passar um recado, um apagador, vai lá pedir para a diretora, então a criança tem que saber se comunicar, ela vai aprender de alguma forma, ou se ela quer alguma coisa e fala meio chorosa, pede um pouco de calma, “fala devagar, não estou te entendendo, quero te ouvir, quero te entender”, então acho que com isso a gente vai ajudando o desenvolvimento (P5).

todo o contexto lúdico né, eu acho que há muito o que se estimular, o que se trabalhar, é..as atividades, a gente até fala né, a gente percebe bastante, até mesmo nesse contexto de pandemia, essa preocupação das famílias em ter um conteúdo mais formatado, mas de conteúdo mesmo né, aí, alfabetização e tudo mais. Por mais que não seja o foco, né, o primordial que a gente trabalha na educação infantil, é todo um preparo né, pra se chegar de fato à alfabetização no primeiro ano, mas existe uma preocupação em relação a isso. E aí quando a gente fala, nossa, uma atividade de contação de histórias, de o próprio brincar né, tudo isso tem um contexto muito mais, é muito mais profundo né, o papel das interações, a socialização, então tudo isso vai permitindo uma construção interna né, da criança, em relação à oralidade, é todo um processo mesmo né, um preparo, pra que ela consiga desenvolver isso melhor daqui pra frente né, daqui um pouquinho. Então eu acho que, no fundo, assim, é a importância de todo esse trabalho lúdico. É claro que existe um conteúdo por trás né,

mas as interações eu penso que contribuem bastante pra toda essa construção do desenvolvimento (P4).

As professoras deste estudo, como foi anunciado, P5 e P4 relatam que conseguem trabalhar o desenvolvimento de fala e linguagem a partir das atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula na educação infantil, como a hora da roda de conversa, música, contação de histórias, dando oportunidade para que todas as crianças tenham oportunidade de verbalizar, interagir e participar da sociabilização.

Para consolidar os pensamentos de P5 e P4, Souza e Vieceli (2020) constataram que o uso de atividades envolvendo a ludicidade para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem é fundamental, como também para a sua formação comunicativa e para o desenvolvimento da linguagem oral, pois por meio dos jogos e das brincadeiras, os alunos podem se expressar de várias maneiras, promovendo a socialização e o diálogo entre pares como aluno/aluno e ou professor/aluno, conseguindo, assim se desenvolver integralmente em sala de aula. A contação de história, leva os alunos a conhecer o mundo da imaginação, e ressignificar o seu mundo real, interligando-os, proporcionando uma visão crítica e reflexiva do mundo que os rodeia.

Ainda segundo Souza e Vieceli (2020), a música nas atividades propostas em sala de aula, trabalha com o som, o movimento, a expressão corporal, os sentimentos, ritmos e as rimas, possibilitando aos alunos uma maneira diferenciada de trabalhar e conhecer a linguagem oral. Os jogos promovem o desenvolvimento da formação comunicativa dos alunos, pois quando estão jogando, eles também estão aprendendo, muitas vezes sem se darem conta disso, regras e organização e no momento da brincadeira, eles se permitem errar sem medo de serem repreendidos, refletir, analisar e buscar outras possibilidades e retomar o acerto. A dramatização é outro recurso maravilhoso para promover o desenvolvimento da oralidade, permite brincar com as palavras, com os fatos e personagens, contam, recontam e criam desfechos diferentes à história que eles já estão acostumados a ouvirem estimulando a criatividade.

A Educação Infantil é um lugar privilegiado para o desenvolvimento holístico da criança aprendendo a ser um ser social com as diferentes linguagens, e percebemos que todas elas são permeadas pelo desenvolvimento da linguagem, cabendo ao professor e a todos os envolvidos no processo, dinamizar e fazer com

que as atividades rotineiras se transformem em grandes momentos da construção do conhecimento. Neste sentido, elas conseguem estimular e promover a linguagem da criança aumentando o seu vocabulário, deixando a criança expor seus pensamentos, tendo momentos de interação e sociabilização que culminará no seu desenvolvimento global.

Evidenciaremos na sequência outra perspectiva, das professoras P3 e P1, frente às estratégias usadas para a promoção do desenvolvimento de fala e linguagem na pré-escola,

eu acho que eu ainda não tenho uma estratégia que eu use, que eu acho que eu não tinha esse objetivo né. Mas, assim, tem um, eu acho que quando a criança, principalmente nas minhas aulas que é um convívio social, eu acho que é muito grande, as atividades que as crianças fazem, elas precisam tá se comunicando, tanto fisicamente, oralmente, e eu busco sempre trazer esse vínculo das crianças né, que elas possam se comunicar ao máximo, porque é a interação delas é que vai fazer desenvolver as habilidades que eu busco (P3).

de uns anos pra cá, a gente tem trabalhado um pouco com o fonema né, a parte do som, então eu tenho explicado que a letra ela chama e o som que ela faz é outro, eu acho que isso ajuda um pouco essa linguagem. E, a contação de histórias, toda a parte que a gente tem de oralidade, sentar no chão com eles e tá pedindo pra que eles falem, né, quando você tem essa oportunidade isso ajuda. Então, na contação de história, quando a gente senta numa roda de conversa, até quando eu to ensinando as letrinhas isso ajuda... (P1).

A P3 descreve não ter nenhuma estratégia elaborada e definida para estimular e desenvolver a linguagem nas crianças, compreendemos neste dizer que a professora tem pouco conhecimento de como desenvolver a promoção e a estimulação de linguagem dentro das suas atividades diárias, sem perceber que tendo um conteúdo mais aprofundado nesta área poderá elaborar e desenvolver atividades adequadas para cada idade; apenas uma professora (P1), nos relatou trabalhar diretamente com os fonemas em suas atividades diárias, mas não esclarece como este trabalho é desenvolvido e nem se estas crianças possuem tais fonemas, sendo extremamente importante para que a criança seja alfabetizada ter o quadro fonêmico completo, isso nos mostra que as professoras necessitam conhecer e estudar mais profundamente sobre a fonoaudiologia, os fonemas e o desenvolvimento de fala e linguagem da criança como um todo.

Sabendo que é por meio das brincadeiras pedagógicas, como vimos nos relatos das professoras que as crianças adquirem a linguagem e iniciam o seu

aprendizado, Souza (2017), consolida os dizeres das professoras, nos expondo que as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras mostraram uma melhor compreensão sobre o mundo das crianças.

O Desenvolvimento da Linguagem oral e escrita com as crianças requer atividades criativas, o desenvolvimento da linguagem oral surge por meio da produção de conhecimentos, seja através das brincadeiras, da música, do teatro, da contação de histórias, contato com livros variados, ou outros recursos que promovam a imaginação, a criatividade e ao diálogo nas crianças. Sendo elas criativas e dinâmicas, desenvolvem histórias com objetos ao seu redor, dando significado a tudo, por isso, é importante que as atividades voltadas à educação infantil propiciem o desenvolvimento integral da criança, linguístico, emocional e social e corporal, as diferentes linguagens. A interação entre a professora e a criança é fundamental para o desenvolvimento da linguagem, a criança necessita desta troca deste diálogo, neste momento ela aprende a se expressar, e aprender através de várias linguagens como, gestos corporais e gestos faciais, fala, sorriso, do cantar e ou do brincar.

A Educação Infantil é um espaço que favorece às crianças momentos de interação, trocas de experiências, consegue muitas vezes ajudar na resolução de conflitos, dar significados para as ações e ou ressignificá-las, contribuindo para capacidade de expressão e o desenvolvimento da linguagem, ampliando esta capacidade para um olhar mais amplo, preparando a criança para viver em sociedade.

Fazemos pelo estudo de Estrada (2019), uma compreensão muito forte sobre as professoras da Educação Infantil que podem promover um ambiente de socialização e de interação entre pares, proporcionando situações favoráveis ao desenvolvimento oral das crianças como, aumentar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com vários interlocutores, diferentes conteúdos e intenções, dando oportunidade para as crianças melhorarem gradativamente a linguagem oral e se percebendo falando e ouvindo o outro.

O adulto desempenha um papel fundamental na comunicação com a criança “interpelando-a, clarificando as suas produções, expandindo os enunciados que a criança produziu e providenciando modelos que ela testa” (SIM-SIM; SILVA; NUNES, 2008 apud FORMIGA, 2016).

Damos mérito a professora que tenha a capacidade de comunicação avançada, e uma bagagem maior de conceitos na área da fonoaudiologia e desenvolvimento de fala e linguagem para que possa saber com propriedade de forma agir como um modelo e a estimular linguisticamente todas e cada uma das suas crianças.

As professoras da Educação Infantil têm junto ao seu trabalho de educar e assistir as crianças, a função de estimular, desenvolver e incentivar as oralidades de seus alunos com atividades lúdicas pedagógicas, adequadas a cada idade, sempre dentro de um contexto cultural, promovendo o desenvolvimento integral da criança. Para que isto aconteça de uma maneira eficaz as professoras precisam ampliar e aprofundar o seu conhecimento do desenvolvimento de fala e linguagem e estarem conscientes de como podem utilizar este conhecimento em suas atividades diárias dentro da Educação Infantil, conseguindo, assim estimular e minimizar os possíveis problemas de fala e linguagem que os alunos possam ter.

Ponderando sobre os resultados obtidos frente às questões levantadas na entrevista, neste bloco, reconhecemos que as educadoras têm um olhar diferenciado para a Educação Infantil frente ao desenvolvimento da fala e linguagem.

Percebemos que as professoras deste estudo, são unânimes em considerar o relevante papel que a Educação Infantil possui no desenvolvimento da fala e linguagem nas crianças. Observamos que as mesmas têm o objetivo de estimular e desenvolver fala e linguagem nas crianças, mostram a preocupação em desenvolver a linguagem oral nas crianças de Educação Infantil, estimulando-as nas mais diversas áreas, ocasiões e de várias maneiras para que as experiências que tenham sejam proveitosas e que possam transformá-las e fazer com que cresçam e aprendam como um todo.

Analisamos que as professoras usam como estratégias para estimular a fala e linguagem das crianças da pré-escolas, as rodas de conversas, músicas, leituras, atividades pedagógicas inseridas no contexto escolar, mas o pouco conhecimento sobre o assunto faz com que as atividades sejam desenvolvidas sem a adequada percepção da devida estimulação, estas precisam aprofundar e ampliar o seu conhecimento nesta área para que o olhar nas atividades lúdicas pedagógicas sejam consciente, pensando em que trabalhar, como trabalhar, e qual o resultado esperado para o trabalho desenvolvido.

Para estimular, elaborar e criar estratégias para o trabalho desenvolvido na pré-escola, necessitamos dar destaque ao embasamento teórico precedendo a prática, assim as professoras da Educação Infantil que possuem como uma das principais missões, desenvolver e estimular a fala e a linguagem, inserindo o aluno na sociedade, tenham mais assertividade e façam o seu trabalho com maior clareza e conhecimento de causa para chegar a um resultado com maior eficácia e a desenvolver para com os alunos um aprimoramento na oralidade de uma forma mais profunda e mais adequada para cada idade.

4.2 IDENTIFICAÇÃO DE PROBLEMAS DE LINGUAGEM ORAL DAS CRIANÇAS (BLOCO C)

Examinamos nesta etapa do trabalho, as respostas das professoras e professores sobre as questões apresentadas no Bloco C, do Guião, frente a identificação de problemas de linguagem oral das crianças na Educação Infantil.

Faz parte desta pesquisa investigar se a professora da Educação Infantil utiliza algum instrumento para avaliar a linguagem oral e os resultados apontaram que a observação é a forma mais utilizada de avaliação, ocorre diariamente em diferentes momentos e é seguida de registro. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), há várias maneiras de se realizar os registros decorrentes das observações das professoras e a escrita é a mais comum e acessível.

Relatamos a seguir como as professoras estudadas pensam e agem a este respeito, sendo elas unânimes nos dizeres,

Específico não, é mais observação no dia a dia a gente observa e conversa e a gente vai pontuando as dificuldades e facilidades da criança, mas específico não utilizo (P2).

Avaliação da linguagem oral? Não, eu sempre vou anotando né, na educação infantil a gente sempre anota, faz como se fosse um relatório do desenvolvimento da criança, e a linguagem oral faz parte dessa observação (P11).

não, específico da fala não, é aquela observação diária né, a gente tá sempre com o ouvido atento, ainda mais há tanto tempo dando aula, a gente acaba tendo até entre muitas coisas um ouvido clínico pra algumas coisas que estão fora do padrão daquelas crianças daquela idade né, então a gente tem uma coisa meio intuitiva né. Mas assim, nada específico, técnico específico assim não (P7).

Relatamos que as P2, P11 e P7, como exemplo da expressão de todas as professoras e estas nos revelam usar a observação como um instrumento de avaliação para a fala e linguagem das crianças na Educação Infantil, vemos a observação como um instrumento de grande valia neste caso, mas é preciso saber o que observar, para qual idade, e como observar, são premissas importantes para determinar resultados promissores.

Seguindo o mesmo pensamento, Garcia (2020) relata que a observação é utilizada pela professora como seu instrumento de trabalho e de avaliação, relatando o desenvolvimento da criança e as atitudes dos alunos em relação às atividades e às interações propostas, facilitando a compreensão e até o registro, para, posteriormente, e continuamente coletar os dados, analisar e avaliar a criança.

O autor reitera que para a avaliação inicial acontecer, é necessário planejar estratégias, com um olhar atento, observando as crianças, suas atitudes, questionamentos e ou perguntas que farão, perceber as dificuldades apresentadas e como se dá a exploração dos mesmos em relação ao que foi proposto. Cada situação deve ser planejada e adequada ao tipo de conteúdo e as professoras poderão observar, perguntar, escutar, propor, falar, deixar fazer e ir detectando as competências dos alunos e as suas dificuldades; para isso precisam ter um bom conhecimento do desenvolvimento de fala e linguagem e um olhar com maior profundidade no assunto.

A ideia é que a professora da educação infantil, ao observar as crianças junto às atividades propostas e o modo como elas procedem, possam organizar suas práticas pedagógicas para estimular cada criança na sua individualidade a galgar um andar a mais na sua aprendizagem e necessidade.

Horta (2016) apud Estrada (2019) apresenta algumas competências que as professoras deveriam possuir, sendo elas as competências comunicacionais, como: clareza, integridade, equilíbrio, moderação, difusão e avaliação. Sendo assim, é importante que a professora seja clara e precisa na sua fala (clareza), evitando interferências que possam afetar a sua comunicação (integridade). A professora precisa ter intencionalidade educativa nas situações pedagógicas para estimular o desenvolvimento de todas as diferentes linguagens (equilíbrio), ser moderadora na sua intervenção comunicativa de forma a evitar o excesso de informação (moderação). Sendo necessário assegurar que todas e cada uma das crianças se sintam incluídas, receptivas e motivadas (difusão). Para que tudo isso aconteça é

importante a professora estar em constante reflexão sobre a sua prática (avaliação) visando proporcionar um ambiente estimulante em sua comunicação.

As competências citadas por Estrada (2019), como clareza em sua fala, ter intencionalidade educativa, equilíbrio nas atividades para trabalhar todas as linguagens que são permeadas pela linguagem verbal, moderação nas intervenções para que a criança tenha espaço e tempo para dar um passo para frente em busca da sua conquista, são estratégias que precisam estar intrínsecas na observação e são características importantes para um processo de ensino-aprendizagem de uma professora de Educação Infantil. Estas estratégias são construídas ao longo de sua experiência como profissional aliada a conhecimento teórico apropriado e aplicado no dia a dia da educação.

A linguagem verbal auxilia no desenvolvimento cognitivo da criança, possibilitando a comunicação entre pares, dando início a socialização; a construção do pensamento com a internalização de palavras, esta socialização acontece de várias maneiras dando novos significados às experiências e levando ao desenvolvimento da linguagem.

Para que a transmissão da mensagem seja efetiva, as palavras devem ser bem pronunciadas, a criança precisa aprender a produzir bem os sons contrastivos que fazem parte da nossa língua (CAMPOS et al., 2014).

O período de grande desenvolvimento do sistema fonológico, se dá na Educação Infantil. As crianças iniciam esta fase com um número reduzido de sons da fala e, por volta dos cinco anos, já fecham o sistema fonológico por completo. Campos et al. (2014) demonstram que há um número substancial de crianças com alterações da linguagem oral na faixa etária de quatro a cinco anos e sugerem que esta seja uma boa fase para identificação e prevenção destas dificuldades. Esta faixa etária é considerada um marco no processo de desenvolvimento da linguagem.

Por este modo, precisamos estabelecer uma parceria mais profunda com as professoras para que se sintam mais fortalecidas em suas atividades, conseguindo identificar precocemente as dificuldades provenientes da fala e linguagem, possibilitando uma melhor comunicação e uma melhor qualidade de vida às crianças.

Segundo Fernandes (2020), o desenvolvimento da linguagem sofre influência de fatores ambientais e das interações que as crianças estabelecem nos meios em que estão inseridas, como por exemplo, na escola. Ao ser inserida em um ambiente

estimulante e facilitador, a criança desenvolve a complexidade da linguagem com mais naturalidade.

Silva e Valiengo (2010) nos passam um olhar interessante quando em seu trabalho compreende estudos que embora o uso intencional da linguagem oral seja importante, pesquisas apontaram que há um déficit na prática da maior parte das professoras atuantes em escolas infantis. Essa deficiência é causada pelo pouco uso da linguagem e a falta de compreensão da fala como uma ferramenta de trabalho, pois a utilizam, na maioria das vezes, apenas para dar ordens ou proibições. A limitação do diálogo, as respostas simplificadas, permitem aos alunos construir um vocabulário pobre. Esta prática acontece na fase das descobertas e início da socialização, como também o desabrochar no processo de desenvolvimento da fala e linguagem. Portanto, é crucial, nesta fase tão importante de sua vida, atender e compreender a criança, nesse anseio de manter contato com o adulto por meio da verbalização constante através de diálogos.

Germano (2011) mostra como é importante que a professora saiba detectar situações de dificuldades de fala e linguagem antes que tomem proporções mais graves e se tornem mais difíceis de serem superadas. Identificadas as dificuldades, o aluno deverá passar para uma avaliação especializada, a profissional analisará se o mesmo precisará ou não de um acompanhamento adicional, por exemplo, de um fonoaudiólogo. A professora da sala de aula deverá continuar o seu trabalho com os objetivos de encorajar o uso da fala como forma de expressão; criando situações de aprendizagem de novas palavras; incentivar a compreensão e a produção de enunciados com maior complexidade.

A autora ainda, em seus estudos nos fala de técnicas usadas pelas professoras para desenvolver estes objetivos. Como a técnica de modelação, em que o adulto serve de modelo linguístico para a criança, a técnica de incitação em que o adulto, no caso a professora, faz perguntas às crianças e nestas estão pistas para a resposta, e uma outra técnica a de reformulação em que a professora repete a frase do aluno mudando alguns elementos da estrutura frasal verbalizada por ele, ajudando e estimulando, assim o aumento do vocabulário da criança, e às vezes uma melhora na produção da sua fala.

Fernandes (2020) aponta que a professora tem um papel primordial frente a identificação de possíveis alterações de fala e linguagem. Apontando estudos com crianças, encaminhadas para avaliação fonoaudiológica a partir da percepção do

professor ou do orientador pedagógico, revelando que todas as crianças encaminhadas tiveram as referidas dificuldades confirmadas após avaliação.

Chaer e Guimarães (2012) afirmam que o professor deve observar o desenvolvimento oral das crianças, avaliando-as a fim de detectar avanços. É valoroso que o professor identifique também as dificuldades planejando atividades que possam ajudar esses alunos a expressarem-se cada vez melhor, fazendo correções indiretas sempre pronunciando as palavras de forma correta. Cabe aos professores estimular a fala e a linguagem dos alunos, sempre com a fala clara melhorando e aperfeiçoando. É necessário discutir sobre a relevância de desenvolver um trabalho pedagógico que valorize o ato comunicativo das crianças possibilitando o pleno desenvolvimento da linguagem. Portanto, é essencial perceber que o processo da linguagem oral é dinâmico, necessita de situações e possibilidades altamente significativas, por isso devem ser trabalhadas diariamente.

Discorrendo as respostas das professoras, percebemos que os relatos das mesmas consolidam os estudos de Fernandes (2020), pois brevemente identificam as possíveis dificuldades de fala e linguagem que as crianças de quatro e cinco anos possam ter, como vemos a P2, que percebe a dificuldade de fala da criança, colocando a fala como infantilizada, mas não consegue perceber que nesta idade de aproximadamente 04 e 05 anos a criança deveria finalizar o sistema fonêmico. Já a P10, consegue identificar um problema maior de defasagem da linguagem, mas as crianças que possuem trocas fonoaudiológicas na fala não são vistas como alunos que merecem um olhar mais apurado e um encaminhamento adequado para a fonoaudióloga, a P12, demonstra que tem conhecimentos das possíveis trocas fonoaudiológicas que possam aparecer, mas não está atenta a idade do fechamento do sistema fonêmico, que ocorre por volta dos cinco anos de idade.

Eu percebo assim, talvez seja uma impressão minha, eu não tenho tanto tempo na educação infantil né, aí uns 5 anos no máximo, talvez se eu puxar na memória 6, não passa disso, mas eu percebo que as crianças entram na educação infantil com 4, 5 anos cada vez com mais dificuldade na fala, na pronúncia mesmo das palavras, e muitas vezes o que eu observo é que é uma dificuldade, a criança fala assim como se ela tivesse um nível atrasada né, não sei se eu posso usar esses termos, mas falando assim de uma maneira mais simples né, ela tá com 4, mas parece que ela ainda tem 2, ela tem 3. Então, o que eu percebo é que é uma dificuldade superável, que não é algo que ela não domina, não é uma dificuldade que ela vai precisar talvez, talvez até por demorar ela acabe precisando, mas não é algo que ela precise de um fono ou de uma correção pra falar, é criança, então é infantil, mas eu vou usar o termo assim mesmo, parece que ela vem mais infantilizada nessa questão da fala, então eu acredito e o que a gente

orienta os pais é sempre no sentido de deixar a criança se expressar, porque a gente percebe que muitas não falam, elas apontam ou elas não falam uma frase completa, então elas querem ir no banheiro é , então elas utilizam só palavras pra se expressar, então nesse sentido, a gente sempre tenta orientar para que o pai estimule, então eu acho que essa dificuldade que a gente encontra mais, acho que eu até me perdi um pouco na sua pergunta, não sei se eu fugi um pouco do tema, mas eu acho que é isso né, principalmente essa questão da infantilização da fala, a criança tá com 4 anos mas ela fala como se fosse uma fala de 2 (P2).

Dificuldade de expor o pensamento na fala, então, por exemplo, a criança não consegue passar pra fala aquilo que ela tá pensando. Eu tenho crianças que faltam fonema, normal, agora quando eu tenho uma criança com 4 anos que ela não consegue colocar em palavras aquilo que ela tá pensando ou deseja, e fica realmente difícil de entender, porque tem criança que você não consegue entender o que ela quer dizer, isso pra mim já é um problema que tem que ficar de olho numa criança de 4 anos (P10).

Ah, me preocuparia ainda criança com muita troca sonora né, porque a gente já sabe que perto dos 6, 7 anos já não é pra não tá trocando F por V, D por T, dificuldade pronunciar com algum fonema, eu já consideraria isso uma dificuldade de linguagem (P12).

A análise das falas das professoras nos mostra que estas têm um limitado conhecimento sobre as possíveis dificuldades de fala e linguagem, necessitando avançar e aprofundar tal conhecimento, para poder observar e identificar com maior propriedade os problemas fonoaudiólogos que porventura os alunos da pré-escola possam vir a ter. É de suma importância a percepção e o olhar atento das professoras na Educação Infantil das alterações da fala e linguagem e das habilidades que estão associadas a essas alterações, é a melhor maneira de melhorar as chances de um tratamento adequado e precoce, e diminuir as chances de que estas alterações possam influenciar de maneira negativa nas relações sociais da criança e na sua vida educacional, e assim possibilitando uma melhor qualidade de vida.

Por este modo, precisamos estabelecer uma parceria mais profunda com as professoras para que se sintam mais fortalecidas em suas atividades, conseguindo identificar precocemente as dificuldades provenientes da fala e linguagem, possibilitando uma melhor comunicação e uma melhor qualidade de vida às crianças.

Seguindo com a entrevista, as professoras foram questionadas sobre quando ponderar que uma dificuldade de fala passa a ser um problema de linguagem, pois a aquisição e o desenvolvimento da fala e linguagem é um processo crescente, cujo maior desenvolvimento se dá na faixa etária de zero a seis anos (SILVA, 2014).

Considerando que durante grande parte da aquisição e desenvolvimento de fala e linguagem a criança está inserida nas escolas de Educação Infantil, é importante que as instituições ofereçam às crianças condições que favoreçam e estimulem a fala e a linguagem, bem como o desenvolvimento holístico da criança. O local é um espaço ideal para a atuação fonoaudiológica, pois favorece a aquisição e o desenvolvimento fala e linguagem, uma vez que proporciona às crianças um dos seus principais ambientes comunicativos.

Na educação infantil é fundamental que a professora conheça o desenvolvimento de fala e linguagem dos alunos com a ideia de propiciar um melhor desenvolvimento das mesmas, uma vez que as professoras passam boa parte do dia interagindo com os alunos. Quando o professor adquire conhecimento sobre o desenvolvimento normal de fala e linguagem, estará melhor preparado para propor atividades pedagógicas que auxiliam e estimulam a aprendizagem. Além disso, poderá mais facilmente identificar os distúrbios e ajudar na orientação e no encaminhamento para os profissionais específicos, se for necessário. Sendo assim, o fonoaudiólogo, a professora e toda a equipe escolar podem e devem trabalhar juntos numa relação de troca e integração de conhecimentos para contribuir com o desenvolvimento e aprendizado dos alunos e grandes benefícios para o ambiente escolar.

Silva (2014) conclui enfatizando que os professores da Educação Infantil apresentam dificuldades em identificar as crianças com desarmonia de fala e linguagem e saber qual a faixa etária que as crianças apresentam riscos para as alterações mencionadas.

Carlino, Denari e Costa (2011), estudando os professores, perceberam o quanto é importante que as pessoas que convivem diariamente com as crianças e influenciam o seu crescimento (familiares e professores) conheçam as etapas de aquisição e desenvolvimento normal de fala e linguagem, para que possam ser capazes de perceber as variações do desenvolvimento infantil e ajudar substancialmente quando for necessário. Os autores complementam a sua pesquisa com informações referentes à Fonoaudiologia, questionou-se a opinião dos professores sobre a atuação do fonoaudiólogo na escola, e foi verificado que todos consideraram importante, o que demonstra que a parceria entre a Educação e a Fonoaudiologia, buscando a integração de conhecimentos e experiências no ambiente escolar, tem sido valorizada pelos professores e a escola como um todo;

quando questionados sobre o desenvolvimento de um programa de orientação fonoaudiológica nos cursos formadores, todos os profissionais consideraram importante, o que indica que a Fonoaudiologia vem sendo, cada vez mais, valorizada na Educação Infantil.

Melo, Teixeira e Queiroga (2021) relatam a influência do desenvolvimento da fala e linguagem para o aprendizado da leitura e escrita, descrevem que os entrevistados não se sentem aptos para observar as dificuldades de fala e linguagem em seus alunos, mesmo não se sentindo preparados os professores fazem os encaminhamentos para os fonoaudiólogos.

Analisando os dados coletados por Melo, Teixeira e Queiroga (2021), verificaram que todos os professores percebem que o conhecimento nas áreas de fala e linguagem poderá auxiliar na identificação precoce de alunos com sinais de dificuldades de aprendizagem, e consideram fundamental conhecer ferramentas que os auxiliem nesta identificação e concluem que crianças com dificuldades de desenvolvimento da linguagem oral, consciência fonológica e relação fonema/grafema, podem ser consideradas de risco para um bom desenvolvimento da leitura e escrita.

Ressalta-se a importância que Melo, Teixeira e Queiroga (2021) dão ao profissional fonoaudiólogo educacional, pois ele pode exercer um papel de mediador e cooperador entre as crianças e a escola como um todo.

As professoras em seus relatos nos mostram as dificuldades em responder a pergunta, algumas explicitando, como P3 e outras nos dando ideia que sabem, mas não determinam quando e qual faixa etária é preciso ficar atentas e fazer o devido encaminhamento, como vemos em P2.

Nossa. É, eu acho que não vou saber responder essa pergunta (P3).

É, quando a gente percebe que a criança tem essa dificuldade na fala principalmente essa questão da fala né, deixa eu recordar a palavra que eu já usei hoje, a dificuldade na pronúncia principalmente né, quando a criança pronuncia as palavras de uma maneira muito errada, e fazem trocas que a gente não reconhece, pelo menos como professora na pedagogia, como trocas normais de serem feitas, aí a gente já encaminha, fala com os pais, que é uma dificuldade que ela vai precisar de uma ajuda extra, fora da escola, às vezes fora da família, com especialista (P2).

Já a P9, colocando a sua preocupação em crianças de cinco anos de idade com defasagem na fala e linguagem, com isso nos revela a sua dificuldade em saber

as etapas de desenvolvimento normal da fala e linguagem, pois nesta idade a criança já deveria estar com o seu quadro fonêmico completo, ou seja, falando semelhante a um adulto.

Olha, enquanto a criança é muito pequena, eu acho que ainda não é tão, não seria tão preocupante, pelo menos eu não sei se eu tô certa ou não. Mas a partir do momento que ela já vai tendo 5, 6 anos... eu acho que já seria o momento, a partir de 5 anos eu acho que já tem que começar a prestar atenção. Criança que fala muito errado, muito errado, tem criança que não pronuncia né, as sílabas, criança que não fala as sílabas corretamente, fala muito errado, ou mesmo aquela criança que você percebe que fala muito infantilizado também. Então, são esses aspectos que a gente leva em consideração (P9).

Analisando os dizeres das professoras desta pesquisa, conseguimos inferir que as professoras da Educação Infantil expressam dificuldades em identificar as crianças com déficit de fala e linguagem e definir a faixa etária que as crianças apresentam riscos para as alterações de linguagem.

Fica claro o quanto é importante que as mesmas se aprofundem mais nestes estudos e conheçam as etapas de aquisição e desenvolvimento normal de fala e linguagem, para que possam ser capazes de identificar, estimular e perceber nuances do desenvolvimento infantil e ajudar efetivamente quando for necessário com os possíveis encaminhamentos adequados para os profissionais especializados.

Sendo então de suma importância que as professoras tenham um bom conhecimento de fala e linguagem para identificar alguns problemas e realizar encaminhamentos adequados, bem como estarem melhores preparadas para desenvolver atividades em sala de aula que propiciem um desenvolvimento linguístico do aluno.

Conduzindo a entrevista, questionamos as professoras se as mesmas utilizam alguma estratégia para auxiliar a criança com dificuldade de linguagem oral.

Ao se referir a palavra educar, Fantacholi e Almeida (2009) buscam no Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil seu significado, cujo objetivo é propiciar junto as situações de cuidados, as brincadeiras e a aprendizagem, integrando-as e podendo contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis, das relações interpessoais, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, confiança e respeito, e proporcionando as mesmas os

conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural, trabalhando as crianças como um todo.

Deste modo, a interação, a brincadeira, o brinquedo e o jogo, são instrumentos fundamentais para o desenvolvimento da memória, da linguagem, da atenção, concentração, da percepção, afetividade, da criatividade sendo estas habilidades bem trabalhadas propiciam um melhor desenvolvimento da aprendizagem. Estes instrumentos têm o intuito de contribuir significativamente para o desenvolvimento das estruturas psicológicas e cognitivas do aluno, desenvolvendo-os holisticamente (FANTACHOLI; ALMEIDA, 2009).

Muitas são as atividades e os instrumentos que podem contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral dos pré-escolares, contar histórias e cantar músicas são algumas delas, como relatado por Fernandes (2020), estas foram citadas pelos profissionais e os dados foram estatisticamente positivos. Ainda neste estudo foi relatado que os professores referiram que conversar durante as atividades do dia a dia seria importante neste processo, as atividades comentadas foram: contar histórias, cantar músicas, realizar a roda de conversa e brincadeiras diversas.

Na entrevista com os participantes deste estudo, foi possível observar por meio da fala da P5, que, estimula a fala através da atividade da música, mas ao perceber uma dificuldade pede para o aluno repetir a palavra devagar. Vemos a estimulação por meio da música muito incentivadora, mas fazer com que a criança repita a palavra, que tenha calma ao falar, não é uma orientação adequada e propícia para este momento, levando a criança a ficar irritada e com pouca vontade de se comunicar. Já P6 trabalha com a música para estimular o aluno, mas em seu relato nos mostra uma insegurança se esta seria a melhor escolha.

A P8 estimula a fala das crianças com música e leitura e sinaliza que usa a criatividade do momento para estimular a criança e faz menção de encaminhar para um profissional especializado, como é possível observar nos fragmentos a seguir,

Então, isso que te falei, tentando estimulá-la para participar das músicas, das conversas, quando ela fala alguma coisa que não entendi, peço para ela repetir devagar, para ela ter calma, dessa forma (P5).

Eu uso tudo muito no viés da música né, talvez possa ser um pensamento até limitado junto de outras estratégias no leque, mas para mim sempre tem funcionado muito bem porque a primeira coisa que eu tento sempre fazer é cativar aquela criança (P6).

... incentivando ela de uma forma mais tranquila, lendo alguma coisa, ouvindo uma música, cantando. Então assim, estratégias não sei te dizer assim especificamente, é daquilo que vem no momento que a gente vai criando e vai tentando ajudar, e a busca por um profissional se você achar que não tá, né, que tá mais sério e que você não tá conseguindo atingir (P8).

Fica evidente que estas professoras da Educação Infantil conseguem, através das atividades pedagógicas desenvolvidas no dia a dia, estimular as crianças permitindo que elas desenvolvam a fala e aumentem o vocabulário, o que precisa ser aprofundado, a nosso ver é, como podem desenvolver da melhor maneira a fala e a linguagem da criança com orientações adequadas para cada idade.

Percebemos uma divergência nas falas das P10 e P12, frente às outras professoras entrevistadas, conseguiram mostrar que conseguem estimular as crianças em atividades diárias, mas sem corrigi-las, sempre lhes dando o modelo adequado de fala, isto pode ser visto nos trechos a seguir,

Eu procuro conversar mais, dar uma atenção especial, pronunciar melhor o som para ela entender, ouvi-la e fazer exercícios nas músicas também, mas geralmente eu trabalho a sala como um todo em música, até para não deixar essa criança se sentir envergonhada. Não procuro salientar; fala assim, porque eu sei muitas vezes ela não vai conseguir, então procuro dentro do trabalho pedagógico diário mesmo (P10).

Olha, as mesmas que eu utilizo com as outras crianças né, que eu acho que a gente tem também que tomar muito cuidado para não enfatizar que ela esteja falando diferente porque acho que pode levar a um constrangimento maior (P12).

Ao diálogo apresentado, fica visível que as P10 e P12, possuem um conhecimento maior sobre o desenvolvimento de fala e linguagem e como estimular, tendo condutas pertinentes para os casos relatados.

A professora P11 manifesta conhecer o trabalho fonoaudiológico, informando para quem encaminhar quando for necessário, mas percebemos pouco conhecimento de como estimular a criança na fala e linguagem, solicitando ao aluno a repetição alterada; esta conduta irrita o falante, pois o mesmo não consegue repeti-la de outra forma, segue o relato,

Eu procuro sempre falar corretamente as palavras, com clareza. Quando não entendo, pedir para repetir, falar junto com ela, se alguma palavra que ela esteja falando errado, estimular a conversa, isso se tiver dentro do meu alcance, quando já foge assim, que eu não estou conseguindo ajudar, eu sempre converso com a mãe, peço para procurar uma fono (P11).

Por outro lado, as P2, P1 e P7 foram questionadas e apontam ter um conhecimento mais aprofundado sobre o tema, com uma estimulação adequada para a fala e linguagem, vejam a seguir os trechos,

... Se eu vejo que aquela criança tem dificuldade, a gente tenta colocar ela num lugar que ela consiga se expressar mais, que ela consiga falar mais, a gente tenta incentivar, então é aquela questão por exemplo da fala, se a criança se expressa com uma única palavra, então a gente tenta incentivar ela a falar frases completas e tudo mais, quando eu vejo que é um problema na hora da pronúncia a gente tenta ajudar, se eu vejo que é um problema, situação pontual, que ela não consegue falar tal palavra, a gente tenta repetir a palavra pra ver se ele vai aprendendo, ouvindo e conseguindo falar corretamente. Então, sempre colocar a criança numa posição em que ela consiga se expressar pra que essas dificuldades sejam sanadas na medida do possível, e fazendo isso de uma maneira que a criança não se sinta constrangida, porque muitas vezes a criança que tem dificuldade na fala ela tem as vezes vergonha, as vezes ela não se sente segura o suficiente pra falar, então a gente tem que achar um caminho em que a gente consiga colocar como protagonista numa situação, mas de uma maneira que ela se sinta segura e consiga se expressar sem criar um trauma (P2).

..., a gente é muito limitado, eu procuro escutá-la e repetir a palavra que ela falou da forma correta, e o negócio é orientar os pais, porque os nossos instrumentos pra ajudar é muito pouco né. Antigamente eu até sentava com as crianças e fazia exercício de linguagem oral né, às vezes com a língua, com a boca, às vezes numa musiquinha a gente até faz isso né, barulhinho com a boca, de pipoca, enche assim, estourar, mas fica muito pouco, porque dependendo do caso isso não funciona só. A gente faz assim, numa música, procura falar a palavra certa, mas fica muito limitado (P1).

Acho que primeiro né, essa observação, essa avaliação, depois uma conversa talvez com as mães, com a família né, pra saber se tem algum, já tem algum tipo de orientação, atendimento né. E depois na própria classe estimular ao máximo a participação dessa criança nos momentos de oralidade né, mesmo que talvez ela não consiga falar de um jeito que todos entendam, mas permitir que ela se expresse da maneira que ela consiga, né. Por exemplo, em outras situações, por exemplo, de uma criança que tem uma fala errada, não é errada, assim, uma dicção errada, ou alguma coisa assim, a gente fala corretamente pra ela ouvir o correto, não chamando a atenção, nem, né, mas pra ela ter a referência do correto pra ir aos poucos se autocorrigindo né (P7).

A esta questão houve muitas respostas divergentes e pudemos verificar que quanto mais embasamento teórico temos a respeito do assunto a ser trabalhado, no caso, sobre o desenvolvimento da fala e da linguagem oral nas crianças, quanto mais estudamos e nos aprofundamos sobre o conteúdo tratado, maior será a facilidade e a fluidez para desenvolver atitudes e atividades assertivas junto às práticas diárias do escolar.

Corroborando com os dizeres das professoras, Chaer e Guimarães (2012) indicam que o trabalho com a oralidade tem um importante papel no processo educativo. As atividades educativas tornam o processo mais eficaz ao propiciar situações dinâmicas e envolventes. É por meio do desenvolvimento da fala e linguagem que crescem e se relacionam socialmente. Deste modo, a professora deverá criar situações, promover atividades apropriadas e incentivar a participação dos alunos com conversas, poesias, dramatizações, fantoches, leitura de histórias, entrevistas, músicas, reconto de histórias, trava-língua, possibilitando que a criança se torne mais comunicativa e tenha uma interação maior com o grupo. Um ambiente rico em atividades verbais incentivará o desenvolvimento da linguagem da criança

As autoras nos mostraram que as professoras usam estas atividades no dia a dia da educação infantil. Vale citar que Chaer e Guimarães (2012) enfatizam que as professoras precisam conhecer o perfil do aluno, possibilitando assim definir estratégias variadas e sistemáticas, assim poderão criar situações para ajudar a criança a desenvolver melhor a sua fala e linguagem. Entre vários instrumentos e atividades, destacam a música, estimulando a sensibilidade à entonação, ritmo, timbre, emoção, o vocabulário e a pronúncia das palavras. Na Roda de conversa, permitindo ao aluno aprender a escutar os colegas, esperar a sua vez e a trocar experiências. No Reconto de histórias, enriquecendo a sua linguagem, suas experiências, desenvolvendo a criatividade e a imaginação, a capacidade de atenção e a organização do pensamento. A Dramatização, ajudando-a a se expressar e melhorando a sua fala e linguagem. Com a poesia, dando significado às palavras, ritmo e entonação. Os Fantoches: nas crianças têm o pensar do movimento ajustado à fala, equilibrando-os, incentivando ao pensar espontâneo e usando da sua criatividade para verbalizar a sua linguagem. Com a leitura, a criança aprende a pronunciar as palavras e se comunica melhor de forma geral, enriquecendo, assim o seu vocabulário.

Abalroado (2020) demonstra que as crianças ao chegar na Educação Infantil, já são capazes de se comunicar com coerência, expressando as suas ideias e sentimentos. Nesta fase, a ideia é que a professora consiga estimular o aluno para que o mesmo se comunique usando a língua materna, melhorando a cada dia a sua fluência; esta proporcionará oportunidades, no dia a dia da Educação Infantil, para que o aluno aumente o domínio da linguagem, enriqueça o seu vocabulário,

formando frases desde as mais simples até as mais complexas, se expressando com maior clareza e de forma prazerosa.

O autor enfatiza a contação de histórias como um meio de desenvolver o cognitivo da criança adquirindo novas competências e potencializando a sua fala e linguagem, conseqüentemente, se expressando melhor oralmente, ele nos mostra que é através da leitura, que a criança desenvolverá a criatividade, aumentará o seu vocabulário, a imaginação e aumentará a sua cultura, o seu conhecimento e trabalhará valores, como também irá se familiarizar com a escrita.

Inserir esta estimulação de fala e linguagem nas atividades lúdicas do dia a dia da Educação Infantil, como nas músicas, reconto de histórias, leituras, dramatizações, é uma forma, a nosso ver, adequada para este período escolar, em que a criança se desenvolve holisticamente com as brincadeiras contextualizadas.

Todo o trabalho das professoras na Educação Infantil é realizado por meio de atividades lúdico-pedagógicas, inserindo a criança em um contexto sociocultural, sabendo que um dos eixos principais de trabalho é o desenvolvimento da fala e linguagem que permeiam todas as outras linguagens, um aprofundamento, um aperfeiçoamento, um maior conhecimento nesta área fará com que as professoras se sintam mais capacitadas para estimular adequadamente cada criança.

Prosseguindo com a entrevista, analisamos como as professoras se baseiam e quais as estratégias que utilizam para a intervenção no desenvolvimento da linguagem oral junto às crianças, pois segundo Saccomani (2018), a escola, na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado. Portanto, defende a transmissão dos conhecimentos pensados e sistematizados em suas formas mais desenvolvidas e a intervenção intencional e consciente da professora de elaborar ações a serviço do desenvolvimento global do aluno.

O papel da professora precisa ser compreendido como uma pessoa que estimula e acompanha de modo espontâneo e pragmático a criança em seu desenvolvimento a partir de suas necessidades, desejos e interesses imediatos tendo em vista a transformação do saber espontâneo ao saber elaborado, pensado. Esta precisa pensar no conteúdo a ser passado, na forma de se fazer e para quem será e qual o objetivo a ser alcançado.

As professoras se baseiam nas suas experiências profissionais para trabalhar o desenvolvimento da fala e linguagem das crianças, embora algumas incluem

estudos teóricos, a experiência de anos de trabalho tem uma influência maior no trabalho desenvolvido na Educação Infantil como se apresenta com os relatos a seguir,

Ah, tá, em termos de fonte mesmo né? Considerando claro eu acho importante estar alinhado com todo um projeto, uma grade mesmo né curricular, um projeto pedagógico, o que que ele propõe, e outras bases de estudo também, os artigos científicos, a gente sempre procura né, acho que pra uma prática efetiva você precisa estar em constante construção né, de conhecimento, eu acho importante sim (P4).

Olha, chega num momento que você vai mais pela experiência mesmo, né. Se tem alguma coisa específica eu sempre procuro buscar, às vezes numa conversa com alguém, se tem alguma informação diferente, alguma busca de uma parte teórica, de como fazer. Então, assim, eu acho que junta tudo, junta a experiência, junta o buscar informação com outros profissionais, buscar essas informações via recurso mesmo né, de teoria, de conhecimentos mais específicos (P8).

Principalmente na experiência. No que a gente vai vendo no dia a dia que dá certo ou não dá, com a criança que a gente tem próxima, antes na minha família, agora com minha filha. Então a gente vai vendo o que dá certo, o que não dá, e vai aprimorando nossas possibilidades de estratégia, pesquisa, às vezes a gente busca informação, para ir encontrando um caminho mais adequado (P2).

Eu acho que mais na experiência mesmo, porque eu não fiz leitura nenhuma pra poder elaborar uma estratégia pra essas dificuldades (P3).

Consolidando a nossa análise, Saccomani (2018) expressa que o ponto de partida das professoras são os conhecimentos científicos e filosóficos que embasam sua prática pedagógica e norteiam o ponto de chegada do processo educativo. Há a necessidade de estar sempre se aprimorando e aperfeiçoando.

Como foi relatado, a experiência da professora tem que ser valorizada, mas precisamos atrelá-la a maiores conhecimentos, para que o desenvolvimento de fala e linguagem na criança se estabeleça de forma clara e ampla, a professora deve dominar os conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil para promover ações pedagógicas de modo a intervir intencionalmente nesse desenvolvimento, tendo em vista definir mais precisamente quais conteúdos serão ensinados, organizando-os de forma sequenciada e, ao mesmo tempo, articulada, pensar em cada ação e qual a razão de ser inserida dentro de uma atividade, dentro de um contexto, e para qual idade. Sendo a professora a mediadora do conhecimento adquirido na Educação Infantil esta precisa estar embasada teoricamente e conseguindo fazer esta ponte com a prática nas atividades diárias escolares.

Para trazer um embasamento teórico-prático é necessário motivar uma parceria entre a Educação Infantil e a Fonoaudiologia. O fonoaudiólogo necessita estar em consonância com a Educação Infantil, entender as lacunas que faltam para o conhecimento das professoras a respeito do desenvolvimento de fala e linguagem e as possíveis dificuldades que podem acontecer neste período.

Esta parceria contribuirá e enriquecerá as condutas, as atividades do dia a dia escolar, sendo elas contextualizadas na Educação Infantil. Esta cooperação ajudará em todo o processo da Educação Infantil, fazendo com que as professoras estejam mais seguras e assertivas em suas caminhadas e os alunos estejam melhores preparados para serem inseridos em uma sociedade.

Os primeiros anos de vida da criança, são considerados como o período importante para o desenvolvimento das habilidades de linguagem, assim nos coloca Fernandes (2020), nesta fase o adulto, passa a ter um papel de destaque neste processo, fornecendo instrumentos para que a interação e a comunicação ocorram. Sabe-se que a família é a grande responsável por proporcionar o primeiro contato da criança com a linguagem oral. A autora pontua em seus estudos a importância da fala materna, uma vez que ajuda no desenvolvimento da fala da criança, pois a mãe fornece respostas apropriadas para as atividades de comunicação contribuindo com o seu processo de aquisição de linguagem oral.

É de grande valia que os pais e todos os familiares do convívio da criança, tenham conhecimentos sobre o desenvolvimento da fala e linguagem e a sua importância no seu desenvolvimento global, e mais do que isso, como estimulá-lo, proporcionando bons momentos de interação com a criança. Uma vez tendo este conhecimento sobre o tema, estarão aptos a ajudar no crescimento da linguagem oral de seus filhos, bem como a identificar possíveis alterações, buscando o auxílio de um profissional capacitado mais precocemente.

Fernandes (2020) cita ainda que alguns pais demonstravam certa surpresa quanto às queixas apresentadas pelos professores e/ou sobre as observações feitas em sala de aula, chegando a relatar ser normal as crianças pequenas, inseridas na Educação Infantil, estarem falando pouco, ou com erros, pois ainda estão aprendendo a conversar e muitos mencionaram que a melhora da fala acontecerá com o avançar da idade, ou seja os erros e as características de fala infantil seriam sanados naturalmente.

Os relatos de P8, P9 e P10 identificam que poucos pais conseguem conhecer o desenvolvimento normal de fala e linguagem, menos ainda perceber a dificuldade de fala dos seus filhos, deixando a cargo do professor, P8 e P10, nos apresentam em suas falas diferença de preocupação nas diferentes classes sociais, já P9, percebe também, pais que tem uma grande preocupação, bem como pais que acham que a criança se encontra na fase de desenvolvimento normal da fala, vejam a seguir os trechos citados pelas professoras,

Ai, não é muito fácil não. Apesar que assim, ...eu tenho duas realidades, eu tenho uma realidade numa comunidade mais simples, que é onde eu estava atuando como direção, e antes também quando eu trabalhava como professora numa comunidade mais simples. E depois numa comunidade um pouco mais esclarecida. A comunidade um pouco mais esclarecida ela até vem, te propõe, te questiona, te pede ajuda. A mais simples é o contrário, você tem que insistir muito pra que eles te ajudem, pra que busquem essa ajuda profissional, então assim, tem esses dois lados, aí a família acha que é normal, que o meu filho foi assim, que o pai falava errado, que a mãe também, que não tinha muita comunicação. Então, tem essas duas situações né, eu acho que infelizmente eu percebi essa divisão aí com os pais mais esclarecidos e os menos esclarecidos. Os menos esclarecidos é normal, deixa que o tempo cura, os mais esclarecidos colaboram mais e tentam entender e buscar ajuda (P8).

Olha... é... é assim, tem pais que se preocupam demais, assim, até em excesso, então às vezes não é, percebe que tá até normal, mas tem pai que acha que tá errado, que é um absurdo. Agora tem outros que por outro lado que acham que não, que ainda é novo, que tem tempo, "ah o irmão, o priminho quando era pequeno também era do mesmo jeito, depois quando cresce, com 9, 10 anos melhora", então é difícil assim, vai de cada família né, cada família é de um jeito (P9).

Algumas vezes, eu sempre trabalho com escolas mais complicadas assim né, periféricas, não que isso seja motivador, muitos negam, muitos acham bonitinho porque é pequenininho ainda, muitos acham que ah eu falei errado até os 7 anos, depois eu comecei a falar certo; é uma negação. Então, muitos pais dificultam sim, esse desenvolvimento (P10).

Salientamos a importância dos pais aprofundarem o conhecimento do desenvolvimento normal da fala e linguagem da criança, não deixando a cargo dos professores pontuarem tal situação, pais e professores precisam caminhar em conjunto, em sintonia para que as crianças sigam um bom e adequado desenvolvimento de fala e linguagem.

Ainda de acordo com Fernandes (2020), um outro ponto mencionado por alguns professores diante de uma queixa de fala era de que estas informações dadas deveriam ser comunicadas pelos profissionais da saúde que acompanhavam a criança, e desta forma, não deveriam se preocupar com tais questões.

É sabido que os estímulos oferecidos às crianças durante a primeira infância têm impacto sobre a aquisição e o desenvolvimento da linguagem oral. Por este motivo, os ambientes familiares e escolares devem ser ricos em experiências, diálogos e atividades que ofereçam à criança a possibilidade de se desenvolver de forma global.

Os professores são unânimes em relatar que poucas vezes os pais identificam as dificuldades de fala em seus filhos, deixando este a critério e a observação das professoras, como pode-se observar nas falas de P2, P3 e P5,

É difícil, alguns casos sim, mas a maioria é colocado pela gente, principalmente quando é essa questão que eu coloquei da infantilização, da criança estar num estágio mais atrasado do que seria ideal para idade, geralmente os pais têm essa dificuldade de enxergar porque em casa eles entendem, pela convivência eles entendem o que a criança tá falando mesmo que ela não esteja falando corretamente e aí quando a criança é inserida na escola, que ela convive com outras crianças, outros adultos e essas pessoas passam a ter dificuldade de entendê-la, e aí a gente coloca para os pais, como em casa eles entendem a criança pela convivência, é difícil eu ter, assim nesse tempo que eu tô na educação infantil, foram poucos pais que colocaram essa dificuldade dos filhos antes de eu fazer essa introdução de dificuldade pra eles (P2).

...eu acredito que os pais vão identificar isso só depois que a criança começa a frequentar a escola. Acho que às vezes eles não tem nem conhecimento das dificuldades que a criança tem, né, após ele tá na escola, principalmente as professoras de sala né, identificarem né, e às vezes até comunicar aos pais ou a alguém competente pra isso na escola né, que nas EMElas a gente não tem orientadora que pode tá auxiliando em alguma coisa assim (P3).

Em geral quando a gente chama para conversar a maioria não, eles acham que é normal que é assim mesmo que ele vai desenvolver, por isso que a gente entra com muita cautela quando pede, conversa com um pediatra para ele dar uma avaliada, ver se é o caso de um fonoaudiólogo, porque eu sempre falo dessa forma, eu não posso dar um diagnóstico, mas diante das outras crianças nós percebemos que tem uma diferença. Então pode ser que um profissional possa ajudar a desenvolver de uma forma mais rápida (P5).

Ponderando estes relatos dos professores, compreendemos que os pais possuem pouco conhecimento do desenvolvimento de fala e linguagem, deixando este a cargo das professoras, com este pensamento percebemos uma dicotomia entre os professores e os pais, este fragmento faz com que haja pouca estimulação em casa, deixando para trás um papel importante e de destaque neste processo, em uma época que os pais podem ajudar pois, as crianças estão abertas ao conhecimento, ávidas para aprender num ambiente agradável e acolhedor, os pais

têm condições de fornecer ferramentas para que a interação e a comunicação ocorram (FERNANDES, 2020).

A família é uma grande aliada para proporcionar um bom desenvolvimento da linguagem oral na criança. Os pais, podem auxiliar no desenvolvimento da fala e linguagem da criança, estes naturalmente têm o papel de estimular e ajudar na comunicação da criança, participando do processo de aquisição de linguagem oral através das atividades de vida diária.

O nosso questionamento para com as professoras consistiu também, em saber se as mesmas se julgam preparadas para identificar as dificuldades e os problemas da linguagem nas crianças de 4 e 5 anos.

Germano (2011) explicita que um dos maiores desafios da Educação Infantil é sem dúvida a possibilidade de contribuir para que as crianças que adentram a Educação Infantil, sejam mais autônomas e melhores integradas, que as suas dificuldades de linguagem e outras dificuldades que possam vir a ter, sejam ultrapassadas, ou minimizadas, para que se sintam cada vez mais adaptadas à sociedade da qual fazem parte.

Por este motivo o papel da professora da Educação Infantil na identificação e sinalização de problemas na linguagem é de suma importância para que as crianças possam ser avaliadas por especialistas e encaminhadas para apoios adequados, se isso for necessário.

Germano (2011) constatou que as professoras identificam de forma genérica a existência de problemas de linguagem numa criança, mas parecem ter dificuldade em identificar especificamente os aspectos linguísticos em que esses problemas ocorrem. Mostrando então a importância da fonoaudiologia escolar, de capacitar e estar em parceria com a Educação Infantil a fim de ajustar, clarificar e contribuir com o aprendizado das professoras.

Fernandes (2020) buscando verificar o desenvolvimento das habilidades da linguagem oral de pré-escolares, após um programa de intervenção, mostrou que ações de promoção de saúde são benéficas para o desenvolvimento da linguagem oral na Educação Infantil. Além disso, os achados reforçam a importância da atuação fonoaudiológica dentro da escola, que por meio de ações e em parceria com as professoras, aprimora e previne alterações, otimizando o processo ensino-aprendizagem dos alunos. Neste estudo objetivou para as professoras, orientações a respeito dos aspectos referentes à aquisição e desenvolvimento de linguagem e

de possíveis atividades que poderiam ser implementadas em ambiente escolar. Além disso, os pais foram orientados por meio de folhetos informativos enviados ao longo do ano letivo. Já as crianças com maiores dificuldades e que necessitavam de fonoterapia, foram encaminhadas para avaliação e conduta com profissional fonoaudiólogo, tanto da rede pública como privada.

Ao considerar as respostas das professoras, nos deparamos com as diferenças que estas possuem, conseguem perceber que a criança possui uma dificuldade de fala, mas não conseguem muitas vezes explicar para os pais ou a outro colega o que realmente está acontecendo com a criança, isso evidencia que as professoras têm pouco conhecimento sobre o desenvolvimento de fala e linguagem e as possíveis dificuldades que podem aparecer neste processo, como há nas respostas de P12, P6 e P1.

Ah, isso é uma coisa que eu preciso me aprofundar mais. Como eu te falei, é o primeiro ano que tô trabalhando com essa faixa etária né, então preciso estar me inteirando mais sobre o que é específico dessa faixa etária (P12).

Eu acho que no geral tenho percebido, mas eu nunca me sinto preparado 100% em nada, eu sempre acho que é uma caminhada. Então na prática eu tenho percebido algumas vezes, até passado para professoras, mas a gente tem que continuar caminhando, vamos dizer assim para se preparar (P6).

Acho que depois de muito tempo de serviço, isso fica um pouco mais fácil. Como eu te falei, pode ser que de repente eu não saiba falar pra mãe especificamente, ó esse tal problema, dar o nome, de repente, mas você percebe quando é um problema mais grave ou um pouco menos grave. Você pergunta até pra elas assim ó ele chupa chupeta, ele mama na mamadeira? Porque a gente explica que isso agrava né, o que ele usa pra comer são os mesmos órgãos que ele usa pra falar, a gente explica isso pros pais que muitos não tem essa noção. Né, falar olha a chupeta de repente ajuda essa dificuldade dele, a mamadeira, então se poder tá tirando porque também já tá grande. Tem tudo isso né, que a gente fala pra eles (P1).

Percebe-se uma hesitação nas argumentações das professoras, neste sentido vemos que um aprofundamento no conhecimento sobre a aquisição e o desenvolvimento da fala e linguagem e as suas possíveis dificuldades neste processo, contribuirá para que as professoras possam estimular, identificar e sinalizar os possíveis obstáculos que possam aparecer, embasando e auxiliando a prática na Educação Infantil.

4.3 O TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A PANDEMIA

Abordamos neste item os relatos das professoras, sobre o momento singular que estamos passando no Brasil e no mundo, a Pandemia do Covid-19, e a sua relação com a Educação Infantil. Nestes tempos muitas formas de trabalho foram transformadas e uma delas foi o lecionar de forma virtual, adaptar-se ao novo foi imposto a todos.

Muitas professoras tiveram dificuldades em acessar ou trabalhar com as ferramentas digitais, para elas também foi um aprendizado, como relata a P1,

Bom, a dificuldade mais pra mim pelo menos né, foi a história das mídias sociais, porque por exemplo, eu não tinha nem Facebook, não tinha Instagram, não tinha nada, que eu não gosto muito disso. E fui obrigada a aprender né, fui obrigada a aprender fazer vídeo, fui obrigada a ter contato, a negócio de privacidade, então pra mim o mais difícil foi isso (P1).

Para outras professoras os desafios foram o acesso dos alunos as atividades remotas e o distanciamento que invisibilizaram muitas vezes as atividades pedagógicas e que neste momento precisa da ajuda e disponibilidade dos pais para serem realizadas, como relatam P5 e P10,

Então, eu acho que é complicado e difícil falar porque nós estamos distantes das crianças, não tem muito contato. A gente passa as atividades de forma virtual, poucas crianças participam, depender dos pais né, para participar então a gente sugere a atividade, são sugestões de atividades mas mais em relação a brincadeiras, interações e brincadeiras, e construções de brinquedos. Não tem um retorno muito grande não, nós temos um Facebook e poucas crianças dão retorno de alguma atividade que fez e coloca, mas não tem muita interação, não tem como nem eu te falar como eles estão reagindo...são crianças pequenas né, não tem como,é...pessoalmente assim, é complicado interagir, não tem como cobrar isso, dos pais, das crianças. É do ano né, a gente querer cobrar alguma coisa deles nesse sentido, o que a gente pode fazer é oferecer, que ele tem apoio, uma palavra de incentivo, contar histórias, músicas, atividades, o que a gente pode fazer é isso. E o que eles puderem aproveitar disso, é o que a gente espera que eles aproveitem (P5).

Eu acho que para educação infantil foi devastador esse momento, eu acho que não tem como você superar um momento desse na educação infantil, por mais que você tente, por mais que tenha um contato no WhatsApp, no Facebook, as relações sociais na educação infantil são insubstituíveis, ... meu trabalho esse ano ficou totalmente prejudicado, eu não sou capaz de avaliar uma criança esse ano de forma alguma, ... A educação infantil ela é essencialmente de relação social, ela tem que ter essa troca, ela tem que ter contato físico, eu que foi devastador para educação infantil, é uma lacuna que ficou que ano que vem vai ter que ser muito bem trabalhado, essas crianças estão a mercê de família, de casa de amigo, ninguém sabe o que tá acontecendo com ela, eu acho que foi um prejuízo lamentável assim,

não que seja culpa, que tivesse outra forma, mas um prejuízo que não tem como remediar (P10).

Algumas professoras também verbalizaram nas entrevistas preocupação com estas crianças, em desenvolvimento, estarem usando as ferramentas digitais por um tempo maior preconizado para a idade, podendo prejudicar o seu desenvolvimento, como nos mostram P11 e P12,

Eu acho assim... esse momento dificultou a interação mesmo com as crianças, pelo menos na educação infantil eles passam muito pouco tempo, não é certo ficar muito tempo na internet, né, nos meios digitais, então a gente não tem mais acompanhar mesmo o desenvolvimento da criança, fica mais difícil (P11).

... porque a gente sabe que a criança nessa faixa etária não tem autonomia pra estar acessando né, esses meios, vai ser por intermédio dos adultos, e a nossa maior dificuldade é não tá com esse olho no olho, não tá conversando diretamente com a criança, que faz muita diferença... (P12).

O novo coronavírus, SARS-CoV-2 e a doença por ele causada, Covid-19, criaram uma epidemia mundial, uma pandemia, devido ao seu alto grau de contaminação, iniciada nos primórdios de 2020 e que se estende até os dias atuais.

As medidas de isolamento físico foram instaladas e a Educação foi uma das áreas atingidas, falaremos um pouco especificamente da Educação Infantil.

Para a Educação Infantil a pandemia causada pela Covid-19 trouxe dificuldades e desafios para todo o mundo e, no contexto brasileiro, dentre as medidas tomadas, se encontra a interrupção do atendimento presencial por tempo indeterminado das escolas de Educação Infantil, que atendem as crianças, a fim de possibilitar e minimizar os índices de contágio na população.

Por ser a escola um dos espaços sociais onde a circulação de pessoas (alunos, corpo docente e funcionários) é bastante expressiva, o equipamento é considerado como um lugar de grande probabilidade de contágio; por este motivo iniciou-se uma outra modalidade de estudo para as crianças, o estudo remoto.

A partir deste momento de pandemia, a Educação Infantil lançou mão de recursos de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), para trabalhar os conteúdos pedagógicos desta fase escolar.

Anjos e Francisco (2021) demonstram que as práticas permeadas por TDIC não está sendo indicadas, pois não asseguram os princípios da Educação Infantil, sendo esta etapa da educação muito específica por priorizar as relações

presenciais, a comunicação oral, gestos, movimento, brincadeiras e as interações, é o momento crucial do desenvolvimento da criança, e a necessidade de pouca exposição às tecnologias digitais. Além disso, conta-se com a dificuldade de construção de ambientes que sejam adequados às crianças em termos educativos, pessoas preparadas e disponíveis para ajudá-las, algumas vezes sem acesso digital.

Ainda de acordo com Anjos e Francisco (2021), estudos apontam que dispositivos digitais mediados por adultos, com conteúdos apropriados para cada idade e com controle do tempo, podem ser proveitosos para crianças, sem prejudicar o desenvolvimento infantil. Porém, tal questão não significa que as TDIC devem e podem substituir o trabalho pedagógico presencial na Educação Infantil, tendo o convívio social, as brincadeiras, o sentir o estar presente se comunicando como formas que agregam e possibilitam um desenvolvimento global por meio de múltiplas experiências e linguagens.

Anjos e Francisco (2021) terminam contextualizando que se, por um lado, as atividades remotas ferem os princípios e especificidades da Educação Infantil, por outro, de alguma forma, as TDIC podem se estabelecer como recursos de comunicação e manutenção de vínculos entre as crianças, as famílias e educadores, na atual circunstância. No entanto, essa discussão sobre TDIC na Educação Infantil, necessita de maiores debates e de políticas integradas de atendimento às infâncias.

Gama, Cerqueira e Zampier (2021) inferem que as crianças desenvolvem e vão construindo novos aprendizados, com as experiências, a princípio concretas, e ações que tenham significado em suas vidas e estas acontecem com as interações sociais e é no ambiente escolar, principalmente na educação infantil, que se consegue proporcionar a escuta, a conversa, as interações, a investigação, a troca, a curiosidade, a brincadeira e aplicar nas diversas linguagens como forma de expressar ideias, opiniões e vendo-os como um ser holístico e inserindo-os na sociedade.

Vale ressaltar que as experiências na Educação Infantil envolvem todos os sentidos, nas diversas situações as quais as crianças vivem no ambiente, em momentos de troca com os objetos e com outras pessoas, provocando, gestos e verbalizações de afeto e sentimentos.

As autoras evidenciam ainda que as professoras planejam as atividades de acordo com cada faixa etária, grupo e ou criança, de acordo com a necessidade e o

desenvolvimento, elaborando dentro de atividades lúdico-pedagógicas sempre fazendo uso da linguagem oral.

Ainda conforme Gama, Cerqueira e Zampier (2021), o cenário do início de 2020, quando as atividades escolares presenciais foram interrompidas pela pandemia da Covid-19 e na Educação Infantil não foi diferente. De repente, toda a educação se viu preocupada em como administrar a situação da educação no Brasil e como fazê-la acontecer, minimizando os prejuízos para o educando. As professoras passaram a usar os meios remotos para atuar no desenvolvimento educacional das crianças, mesmo sabendo que estas afetam alguns dos princípios fundamentais da educação infantil, que são as interações e as brincadeiras, conforme destacam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

As plataformas digitais e ferramentas virtuais não são ideais e, muitas vezes, não se encontram disponíveis, mas o momento temos a ela como recurso para as atividades pedagógicas.

Em um futuro próximo as mesmas ferramentas as quais foram de valia neste momento, devem ser vedadas à Educação Infantil, não sendo esta bem-vindas para o desenvolvimento da criança como um todo. Hartung (2019, s.p) afirma “não há presente, tecnologia ou qualquer outro artefato que substitua a presença, o afeto e o vínculo de uma relação humana, especialmente quando falamos de desenvolvimento infantil”.

Na percepção das professoras a plataforma digital não é adequada para o trabalho realizado na Educação Infantil, o desenvolvimento da criança como um todo se dá através de atividades lúdico-pedagógicas, contato físico, olho no olho, com brincadeiras coletivas contextualizadas, pois a interação entre criança-criança e adulto-criança se faz necessária para consolidar todo o aprendizado e inserir o aluno em uma sociedade.

Continuando com a análise, vimos que as professoras fazem uso apenas da observação como o instrumento específico para avaliar a linguagem oral das crianças. Estudamos que as professoras, conseguem levantar as possíveis dificuldades de fala e linguagem que as crianças de quatro e cinco anos possam ter, mas não identificam a idade que elas deveriam finalizar o sistema fonêmico.

As professoras em seus relatos nos mostram as dificuldades em definir quando uma dificuldade passa a ser um problema de linguagem, nos dando uma vaga ideia que sabem, mas não determinam quando, qual faixa etária precisar ficar

atentas para fazer o devido encaminhamento para a fonoaudiologia, apontando, assim pouco conhecimento sobre o desenvolvimento normal da fala e da linguagem e seus possíveis problemas que podem vir a ocorrer na faixa etária de quatro a cinco anos de idade.

Nas entrevistas com as participantes deste estudo, foi possível observar que, usam as estratégias da música e a roda de conversa, para estimular as crianças com dificuldade de fala, mas, ao mesmo tempo, que estimulam acabam corrigindo-as.

Vemos a estimulação por meio da música muito incentivadora, mas a correção é uma atitude não propícia para o momento, a nosso ver estas professoras levam a criança, muitas vezes, a ficar irritada e com pouca vontade de se comunicar.

O pouco conhecimento de como estimular e porque fazê-lo, acaba mostrando uma insegurança em trabalhar a fala e a linguagem da criança de forma apropriada, e impedindo a criatividade de atividades lúdico-pedagógicas contextualizadas. Poucas professoras relataram sentir a necessidade de fazer o encaminhamento para o profissional adequado, no caso a fonoaudióloga.

Analisamos que as professoras da Educação Infantil, neste estudo, se baseiam em suas experiências para intervir no desenvolvimento de fala e linguagem da criança. Sendo as professoras as mediadoras do conhecimento adquirido na Educação Infantil pelos alunos, estas precisam estar embasada teoricamente e conseguindo fazer a ponte com a prática nas atividades diárias escolares.

Compreendemos nas entrevistas realizadas com as professoras, que as mesmas identificam um obstáculo dos pais para perceber as dificuldades de fala dos seus filhos, muitas vezes deixando a cargo das próprias professoras. Esta percepção das professoras nos mostra pouco ou nenhum conhecimento dos pais sobre o desenvolvimento normal de fala e linguagem da criança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil é um período fundamental para o desenvolvimento da criança de 0 a 5 anos. Neste sentido, ressalta-se a importância em cuidar da relação entre saúde e educação de forma que uma área se relacione igualmente com a outra, sem hierarquização, de forma linear, horizontal, sem sobreposição para beneficiar a constituição interdisciplinar do conhecimento, que é tão importante.

Entendemos a importância da Educação Infantil e a relevância das professoras no desenvolvimento da criança e sabendo que o desenvolvimento de fala e linguagem é transversal a todas as linguagens e transita em todo o processo de aprendizado dos alunos, fortalecer os laços entre a fonoaudiologia e a educação infantil poderá ser um fator chave para o sucesso do crescimento global das crianças.

Foi possível perceber que as professoras são unânimes em considerar o importante papel que a Educação Infantil possui no desenvolvimento da fala e linguagem nas crianças, e mostram a preocupação em estimulá-las nas mais diversas áreas, ocasiões e de várias maneiras para que as experiências que tenham sejam proveitosas e que possam transformá-las e fazer com que cresçam e aprendam como um todo.

Quanto à estimulação da fala e linguagem, as professoras usam como estratégias às atividades pedagógicas inseridas no contexto escolar, mas com pouco conhecimento sobre o assunto, fazendo com que as atividades sejam desenvolvidas sem a adequada percepção da devida estimulação. Para avaliar a linguagem oral das crianças, as professoras deste estudo não utilizam nenhum instrumento específico, fazendo uso apenas da observação, identificam brevemente as possíveis dificuldades de fala e linguagem que as crianças de quatro e cinco anos possam ter, usando da sua experiência profissional para intervir, mas não conseguem perceber qual a idade que elas deveriam finalizar o sistema fonêmico. Em seus relatos nos mostram as dificuldades em definir quando uma dificuldade passa a ser um problema de linguagem, nos dando uma vaga ideia que sabem, mas não determinam quando, qual faixa etária precisar ficar atentas para fazer o devido encaminhamento para a fonoaudiologia, apontando pouco conhecimento sobre o desdobramento normal da fala e da linguagem e seus possíveis problemas.

Na percepção das professoras, o olhar para com os pais é restrito sobre o desenvolvimento normal de fala e linguagem de seus filhos, deixando a cargo das mesmas a identificação de possíveis problemas. O fonoaudiólogo, nesta parceria, tem o papel de ajudar na instrumentalização das professoras, dando embasamento teórico prático para que estas conheçam o desenvolvimento de fala e linguagem, saibam detectar as possíveis alterações, observar os sinais de alerta, ajudando-as, fortalecendo-as para a prática pedagógica diária neste processo, para que consiga estimular as crianças de forma mais segura e intervir quando necessário, para que os alunos possam vir a desenvolver de forma integral, tranquila e segura na sociedade.

Aproximar-se e estreitar as relações entre a fonoaudiologia e as professoras da Educação Infantil com trocas de experiências, contribuirá significativamente com a qualidade do trabalho desenvolvido na Educação Infantil, agregando conhecimento de sua competência e contribuindo para o aprimoramento dos processos educativos. Percebe-se também, o fazer necessário para um investimento educacional aplicado aos cursos de graduação em Pedagogia, pois ao proporcionar maior esclarecimento sobre a ciência da Fonoaudiologia e a sua atuação no campo da comunicação, implicará em maior conhecimento por parte das professoras e favorecerá a parceria entre as áreas de saúde e educação.

Salienta-se que este estudo deu-se nos tempos da pandemia da Covid-19, e a forma encontrada para a realização desta pesquisa foi digitalmente, a Educação Infantil necessitou se adequar nesta fase e iniciou suas atividades educacionais remotamente, na percepção das professoras a plataforma digital não é adequada para o trabalho realizado na Educação Infantil, o desenvolvimento da criança como um todo se dá por meio de atividades lúdicas pedagógicas, o contato físico, o olho no olho, com brincadeiras coletivas contextualizadas, pois a interação entre criança-criança e adulto-criança se faz necessária para consolidar todo o aprendizado e inserir o aluno em uma sociedade.

Acredita-se que outros estudos se fazem necessários para consolidar os achados deste trabalho, bem como trazer outras contribuições para novas indagações que surgirão com a consolidação da parceria saúde e educação, mais especificamente, a Fonoaudiologia e a Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- ABALROADO, M. J. A. **As histórias para crianças como recurso para o desenvolvimento da linguagem oral em crianças do Pré-Escolar**. 2020. 119f. Relatório de Estágio (Mestrado em Educação Pré-Escolar), Escola de Educação, Instituto Politécnico de Santarém, Santarém, Portugal, 2020.
- ACOSTA, V. M. et al. **Avaliação da linguagem: teoria e prática do processo de avaliação infantil do comportamento linguístico infantil**. São Paulo: Santos, 2003.
- ANJOS, C. I.; FRANCISCO, D. J. Educação infantil e tecnologias digitais: reflexões em tempos de pandemia. **Zero a Seis**, Florianópolis, v. 23, n. especial, 125-146, jan. 2021.
- AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION - ASHA. **Language Relevant paper**. 1982. Disponível em: <<http://www.asha.org/policy>>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- BAPTISTA, M. C. Linguagens oral e escrita na Base Nacional Comum Curricular para a educação infantil. **Paidéia**, Belo Horizonte, ano XII, n. 18, s. p, 2017.
- BARBOSA, M. C. S.; CANCIAN, V. A.; WESHENFELDER, N. V. Pedagogo generalista – professor de educação infantil: implicações e desafios da formação. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 27, n. 51, p. 45-67, abr. 2018.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 01 set. 2019.
- _____. _____. _____. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- _____. Ministério da Saúde. **Caderno do gestor do PSE**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 68 p.
- _____. _____. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde na escola**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

_____. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 out. 2019.

CAMPOS, F. R. et al. Alterações da linguagem oral no nível fonológico/fonético em crianças de 4 a 6 anos residentes em Belo Horizonte. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 16, n. 4, p. 1151-1160, Aug. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462014000401151&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 mai. 2021.

CARLINO, F. C.; DENARI, F. E.; COSTA, M. P. R. Programa de orientação fonoaudiológica para professores da educação infantil. **Revista Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 15-23, 2011.

CARVALHO, M. R. V. O perfil do professor nas etapas da educação básica. **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**, Brasília, v. 1, p. 119-141, 2018 Disponível em: <<http://cadernosdeestudos.inep.gov.br/ojs3/index.php/cadernos/article/view/1005/75>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

CASEMIRO, J. P.; FONSECA, A. B. C.; SECCO, F. V. M. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 03, p. 829-840, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000300829>. Acesso em: 22 mar. 2021.

CASTRO, S. L.; GOMES, I. **Dificuldades de aprendizagem da língua materna**. Lisboa: Universidade Aberta. 2000.

CHAER, M. R.; GUIMARÃES, E. G. A. A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. **Pergaminho**, Patos de Minas, v. 3, p. 71-88, nov. 2012.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. **Resolução nº 387**, de 18 de setembro de 2010. Disponível em: <https://www.fonoaudiologia.org.br/resolucoes/resolucoes_html/CFFa_N_387_10.htm#:~:text=%22Disp%C3%B5e%20sobre%20as%20atribui%C3%A7%C3%B5es%20e,%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias.%22&text=Edi%C3%A7%C3%A3o%20aprovada%20pela%20Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CFFa,21%20de%20novembro%20de%202009.>>. Acesso em: 09 jul. 2019.

_____. **Resolução CFFa nº 462/2015**. Disponível em: <www.fonoaudiologia.org.br>. Acesso em: 04 ago. 2020.

CORSINO, P. **Educação infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

COSTA, G. M. C. et al. Promoção de saúde nas escolas na perspectiva de professores do ensino fundamental. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiás, v. 15, n. 2, p. 506-515, abr./jun. 2013.

COSTA, G. M.; FIGUEIREDO, R. C.; RIBEIRO, M. S. A importância do enfermeiro junto ao PSE nas ações de educação em saúde em uma escola municipal de Gurupi-TO. **Revista Científica ITPAC**, Araguaína, v. 6, n.2, pub. 6, abr. 2013. Disponível em: <<http://www.itpac.br/arquivos/Revista/62/6.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

CRESPI, L.; NORO, D.; NÓBILE, M. F. Neurodesenvolvimento na Primeira Infância: aspectos significativos para o atendimento escolar na educação infantil. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia-MG, v. 27, n. especial, p. 1517-1541, dez. 2020.

CURADO, K. S. ABREU, S. E. A. Processo de aquisição da linguagem no contexto educacional Infantil. **Revista Educação, Ciência e Inovação**, Anápolis, v.2, n. 1, p. 84-94, 2017. Disponível em: <<http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/pedagogia/article/view/4461>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

ESTRADA, F. R. A. **Caracterização e promoção do desenvolvimento lexical de um grupo de crianças de 4 e 5 anos**. 2019. 67f. Relatório de Investigação (Mestrado em Educação Pré-Escolar), Escola Superior de Educação e Comunicação, Universidade do Algarve, Portugal, 2019. Disponível em: <<https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/14672/1/Relat%C3%B3rio%20de%20Investiga%C3%A7%C3%A3o%20-%20F%C3%A2nia%20Estrada.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

ESTRELA, A. **Teoria e Prática de Observação de Classes**. Uma Estratégia de Formação de Professores. 4. ed. Porto: Porto Editora, 1994.

FANTACHOLI, F. N.; ALMEIDA, M. A. G. A importância do brincar na Educação Infantil. **VI EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar**, Maringá-PR, 27 a 30 de outubro de 2009. Disponível em: <<http://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/5801>>. Acesso em: 25 mar. 2021.

FERNANDES, D. M. Z. **Comparação da avaliação fonoaudiológica de pré-escolares com a visão de pais e professores**. 2020. 146f. Tese (Doutorado em Ciências Médicas), Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, 2020.

FERREIRA, A. D. S. et al. A história da Educação em Saúde e seus modelos de prática impostos à sociedade. **Diversitas Journal**, Santana do Ipanema, v. 1, n. 1, p. 48-54, jan./abr. 2016.

FERREIRA, E. S. **AFASIC Language Checklist (versão pré-escolar): conclusão da validação para a população portuguesa**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação e Ciências), Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Católica Portuguesa, 2013.

FORMIGA, J. F. R. **O desenvolvimento linguístico das crianças do pré escolar e do 1º ciclo do ensino básico**: avaliação da linguagem oral de um grupo de 4 e 6 anos de idade. 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Ciências), Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa, 2016.

FONSECA, A. D.; COLARES, A. A.; COSTA, S. A. da. Educação infantil: história, formação e desafios. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 4, n. 3, p. 82-103, 2019. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1270>>. Acesso em: 02 abr. 2021.

FUSCH, P. I.; NESS, L. R. Are we there yet? Data saturation in qualitative research. **Qualitative Report**, [s.l.], v. 20, n. 9, p. 1409–1416, 2015. Disponível em: <https://nsuworks.nova.edu/tqr/vol20/iss9/3/>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

GAMA, C. V. H.; CERQUEIRA, M. M. A.; ZAMPIER, P. P. Educação Infantil em tempos de pandemia: quando uma máquina do tempo aproxima as distâncias. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 522-548, jan.-abr. 2021.

GARCIA, J. H. V. **Concepções de professoras de Educação Infantil sobre avaliação na pré-escola**. 2020. 130f. Dissertação (Mestrado em Ensino e Processos Formativos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2020.

GERMANO, C. M. G. **Processos de identificação e sinalização de crianças com problemas na linguagem oral pelos educadores de infância**. 2011. 233 f. Dissertação (Mestre em Ciências de Educação), Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa, 2011.

GIJSEN, L. I. P. S.; KAISER, D. E. Enfermagem e educação em saúde em escolas no Brasil: revisão integrativa da literatura. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Manaus, v. 12, n. 4, p. 813-821, dez. 2013.

GOBBI, M. **Múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano da Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, ago. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6678-multiplaslinguagens&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 11 jan. 2021.

GOIS, A. Menor é melhor. **Folha de São Paulo**, 2004. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u726.shtml>. Acesso em: 05 abr. 2021.

GONÇALVES, C. J.; ANTONIO, D. A. As múltiplas linguagens no cotidiano das crianças. **Zero a Seis**, Florianópolis, v. 9, n. 16, s. p., jul.-dez. 2007.

GRZEBIELUKA, D.; KUBIAK, I.; SCHILLER, A. M. Educação Ambiental: a importância deste debate na Educação Infantil. **REMOA - Revista Monografias Ambientais**, Santa Maria, v. 13, n. 5, p. 3881-3906, 2014.

HARTUNG, P. **Um presente a ser compartilhado: o vínculo**. Instituto Alana, 2019. Disponível em: <<https://alana.org.br/um-presente-a-ser-compartilhado-o-vinculo/>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

JOHNSTON, J. **Fatores que influenciam o desenvolvimento da linguagem. Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância**. 2010. Disponível em: <<http://www.encyclopedia-crianca.com/desenvolvimento-da-linguagem-e-alfabetizacao/segundo-especialistas/fatores-que-influenciam-o>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

JORGE, T. M. **Programa de orientação fonoaudiológica a alunos dos cursos de magistério e pedagogia**. 2007. 173f. Dissertação (Mestrado em Ortodontia e Odontologia em Saúde Coletiva). Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB-USP), Bauru, SP, 2007.

LIMA, N. M. **Representações sociais dos professores das creches das Universidades Federais paraibanas sobre arte na educação infantil**. 2015. 158f. Tese (Doutorado em Educação), Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2015.

MARANHÃO, P. C. S.; PINTO, S. M. P. C.; PEDRUZZI, C. M. Fonoaudiologia e educação infantil: uma parceria necessária. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 59-66, 2009.

MAGALHÃES, C. M. A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-escola. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 81-142, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818382017081>>. Acesso em: 2 mai. 2021.

MASTROIANNI, E. C. Q. et al. A consciência corporal na Educação Infantil. In: ZAMBELLO, S.; SAGLIETTI, J. R. **Núcleos de Ensino artigos 2005**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 12-30.

MATOS, J. M. A organização do espaço da educação infantil: a perspectiva das crianças. **XII Congresso Nacional de Educação**, Curitiba-PR, 26 a 29 de outubro de 2015. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21037_10391.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

MELO, J. K. O.; TEIXEIRA, C. F.; QUEIROGA, B. A. M. Conhecimento de professores sobre a Fonoaudiologia Educacional e sobre a relevância da comunicação para a aprendizagem. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 23, n. 1, e6720, 2021. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462021000100507&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 mar. 2021.

MENDONÇA, J. E.; LEMOS, S. M. A. Promoção da saúde e ações fonoaudiológicas em Educação Infantil. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 13, n. 6, p. 1017-1030, dez.

2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462011000600007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 mai. 2021.

MERCON, S. M. A.; NEMR, K. Gagueira e disfluência comum na infância: análise das manifestações clínicas nos seus aspectos qualitativos e quantitativos. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 174-179, 2007.

MINAYO, M. C. S. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 237-248, Set. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 maio 2021.

MOURA, T. F. O. R.; MALDONADE, I. R. Visão de professores e equipe de saúde sobre a atuação da Fonoaudiologia na educação infantil. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 440-453, set. 2018. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/dic/article/view/36536>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

MOUSINHO, R. et al. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 25, n.78, p. 297-306, 2008.

OLIVEIRA, L. A. et al. Professor sem fronteiras: trabalhando o lúdico na educação infantil a partir de múltiplas linguagens de sentido. **Plurais Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 5, n. 3, p. 183-199, dez. 2020.

OLIVEIRA, V. B. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PASSOS, C. L. B.; NACARATO, A. M. Trajetória e perspectivas para o ensino de Matemática nos anos iniciais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 119-135, set.-dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142018000300119>. Acesso em: 02 abr. 2021.

PRATES, L. P. C. S.; MARTINS, V. O. Distúrbios da fala e da linguagem na infância. **Revista Médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 1, supl. 4, S54-S60, 2011.

RIBEIRÃO PRETO. Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Secretaria da Educação. **Escolas Municipais de Educação Infantil EMEIs**. Ribeirão Preto, 2019a. Disponível em: <<https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/portal/educacao/escolas-municipais-de-educacao-infantil-emeis>>. Acessado em: 20 set. 2019.

RIBEIRÃO PRETO. Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Secretaria Municipal de Saúde. **Relação das Unidades de Saúde**. Ribeirão Preto, 2019b. Disponível em: <<https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/porta/saude/relacao-unidades-saude>>. Acesso em: 20 set. 2019.

RONCATO, C. C.; LACERDA, C. B. F. Possibilidades de desenvolvimento de linguagem no espaço da educação infantil. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 215-223, 2005.

ROSSETI-FERREIRA, M. C. **Os fazeres na Educação Infantil**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 199 p.

ROTTA, N. T. Dificuldades para a aprendizagem. In: ROTTA, N.; OHLWEILER, L.; RIESCO, R. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 112–132.

SACCOMANI, M. C. S. **A importância da educação Pré-Escolar para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita: contribuições à luz da pedagogia histórico-crítica e da psicologia histórico-cultural**. 2018. 341f. Tese (Doutorado em Educação Escolar), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara-SP, 2018.

SANTOS, A. M. et al. Atuação da fonoaudiologia no programa saúde na escola em Sete Lagoas, Minas Gerais. **Revista Tecer**, Belo Horizonte, v. 9, n. 17, p. 161-168, nov. 2016.

SCOPEL, R. R.; SOUZA, V. C.; LEMOS, S. M. A. A influência do ambiente familiar e escolar na aquisição e no desenvolvimento da linguagem: revisão de literatura. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 14, n. 4, p.732-741, jul.-ago. 2012.

SEKKEL, M. C.; ZANELATTO, R.; BRANDÃO, S. B. Ambientes inclusivos na educação infantil: possibilidades e impedimentos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.15, n.1, p. 117-126, 2010.

SILVA, D. C. B. S.; DINIZ, M. A. C. Percepções e contribuições da formação continuada na voz dos docentes da educação infantil. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 13, n. 2, p. 115-127, 2020. Disponível em: <<https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/551>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SILVA, D. K. C. O ensino de matemática na educação infantil: um estudo sobre atitudes e os saberes decorrentes do Curso de Pedagogia contributivos à atuação docente. In: **Anais do Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática**, Curitiba, 2016.

SILVA, J. S. et al. Linguagem oral na educação infantil: formas de conhecer o mundo. **Congresso Internacional de Educação e Inclusão**. Campinas Grande-PB, 2014a. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_21_1

0_2014_12_27_24_idinscrito_1674_07c61f34a8440b2eb8d41c48c933f537.pdf>. Acesso em: 05 out. 2019.

SILVA, L. K. et al. Identificação dos distúrbios da linguagem na escola. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 16, n. 6, p. 1972-1979, dez. 2014b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462014000601972&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 mar. 2021.

SILVA, M. J.; VALIENGO, A. O desenvolvimento da oralidade na educação infantil. **Revista Interfaces**, Suzano, ano 2, n. 2, p. 21-24, out. 2010.

SILVA, S. S. C. D. **Aquisição da linguagem em função do contexto**. Uma análise contrastiva: creche e família. 2014. 60f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Criança), Instituto da Educação da Universidade do Minho, Universidade do Minho, Portugal, 2014.

SILVESTRE, M. J.; FIALHO, I.; SARAGOÇA, J. Da palavra à construção de conhecimento: meta-avaliação de um guião de entrevista semiestruturada. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 119-138, 2014.

SIM-SIM, I. **Desenvolvimento da linguagem**. Lisboa: Universidade Aberta, 1998.

SOUZA, E.; VIECELI, G. A importância da ludicidade no processo ensino aprendizagem na formação comunicativa dos alunos da educação básica. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira**. 2020. Disponível em: <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/apeuv/article/view/26138/15069>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

TOLEDO, S. Psicomotricidade e Expressão na educação infantil. In: FERREIRA, C. A. M.; HEINSIUS, A. M.; BARROS, D. R. **Psicomotricidade Escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

VIDAL, M. L. G.; PUCCI, R. A constituição histórica do espaço da Educação Infantil: uma questão de gênero. **Comunicações**, Piracicaba, v. 27, n. 1, p. 307-327.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Icone, 1998.

WERTZNER, H. Fonologia: desenvolvimento e alterações. In: FERREIRA, L. P. et al. **Tratado de fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 2004. p. 772-786.

ZORZI, J. L. **Linguagem e desenvolvimento cognitivo a evolução do simbolismo na criança**. São Paulo: Pancast, 1994.

_____. **A intervenção fonoaudiológica nas alterações da linguagem infantil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

_____. Aspectos básicos para compreensão, diagnóstico e prevenção dos distúrbios de linguagem na infância. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 1-5, 2000.

_____. **A intervenção fonoaudiológica nas alterações da linguagem infantil.** 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

ZORZI, J. L.; HAGE, S. R. V. **Protocolo de observação comportamental - PROC:** avaliação de linguagem e aspectos cognitivos infantis. 1. ed. São José dos Campos, SP: Pulso Editorial, 2004.

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidada para participar da pesquisa Desenvolvimento da linguagem oral na criança: um estudo sobre a percepção do professor da pré-escola, coordenada pela Prof^a Dr^a Karina de Melo Conte, e terá como pesquisadora responsável Claudia de Paula e Silva Bezzon, fonoaudióloga. O objetivo dessa pesquisa é analisar o modo como os professores que atuam nas EMElS no município de Ribeirão Preto-SP percebem o desenvolvimento de linguagem oral, identificam e sinalizam as crianças que manifestam dificuldades nesta área. No que se refere aos benefícios, a pesquisa trará contribuições acerca da percepção dos professores que atuam na pré-escola da educação infantil sobre o desenvolvimento e possíveis problemas de linguagem. Os dados poderão: Dar subsídios à Secretaria Municipal de Educação do município de Ribeirão Preto-SP quanto à formação continuada destes professores, quanto aos conhecimentos relacionados à aquisição, promoção, prevenção e desenvolvimento da fala e linguagem nesta etapa do desenvolvimento; Analisar a articulação entre a rede Secretaria Municipal de Educação e a Secretaria Municipal de Saúde quanto à assistência ao educando com dificuldades de fala e linguagem do município de Ribeirão Preto-SP. Trata-se de uma temática relevante, que apresenta como inovação a compreensão do professor sobre a linguagem da criança envolvendo campo da saúde e educação. A sua participação nessa pesquisa é voluntária e será a de participar de uma entrevista composta por algumas questões sobre o tema relacionados linguagem oral na pré-escola. O tempo de entrevista está previsto em 40 minutos. A entrevista será gravada a partir de seu consentimento e, caso você se incomode com esse procedimento, os dados poderão ser anotados, descartando o uso do gravador. Os eventuais riscos relativos a esta pesquisa podem ocorrer no momento da realização da entrevista como por exemplo, possíveis desconfortos causados pelas perguntas, reflexões, e ou dúvidas. Para minimizar esses riscos, tanto as perguntas, quanto o roteiro de entrevista foram elaborados de modo a evitar constrangimentos, enfocando-se somente no objeto de estudo. Caso você se sinta desconfortável em qualquer momento da realização da entrevista, a mesma poderá ser interrompida. Além disso, se você se sentir constrangido ou incomodado com qualquer questão terá total liberdade de não a responder, sem que isso signifique qualquer penalidade, e em caso de danos decorrentes da pesquisa, se necessário, você receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita na instituição da qual o pesquisador faz parte. Asseguramos também a plena liberdade de desistência na pesquisa, bem como a de solicitar esclarecimentos a qualquer momento, pessoalmente, por meio de contato por e-mail ou telefone com os pesquisadores ou com Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Ribeirão Preto para sanar quaisquer dúvidas. A análise dos dados será realizada de modo a respeitar sua opinião, sendo fiel às suas manifestações, não emitindo juízos de valor sobre as respostas dadas. Os dados obtidos por meio dessa pesquisa serão utilizados somente para fins científicos e o seu nome será mantido em sigilo. Ressaltamos ainda que a sua identidade será resguardada na coleta de dados. Cumpre informar, ainda, que você não terá nenhum gasto para participar dessa pesquisa, da mesma

forma que não receberá nenhuma remuneração. Sendo assim, se você se encontrar suficientemente esclarecido, o(a) convidado(a) a assinar este Termo elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisador responsável.

Dados sobre a pesquisa:

Título do projeto: Desenvolvimento da linguagem oral na criança: um estudo sobre a percepção do professor da pré-escola

Pesquisadora responsável: Claudia de Paula e Silva Bezzon

Cargo/Função: Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Saúde e Educação - Instituição: Universidade de Ribeirão Preto

Endereço: Avenida Costábile Romano, 2201 Ribeirânia – Ribeirão Preto/SP

Contato: Fones (16) 3620-0923 / (16) 99156-0808

Email: bezzonclaudia@gmail.com

Orientadora: Profª Drª Karina de Melo Conte

Instituição: Universidade de Ribeirão Preto - Programa de Mestrado Profissional em Saúde e Educação

Contato: Fone (16) 99103-2521

E-mail: karina_conte@yahoo.com.br

*Dúvidas ou denúncia em relação a esta pesquisa, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Ribeirão Preto pelo e-mail: karina_conte@yahoo.com.br, pelo Telefone (16) 3603-6895, ou diretamente no endereço Avenida Costábile Romano, 2201 Ribeirânia – Ribeirão Preto/SP de segunda a sexta-feira, das 09h às 12h e das 14h às 17h.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE - PÓS ESCLARECIMENTO

Eu, _____,
R.G. _____ li e/ou ouvi o esclarecimento acima referente a pesquisa, coordenada pela Profª Drª Karina de Melo Conte, do programa de Mestrado Profissional em Saúde e Educação e terá como pesquisadora assistente Claudia de Paula e Silva Bezzon, fonoaudióloga e aluna do referido programa. Compreendi para que serve a pesquisa e as quais procedimentos que serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios da pesquisa. Entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não terá nenhuma penalidade. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar da pesquisa. Concordo em participar da pesquisa, Desenvolvimento da linguagem oral na criança: um estudo sobre a percepção do professor da pré-escola, e receberei uma via assinada deste documento.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 2020.

Assinatura do participante

Claudia de Paula e Silva Bezzon (pesquisadora)
RG: 14.018.089-8 Email: bezzonclaudia@gmail.com

Profª Drª Karina de Melo Conte (orientadora responsável)
RG: 30. 921.276-5 Email: karina_conte@yahoo.com.br

APÊNDICE II

II INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Universidade de Ribeirão Preto, por intermédio do Programa de Mestrado em Saúde e Educação, está realizando uma pesquisa de Mestrado, intitulada Desenvolvimento da linguagem oral na criança: um estudo sobre a percepção do professor da Pré-escola. As informações coletadas serão apresentadas coletivamente, resguardando a identidade dos entrevistados, conforme orientações do Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 466/12. Agradecemos desde já a sua participação, Claudia de Paula e Silva Bezzon (Mestranda), Profª Drª Karina de Melo Conte (Orientadora).

ORIENTAÇÃO: Quando necessário, marcar duas respostas, sendo elas as mais relevantes.

I - CARACTERIZAÇÃO

- 1- Idade: _____
- 2- Sexo: () Feminino () Masculino
- 3- Situação Conjugal:
 () Solteiro(a) () Casado(a)/amasiado(a) () Divorciado(a) () Viúvo(a)
- 4- Origem (UF) _____

II - FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

1 - Graduado(a) em: _____

Bacharelado. Ano de conclusão da graduação: _____

Licenciatura. Ano de conclusão da graduação: _____

Tecnológico. Ano de conclusão da graduação: _____

2 - Maior titulação:

Especialista.

Mestre (Acadêmico).

Mestre (Profissional).

Doutor (a).

Outros: _____

2 - Especifique a área de atuação: _____

3 - Tempo que atua como professor na educação infantil (pré-escola):

5 - Atuou em outros níveis de ensino ou gestão?

Sim. Qual? Creche

- () Anos iniciais do Ensino Fundamental
 () Anos finais do Ensino Fundamental
 () Coordenação pedagógica

Não.

6 - Qual área do conhecimento possui mais afinidade?

- () Linguagem artística Linguagem oral e escrita
 () Linguagem matemática Linguagem cinestésica
 () Linguagem das ciências sociais Linguagem digital
 () Linguagem das ciências naturais
 () Outra(s). Qual(is)? _____

Em relação às linguagens a seguir, indique o grau de afinidade em números, considerando 0 nenhum e 10 totalmente.

LINGUAGEM	GRAU										
1. Linguagem artística	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2. Linguagem matemática	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3. Linguagem das ciências sociais	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4. Linguagem das ciências naturais	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
5. Linguagem oral e escrita	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6. Linguagem cinestésica	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
7. Linguagem digital	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

7 - Participou de formação continuada que tratasse especificamente da aquisição e desenvolvimento da linguagem oral?

Sim. Como foi?

- () Formação na própria EMEI
 () Especialização
 () Palestra
 () Curso de Extensão
 () Grupo de estudo
 () Outros: _____

Não.

Guião de Entrevista

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Formulário de questões
<p>Bloco A</p> <p>Legitimação da entrevista, motivação e identificação do entrevistado</p>	<ul style="list-style-type: none"> · Informar o entrevistado do objetivo da entrevista. · Motivar o entrevistado. · Garantir a confidencialidade. · Fazer a identificação do mesmo. 	<ul style="list-style-type: none"> · Explicar os objetivos da entrevista. · Agradecer ao entrevistado a sua disponibilidade para a realização da entrevista. · Pedir autorização para gravar a entrevista · Pedir ao entrevistado informações sobre os seus dados pessoais.
<p>Bloco B</p> <p>Papel da Educação Infantil no desenvolvimento da linguagem oral</p>	<ul style="list-style-type: none"> · Conhecer o olhar do professor sobre o papel da Educação Infantil no desenvolvimento da linguagem da criança 	<ul style="list-style-type: none"> · Que papel considera que as EMEIs têm no desenvolvimento da linguagem nas crianças? · Quais são os seus objetivos em relação ao desenvolvimento da linguagem oral na pré-escola? · Quais estratégias você utiliza para a promoção do desenvolvimento da linguagem oral nas crianças em idade pré-escolar?
<p>Bloco C</p> <p>Identificação de problemas de linguagem oral das crianças</p>	<ul style="list-style-type: none"> · Conhecer a percepção da professora sobre os possíveis problemas de linguagem que podem surgir nesta faixa etária 	<ul style="list-style-type: none"> · Utiliza algum instrumento específico para avaliação da linguagem oral? Se sim, qual ou quais? · O que considera ser uma dificuldade de linguagem nesta faixa etária? · Quando considera que esta dificuldade passa a ser um problema de linguagem? · Quais estratégias você utiliza em sala de aula para auxiliar a criança com dificuldade e/ou problema na linguagem oral ? · No que você se baseia para pensar em intervir no desenvolvimento da linguagem oral das crianças? Suas estratégias? Sua experiência profissional, Leitura científica, BNCC, Projeto pedagógico do Parâmetros Curriculares da Educação Infantil De Ribeirão Preto, Revistas e livros populares · A partir de sua experiência, os pais identificam problemas na linguagem oral dos seus filhos? · Você julga estar preparado para identificar as dificuldades e os problemas de linguagem nas crianças de 4 e 5 anos?

APÊNDICE III

DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA



Ribeirão Preto SP
Av. Costábile Romano, 2201
(16) 3603-7000
CEP 14096-900

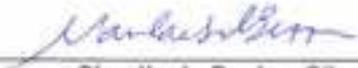
Guarujá SP
Av. D. Pedro I, 3300
(13) 3398-1000
CEP 13440-003

www.unaerp.br

DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA

Eu, Claudia de Paula e Silva Bezzon, na condição de pesquisadora responsável pela pesquisa “Desenvolvimento da linguagem oral na criança: um estudo sobre a percepção do professor da pré-escola”, sendo orientada pela Prof^a Dr^a Karina de Melo Conte, declaro que todos os custos advindos como cópias, impressões, encadernações e demais materiais de consumo ou permanente serão de responsabilidade dos pesquisadores, não havendo custo financeiro por parte do sujeito participante. Também não haverá nenhuma obrigação por parte dos pesquisadores de qualquer ressarcimento ou indenização aos sujeitos.

Atenciosamente,



Claudia de Paula e Silva Bezzon (Pesquisador)
RG: 14.018.089-8 Email: bezzonclaudia@gmail.com



Profª Drª Karina de Melo Conte (orientadora responsável)
RG: 30.921.276-5 Email: karina_conte@yahoo.com.br

ANEXO A

AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA



Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto

Estado de São Paulo
Secretaria Municipal da Educação

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO

Pelo presente termo, **AUTORIZO** a mostranda do curso de Mestrado Profissional em Saúde e Educação da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), **Cláudia de Paula e Silva Bezzon**, portadora do RG nº14018089, inscrita no CPF sob o nº 156250518-10, orientada pela Professora Doutora Karina de Melo Conte, a realizar a pesquisa denominada "*Desenvolvimento da linguagem oral na criança: Um estudo sobre a percepção do professor da Pré-escola*", que tem como objetivo geral identificar o que os professores que atuam na Educação Infantil conhecem sobre o desenvolvimento da linguagem oral e como se percebem nesse processo, nas Unidades Escolares: EMEI Amélia Junqueira, EMEI Amélia Sofia Rodrigues da Costa, EMEI Iria Junqueira, EMEI Wanda Princivalli Marçal, EMEI Ana dos Santos Gabarra, EMEI José Roberto Felício, EMEI Albert Einstein, EMEI Alcirio Orlaia Paschoal e EMEI Nicolau Dinamarco Spínelli, devendo os abaixo indicados observar as seguintes recomendações:

- 1) Aluna Cláudia de Paula e Silva Bezzon:
- a) respeitar as regras e horários da unidade escolar;
 - b) comunicar imediatamente à gestora da unidade escolar, caso ocorra algum imprevisto durante o contato com os professores;
 - c) manter o sigilo das informações/dados coletados;
 - d) garantir que não haverá riscos previsíveis em participar deste trabalho;
 - e) garantir que o trabalho seja realizado de acordo com o projeto apresentado e que os dados coletados, sejam utilizados sem que haja identificação dos participantes, respeitando-se, sempre, o sigilo das informações/dados confidenciais fornecidas;
 - f) encaminhar, quando finalizado o trabalho, uma cópia à Coordenação da Educação Infantil, na sede da Secretaria Municipal da Educação, a qual ficará arquivada no órgão;

ANEXO B

AUTORIZAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNAERP - UNIVERSIDADE DE
RIBEIRÃO PRETO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Desenvolvimento da linguagem oral na criança: Um estudo sobre a percepção do professor da pré-escola

Pesquisador: Karina de Melo Conte

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 28852820.8.0000.5498

Instituição Proponente: Universidade de Ribeirão Preto UNAERP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.124.164

Apresentação do Projeto:

A Linguagem é um fator primordial para o desenvolvimento e o aprendizado da criança que desde o seu nascimento interage com o meio. Esta mesma linguagem dará subsídios para as aprendizagens futuras, na qual destacamos a educação infantil, mais precisamente o período pré-escolar.

A escola contribui de forma significativa para a aquisição e desenvolvimento da linguagem, é de suma importância que o professor, atuando com crianças até 6 anos, tenha conhecimento e orientação quanto ao desenvolvimento de linguagem da criança e formas de propiciar seu melhor desenvolvimento.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar o que os professores que atuam na pré-escola da educação infantil conhecem sobre o desenvolvimento da linguagem oral e como se percebem neste processo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

É necessário relatar qual profissional ou serviço que dará assistência em caso de qualquer desconforto.

Recomendo também que este aspecto de Avaliação dos Riscos e Benefícios, apareça também no arquivo do projeto que foi anexado nesta plataforma e não somente apareça no formulário da plataforma Brasil.

Endereço: Av. Costabile Romano nº 2201, sala 08, Bloco D
Bairro: RIBEIRANIA **CEP:** 14.096-380
UF: SP **Município:** RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3603-6895 **Fax:** (16)3603-6815 **E-mail:** cetica@unaerp.br

UNAERP - UNIVERSIDADE DE
RIBEIRÃO PRETO



Continuação do Parecer: 4.124.164

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As crianças passam boa parte do seu dia nas salas de aula dentro das EMEl, são considerados espaços privilegiados para a estimulação da linguagem oral bem como a identificação precoce dos problemas que puder vir aparecer. A construção do desenvolvimento da linguagem oral é sentida e percebida na Educação infantil, sua estimulação e a detecção de possíveis problemas na linguagem oral. Neste sentido, o papel do professor de educação Infantil na estimulação, identificação e sinalização de problemas na linguagem é crucial para que as crianças possam ser avaliadas por especialistas e encaminhadas para apoios adequados, quando necessário. Todos os pontos tratados até este momento nos levam a refletir sobre as seguintes questões: Os professores que atuam na educação infantil conhecem o desenvolvimento da fala e linguagem oral das crianças de 4 e 5 anos, as possíveis dificuldades e atrasos na linguagem oral? Conhecem os meios e instrumentos necessários para proceder a essa identificação? Estarão os professores da Educação Infantil conscientes do papel que devem assumir na prevenção, estimulação e identificação de problemas na linguagem oral? Estes profissionais sabem como proceder com os encaminhamentos quando necessários para a atenção básica em fonoaudiologia?

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos que precisam de adequação estão listados nas pendências.

Recomendações:

- 1- É necessário corrigir todas as datas que aparecem nos documentos, em especial no arquivo "projeto de pesquisa" que consta 2019 e na realidade a submissão e execução do projeto deve ser de 2020.
- 2- Deve descrever e justificar o "N" amostral da pesquisa, tanto no arquivo completo projeto de pesquisa, quanto também no formulário da plataforma.
- 3- Recomendo também que este aspecto de Avaliação dos Riscos e Benefícios, apareça também no arquivo do projeto que foi anexado nesta plataforma e não somente apareça no formulário da plataforma Brasil.
- 4- No TCLE precisa colocar também o aspecto da assistência, sendo necessário relatar qual profissional ou serviço que dará assistência em caso de qualquer desconforto.
- 5- Também necessita descrever os Benefícios no TCLE.
- 6- Recomendo também anexar os seguintes documentos separado e que eles estejam assinados pelo pesquisador, CRONOGRAMA e ORÇAMENTO neste último precisa ter por escrito a declaração de quem estará arcando com as despesas do projeto.

Endereço: Av. Costabile Romano nº 2201, sala 08, Bloco D
Bairro: RIBEIRANIA **CEP:** 14.096-380
UF: SP **Município:** RIBEIRÃO PRETO
Telefone: (16)3603-6895 **Fax:** (16)3603-6815 **E-mail:** cetica@unaerp.br

**UNAERP - UNIVERSIDADE DE
RIBEIRÃO PRETO**



Continuação do Parecer: 4.124.164

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências foram atendidas e obedecem a Resolução 466/12 do CNS.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1507497.pdf	03/05/2020 00:48:59		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto pesquisa completo atualizado.pdf	03/05/2020 00:47:02	Karina de Melo Conte	Aceito
Outros	Carta resposta CEP.pdf	03/05/2020 00:46:30	Karina de Melo Conte	Aceito
Orçamento	Planilha orçamentária de declaração.pdf	03/05/2020 00:45:44	Karina de Melo Conte	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	03/05/2020 00:43:39	Karina de Melo Conte	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCL E modificado.pdf	03/05/2020 00:43:19	Karina de Melo Conte	Aceito
Declaração de concordância	Carta de autorização.pdf	09/02/2020 09:19:16	Karina de Melo Conte	Aceito
Folha de Rosto	Folha de rosto.pdf	09/02/2020 09:13:19	Karina de Melo Conte	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIBEIRÃO PRETO, 30 de Junho de 2020.

Endereço: Av. Costabile Romano nº 2201, sala 08, Bloco D
Bairro: RIBEIRANIA **CEP:** 14.096-380
UF: SP **Município:** RIBEIRÃO PRETO
Telefone: (16)3603-6895 **Fax:** (16)3603-6815 **E-mail:** cetica@unaerp.br

ANEXO C

PRODUTO RESULTANTE DO MESTRADO



FONOAUDIOLOGIA E EDUCAÇÃO INFANTIL

Claudia de Paula e Silva Bezzon
CRFa. 5218

Orientadora: Profa. Dra. Karina de Melo Conte

Ribeirão Preto, 2021



SUMÁRIO

Apresentação	4
Quem é fonoaudiólogo?	5
O que é Fonoaudiologia Educacional?	5
Quais ações o fonoaudiólogo pode realizar em parceria com a educação?	5
Quais os benefícios da ação fonoaudiológica na Educação?	6
Desenvolvimento de Fala e Linguagem Infantil	7
Processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem oral	7
Características das crianças de 02/03 anos	9
Características das crianças de 03/04 anos	10
Características das crianças de 04/05 anos	11
Características das crianças com 05 anos	12
Estimulação da fala e linguagem infantil	14
Caso a criança faça uso de mamadeira e chupeta	17
Disfluência na fala	18
Algumas dicas de como ajudar	19
Conclusões finais	23
Referências bibliográficas	24

LISTA DE TABELAS

Idade média de aquisição dos sons da fala	13
---	----

APRESENTAÇÃO

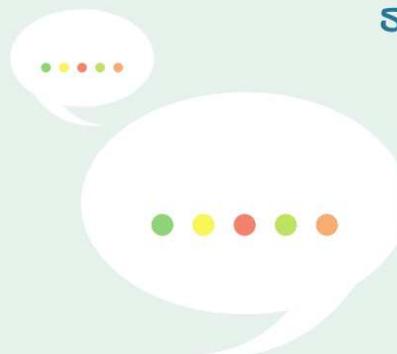
A Fonoaudiologia é a ciência que tem como objeto de estudo a comunicação humana, em todas as suas dimensões. Seu campo de ação envolve o desenvolvimento, as dificuldades e o aperfeiçoamento das habilidades comunicativas. Preocupa-se com todos os aspectos relacionados à comunicação humana, tais como: a linguagem oral e escrita, a cognição, a função auditiva, a função vestibular (equilíbrio), a fluência e articulação da fala, a voz, as funções estomatognáticas (tais como sucção, mastigação e deglutição), os sistemas de comunicação alternativa, aumentativos ou suplementares, entre outros.

O teor das informações contidas nesta cartilha é baseado na aprendizagem significativa, quando o que se discute faz sentido para a professora e possibilita um diálogo com o conhecimento já obtido. Esta cartilha foi elaborada como produto de dissertação de mestrado em saúde e educação da UNAERP-RP no ano de 2021, elaborada para orientar no dia a dia, as professoras da educação infantil no intuito de nortear e conhecer o desenvolvimento de fala e linguagem, ajudando e estimulando os escolares.

Ribeirão Preto, maio de 2021.

QUEM É O FONOAUDIÓLOGO?

O fonoaudiólogo possui formação em Saúde e atua nos setores público e privado. É responsável pela promoção da saúde, prevenção, avaliação e diagnóstico, orientação, terapia e aperfeiçoamento dos aspectos que envolvem a comunicação e pode desenvolver atividades de ensino, pesquisa e administrativas.¹



O QUE É FONOAUDIOLOGIA EDUCACIONAL?

A Fonoaudiologia Educacional é uma área de especialização da Fonoaudiologia voltada ao estudo e atuação para a promoção da Educação, em todos os níveis e modalidades de ensino.²

QUAIS AÇÕES O FONOAUDIÓLOGO PODE REALIZAR EM PARCERIA COM A EDUCAÇÃO?

A meta dessa parceria se dará tanto nos aspectos que visam à otimização do processo de ensino e aprendizagem como no manejo de situações que sinalizam dificuldades nesse processo, e que, sendo precocemente detectadas, evitam a evolução de determinados quadros, propiciando melhores resultados.

Ressaltam-se aqui os problemas relacionados à aquisição da escrita; dificuldades na fala e linguagem, mais conhecidas como trocas e omissões de sons na fala; os comprometimentos vocais; problemas auditivos; distúrbios das estruturas e funções estomatognáticas, que afetam a articulação, a respiração, a deglutição e a mastigação. Nessa perspectiva o profissional poderá, em parceria com equipe educacional:

Uma série de ações pode ser desenvolvida a fim de proporcionar um impacto favorável para a Educação:

- Atuação de modo integrado junto à equipe escolar;
- Levantamento de dificuldades institucionais ligadas ao ensino e aprendizagem;
- Desenvolvimento de ações educativas, formativas e informativas com vistas à disseminação do conhecimento sobre a interface entre comunicação e aprendizagem;
- Desenvolvimento de ações institucionais;
- Participação nas ações do Atendimento Educacional Especializado (AEE);
- Participação na elaboração, execução e acompanhamento de projetos e propostas educacionais;
- Participação em processos de formação continuada de educadores;
- Realização e divulgação de pesquisas que contribuam para o crescimento da educação;
- Orientação de pais ou responsáveis quanto às necessidades educacionais de seus filhos.

¹²³ Extraído da Cartilha: Perguntas frequentes de educadores e gestores educacionais. Conselho Federal de Fonoaudiologia. Disponível em: <www.fonoaudiologia.org.br>

QUAIS OS BENEFÍCIOS DA AÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NA EDUCAÇÃO?

Os fatores determinantes do sucesso escolar dizem respeito às competências sociais, políticas, ambientais e comunicativas, tanto dos professores quanto dos alunos, sendo que a competência comunicativa está ligada à linguagem oral e escrita.

Toda a aprendizagem depende de tal desenvolvimento. Sabemos que o fracasso escolar e as dificuldades de aprendizagem têm, em suas origens, insuficiências nessas competências comunicativas, sendo um verdadeiro desafio pedagógico promovê-las.

O fonoaudiólogo possui conhecimentos aprofundados sobre as habilidades cognitivas e linguísticas envolvidas na aprendizagem, podendo desenvolver, junto aos educadores, estratégias de aprendizagem eficazes.

O fonoaudiólogo torna-se, assim, um parceiro da equipe escolar e sua ação reflete-se sobre o desenvolvimento dos alunos e na relação com os familiares, trazendo maior eficácia às ações pedagógicas. É um profissional de fundamental importância que acrescenta qualidade ao processo educacional, tornando-se um diferencial na escola em que atua.⁴



⁴ Extraído da Cartilha: Perguntas frequentes de educadores e gestores educacionais. Conselho Federal de Fonoaudiologia. Disponível em: <www.fonoaudiologia.org.br>

DESENVOLVIMENTO DE FALA E LINGUAGEM INFANTIL 7

PROCESSO DE AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL

A linguagem é um fator primordial para o desenvolvimento e o aprendizado da criança, a sustentação linguística indispensável para a aquisição da leitura e escrita é a linguagem oral (MOUSINHO, 2008)

Sabemos que o desenvolvimento da fala e linguagem depende da maturação neurológica, fisiológica, anatômica e de coordenação, assim como de um ambiente linguisticamente envolvente, estimulante e socioafetivo harmonioso. (GERMANO, 2011)

A aquisição de fala e linguagem dentro dos padrões da normalidade, depende de um aparato neurobiológico e social, de um bom desenvolvimento das estruturas cerebrais, uma integridade auditiva e visual, um parto sem intercorrências e uma boa interação.

Quando encontramos algum atraso no desenvolvimento de fala e linguagem, alguns desses fatores podem estar alterados.

A construção do desenvolvimento de fala e linguagem é sentida e percebida na Educação Infantil, sua estimulação e a detecção de possíveis problemas ou dificuldades na linguagem oral.

O papel da professora da educação infantil é muito importante na estimulação, identificação e sinalização de problemas de fala e linguagem, para que as crianças possam ser encaminhadas para apoios adequados e avaliadas por fonoaudiólogos, quando necessário.

Importante termos uma referência deste desenvolvimento, alguns marcos para nos orientar, sabendo que podem existir pequenas variações nesse desenvolvimento como um todo. (PRATES, 2011, BEE, 1996, ZORZI, 2004, ROTTA, 2016)

01-03 meses

Assusta com sons altos (palmas, batidas de portas)
Presta atenção aos sons
Acalma com a voz da mãe
Chora
Emite sons
Da gargalhada
Observa o rosto e sorri quando alguém fala com ele.

04-06 meses

Procura de onde vem o som, virando os olhos e a cabeça
Grita
Se acalma com a voz da mãe
Produz alguns sons como se estivesse conversando, vocalizações.



07-11 meses

Vira a cabeça em direção ao som (alto e baixo)
 Reage quando é chamado pelo nome
 Compreende o significado do não, tchau
 Bate palmas
 Aponta o que quer
 Dá tchau
 Balbucia respondendo a nossa voz
 Imita os sons da fala, repete sons como "mamama", "papapa"
 Começam a brincar com os sons que produzem (balbucio)
 Entrega brinquedos se pedir

12 meses

Começa a falar as primeiras palavras
 Imita a ação de outras pessoas

18 meses

Localiza som em todas as direções
 Pede as coisas usando uma palavra
 Identifica partes do corpo
 Já sabe falar mais ou menos 20 palavras
 Usa gestos com palavras
 A pergunta muda de "cadê?" Para "O que é isso?"

02 anos

Começa a formar frases com 02 palavras, simples e curtas.
 Seu vocabulário aumenta para 200 palavras
 Obedece ordem simples
 Identifica brinquedos e utensílios domésticos
 Reconhece sons domésticos (telefone, campainha, latido, barulho do carro)

03 anos

Começa a formar frases maiores
 É possível entender tudo o que é falado pela criança, podendo ter algumas alterações na fala
 Pode ter conjugação alterada, erros gramaticais
 Conhece cores
 Faz perguntas
 Começa a entender o significado de dentro, fora, embaixo e em cima

04 anos

Inventa histórias
 Compreende regras simples de jogo

05 anos

Forma frases completas
 Possui todos os sons da fala
 Quadro fonêmico completo



CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS DE 02/03 ANOS

- Brinca de faz de conta, por exemplo dar de comer a um boneco.
- "Idade dos porquês".
- Diz o nome e a idade.
- Canta músicas simples e faz os gestos.
- Grande expansão de vocabulário.
- Nomeia e diz para que servem objetos comuns.
- Identifica imagens de ações.
- Responde a perguntas simples Quem? Onde? O quê?
- Consegue identificar grande, pequeno e muito.
- Produz frases com 4 palavras (ex.: Eu quero um gato!, Hoje vou à escola!, Eu gosto de gelado!) e já começa a produzir frases coordenadas (ex.: "Eu quero um gato e um cão.").
- Utiliza predominantemente substantivos mas também já utiliza verbos, adjetivos, determinantes, pronomes pessoais, alguns advérbios e preposições.
- Já começa a fazer a variação em género e número.

ESTIMULAR

- Reserve tempo para ouvir a criança e responder-lhe.
- Conversar com a criança sempre dentro de um contexto, expandindo seu vocabulário.
- Envolver a criança nas atividades do dia-a-dia.
- Explore os brinquedos e os objetos do dia-a-dia com a criança: nome, características, para que servem.
- Contar histórias.
- Conversar no mesmo nível de altura, olho no olho, de frente para criança.

SINAIS DE ALERTA

- Só produz palavras simples.
- Não junta 2 palavras em frases simples (ex.: "dá pão").
- Não responde a perguntas fechadas sim/não.
- Não aponta para partes do corpo a pedido.
- Não executa uma ordem simples.

CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS DE 03/04 ANOS

10

- Utiliza habitualmente uma linguagem compreensível para desconhecidos.
- Diz "eu" quando se refere a si.
- Compreende perguntas com os pronomes "Porquê?" "Quanto?" "Como?"
- Compreende os advérbios: à frente, atrás, dentro, fora.
- Descreve acontecimentos do dia-a-dia.
- Conta pequenas histórias com apoio de imagens.



ESTIMULAR

- Converse diariamente com a criança.
- Deixe-a realizar atividades adequadas à sua idade e que desenvolvam a sua independência.
- Leia histórias em conjunto, deixe-a ajudar a contar a história e peça no final para recontá-la.



SINAIS DE ALERTA

- Utiliza um discurso ininteligível para estranhos.
- Utiliza mais os gestos que as palavras.
- Não executa ordens de duas ideias.
 - Não responde a perguntas: O que é? Onde?
- Não faz trocas de turnos num diálogo.
- Fala só sobre um tópico específico.
 - Trocas na fala.

CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS DE 04/05 ANOS

11

- Verbalize de forma fluente.
- Pergunta o significado das palavras.
 - Cumprimenta e pede desculpa.
 - Fala sobre os seus sentimentos.
 - Compreende ordens complexas.
 - Usa frases completas.
 - Inicia o tempo no futuro e no passado.
- Articula corretamente quase todos os sons.
 - Faz rimas.

ESTIMULAR

Estimule a imaginação (ex.: teatro de fantoches).

- Cante canções.
- Brinque com a divisão silábica (ex.: dividir as palavras em bocadinhos — sílabas com recurso a palmas).

SINAIS DE ALERTA

- Não faz diálogos.
- Não descreve acontecimentos do dia a dia.
- Não responde a perguntas: "O que é?" "Porquê?" "Como?"
- Omite consoantes finais.
- Possui trocas na fala



CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS COM OS ANOS

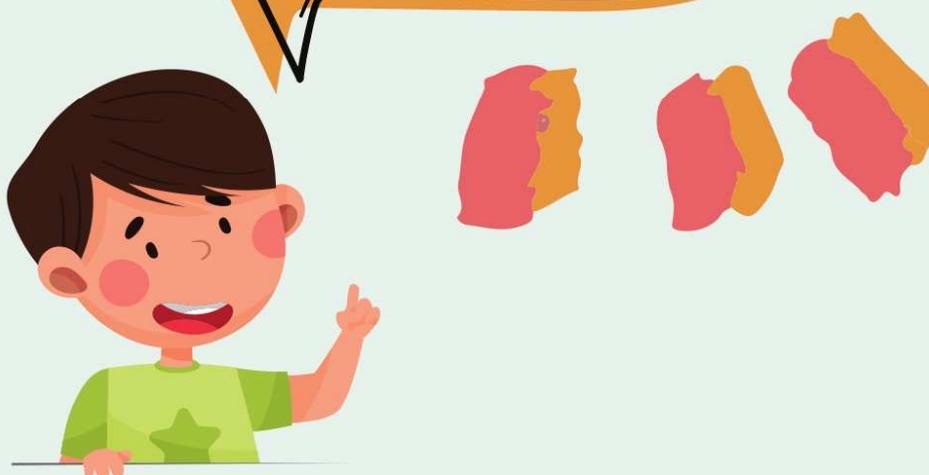
- Participa em discussões de grupo e espera a sua vez para falar.
 - Percebe críticas e comentários sobre si.
 - Conta histórias complexas.
 - Compreende perguntas complexas.
 - Compreende os opostos.
- Articula de forma correta praticamente todos os sons da sua língua, pode ter dificuldade em articular palavras com grupos consonantais.

ESTIMULAR

- Explorar rimas, parlendas, trava-línguas, músicas e livros.
- Pergunte as sílabas iniciais das palavras que aparecem durante um jogo.

SINAIS DE ALERTA

- Não conta histórias nem descreve o seu dia.
- Utiliza frases mal estruturadas.
- Exprime-se de forma pouco fluente.
- Alterações na fala.



06 anos

Inicia a alfabetização, começa a aprender a ler e a escrever

**A CRIANÇA APRENDE ATRAVÉS
DAS INTERAÇÕES COM O MEIO E
COM O OUTRO.**

IDADE MÉDIA DE AQUISIÇÃO DOS SONS DA FALA

Letras	Fonemas	Idade
B, M	/b/, /m/	1 ano e 6 meses
P, T, D, N	/p/, /t/, /d/, /n/	2 anos
K, G, NH	/k/, /g/, /ŋ/	2 anos e 6 meses
F, V, S, Z	/f/, /v/, /s/, /z/	3 anos
CH, J	/ʃ/, /ʒ/	3 anos e 6 meses
L, LH, RR (R de rato) Arquifonema S (as, es, is, os, us) Arquifonema R (ar, er, ir, or, ur)	/l/, /ʎ/, /r/ Arquifonema /s/ Arquifonema /r/	4 anos
R (R da arara) Grupos com L (pl, bl, cl, gl, fl...) Grupos com R (pr, br, cr, dr, gr...)	/r/ Grupos consonantais com /l/ Grupos consonantais com /r/	5 anos

Referência: HONORA, M; FRIZANCO, MLE. Esclarecendo as deficiências. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

ESTIMULAÇÃO DA FALA E LINGUAGEM INFANTIL

A família e a escola têm papel fundamental na estimulação da fala das crianças. Quanto mais a criança for exposta à linguagem, maiores condições ela terá de adquirir a própria linguagem.

- Utilizamos os mesmos órgãos para comer e falar, por isso a alimentação tem papel importante no desenvolvimento da fala. Estimule a criança a usar canudos, copos, a morder e mastigar alimentos sólidos, principalmente frutas (observar a idade para alimentos sólidos).

- Aproveite os momentos de maior atenção da criança para conversar com ela, usando palavras simples e frases curtas, falando de igual para igual, olho no olho.

- Pronuncie corretamente as palavras, usando boa articulação e entonação, sem usar o diminutivo.

- Desenvolva sempre as palavras ditas pelo seu filho de maneira correta e motivadora, sem infantilizar a sua fala. É muito importante não falar de forma alterada, embora pareça engraçado, apenas prejudicará o desenvolvimento da fala da criança.

- **A CRIANÇA PRECISA SENTIR A NECESSIDADE DE FALAR.** Não a atenda quando ela tentar se comunicar através de gestos e balbucios, mesmo que você saiba exatamente o que ela deseja.



15

- Aproveite as situações cotidianas da escola como a do desenho, atividades lúdicas, roda de conversa, e em casa como a hora do banho e da alimentação, brincar, passear, para estimulá-la, dizendo o nome e as funções dos brinquedos, objetos, partes do corpo, alimentos.

- Devolva sempre as palavras ditas pela criança de maneira correta, clara, em forma de frases e dentro de um contexto: Por exemplo, a criança pede água: "ága". Você deve responder: "Você está com sede? Você quer água?"; mas não corrigir a fala da criança.

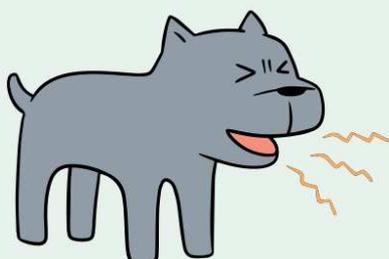
- Cantar músicas é excelente para estimular o ritmo da expressão verbal. Cante sempre e estimule-a a cantar com você; deixe que ela complete algumas palavras da canção.

Mostre interesse pela leitura, interprete histórias. Conte a mesma história, várias vezes. A criança não exige uma história diferente por dia. A repetição interpretada com entusiasmo e criatividade prende a atenção, gerando expectativa e previsibilidade, itens importantes no processo comunicativo.

- Deixe que ela manuseie os livros das histórias já conhecidas e estimule-a a contar a história.



16



- A melhor maneira de conversar com uma criança é de frente, face a face, no mesmo nível (altura) que a criança.
- Explore os órgãos fonoarticulatórios usados para a fala (língua, lábios, bochechas), fazendo-a vibrar os lábios, jogar beijos, encher as bochechas de ar, etc.
- Brinque com ela de imitar sons do ambiente e da vida diária, como: Au au (cachorro), Miau (gato), Trrim (telefone), Toc-toc (batida de porta).
- Introduza novas palavras sempre dentro de um contexto, mesmo que no momento ela não consiga pronunciá-las.

TODOS QUE CONVIVEM E CUIDAM DA CRIANÇA DEVEM ESTAR COMPROMETIDOS EM ESTIMULAR O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.



17

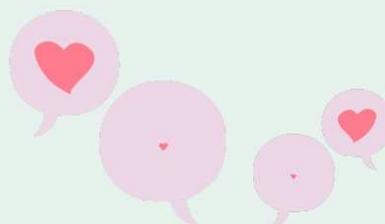
CASO A CRIANÇA FAÇA USO DE MAMADEIRA E CHUPETA:

- É importante retirar a mamadeira da criança quando ela conseguir segurar objetos, passe para o copo adaptador ou copo semelhante ao de água e tome o leite sentada.

- O uso da chupeta prolongada também faz com que a criança tenha uma alteração na arcada dentária, na respiração, na fala e nos órgãos fonoarticulatórios.



**SE PRECISAR DE MAIORES
ESCLARECIMENTOS,
PROCURE UMA FONOAUDIÓLOGA.**



DISFLUÊNCIA NA FALA

Durante o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem é comum ocorrer períodos de disfluências, ou seja, entre 2 a 4 anos de idade, a criança pode repetir sílabas ou palavras (por exemplo: "mamãe, mamãe cadê meu sa-sa-pato?"), pode apresentar hesitações como se estivesse procurando a palavra certa para usar ou ainda pode repetir frases inteiras (ANDRADE, 2000).

A maioria das crianças, cerca de 50%, supera com sucesso esta fase (essas disfluências deixam de ocorrer). Geralmente, as disfluências ocorrem por um período de até 6 meses e depois desaparecem. A criança e a família podem estar passando por situações diferentes, nascimento de uma criança, mudança de casa, cidade e ou escola, perda de um parente, separação, entre outras situações adversas.

SE A CRIANÇA CONTINUAR COM AS DISFLUÊNCIAS APÓS ESTE PERÍODO E OU SE ESTIVER HISTÓRICO DE GAGUEIRA NA FAMÍLIA, É IMPORTANTE PROCURAR UM FONAUDIÓLOGO.



EM CASO DE DISFLUÊNCIA NA FALA, ALGUMAS DICAS DE COMO AJUDAR:

- Deixe a criança terminar de falar antes de responder. Não o apresse.

- Observe o modo como você ouve e reage à criança. Ouvir é uma parte importante do processo de comunicação.

- Deixe-o falar naturalmente, reduza o número de perguntas ao seu filho. As crianças falam mais livremente ao expressar suas próprias ideias em vez de responder às perguntas dos adultos. No lugar de fazer perguntas, faça comentários sobre o que seu filho disse, mostrando que você está prestando atenção.

- Utilize expressões faciais e linguagem corporal para demonstrar ao seu filho que você está mais atento ao conteúdo da mensagem do que à sua forma de falar.

- Não dê atenção à criança só quando ela gagueja.

- Observe como você se relaciona com seu filho. Sempre que puder, mostre que você está prestando atenção ao que ele está falando e que ele pode utilizar o tempo que precisar para falar. Procure evitar a crítica, o falar rápido, as interrupções e as perguntas frequentes.

20

- Reserve alguns minutos, todos os dias, para dar atenção ao seu filho. Deixe que ele escolha o que gostaria de fazer. Permita que ele dirija as atividades, decidindo se quer falar ou não. Quando você falar, utilize uma fala lenta, tranquila, relaxada e com pausas frequentes. Este momento calmo pode aumentar a autoconfiança da criança pequena, porque ela vai saber que o pai ou a mãe aprecia a sua companhia. Conforme a criança se torna mais velha, pode ser um momento em que se sente confortável para falar de seus sentimentos e experiências com o pai ou a mãe.

- Mantenha contato de olho natural enquanto a criança está falando (não fique olhando para a boca da criança).

- Não peça para a criança relaxar, acalmar-se, pensar ou respirar antes de falar. Estes "conselhos" geram sentimento de ressentimento e insegurança e não ajudam.

- Não chame a criança de gaga (ela pode construir uma autoimagem de gaga).

- Não fique aborrecido ou nervoso ou ansioso quando a gagueira aumentar. Os períodos de fluência e de disfluência podem variar (a criança pode estar bem em um dia e pior no outro).

- Promova um ambiente familiar de conversação não competitivo: mostre à criança que ela é ouvida por todos da família e que pode ter sucesso ao controlar uma conversa

- Não complete o que a criança está falando, dêem-lhe o tempo necessário para falar o que deseja a fim de que não se sinta pressionada.

22

- Não apresse a criança quando ela estiver tentando falar (isso aumenta a ansiedade tornando a expressão da fala mais difícil).

- Não force a criança a falar em público.

- Não permita que a criança seja caçoada.

- Não compare filhos, primos ou filhos de amigos. Cada um é de um jeito.

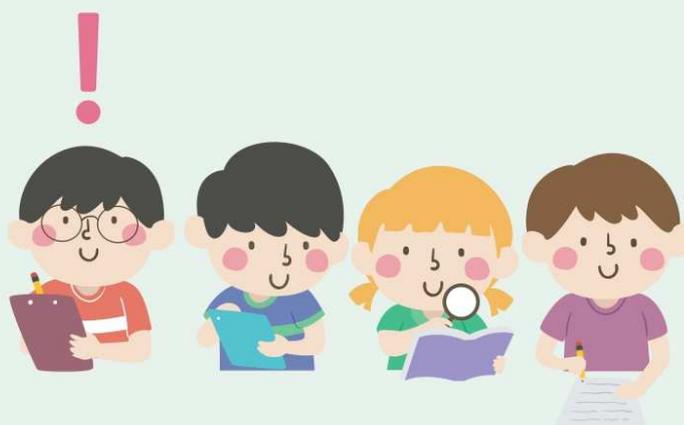
- Não demonstre estar constrangido ou com pena da criança.

- Acima de tudo, faça seu filho saber que você o aceita como ele é. O mais importante para o seu filho será o seu apoio, quer ele gagueje ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A parceria entre a Fonoaudiologia e a Educação Infantil, ou seja, entre saúde e educação, tende a contribuir para a efetivação dos processos de ensino e aprendizagem; a troca de experiências e saberes, promove subsídios para a estimulação do desenvolvimento global da criança. O conhecimento do desenvolvimento da fala e linguagem propiciará uma melhor compreensão dos educadores sobre como estimular e lidar com as crianças que possuem dificuldades na fala, minimizando o tempo de identificação, encaminhamento e resolução dos mesmos, quando necessários.

A inter-relação entre as professoras da educação infantil e as fonoaudiólogas resulta em benefícios para a criança e para toda a comunidade escolar, o desenvolvimento adequado da linguagem pode repercutir no bom desempenho escolar e na inserção desta na sociedade em que vive.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abra Gagueira - Associação Brasileira de Gagueira. Disponível em:
<http://www.abragagueira.org.br>.

BEE, H. A criança em desenvolvimento. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRASIL. Lei nº 8.080/1990. CONDIÇÕES PARA A PROMOÇÃO, PROTEÇÃO E RECUPERAÇÃO DA SAÚDE, A ORGANIZAÇÃO E O FUNCIONAMENTO DOS SERVIÇOS CORRESPONDENTES. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm.

Conselho Federal de Fonoaudiologia. CONTRIBUIÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO EDUCACIONAL PARA SEU MUNICÍPIO E SUA ESCOLA. 2015. Disponível em:
<http://www.fonoaudiologia.org.br/cffa/wpcontent/uploads/2015/04/cartilh-a-fono-educacional-20151.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2019.

Conselho Federal de Fonoaudiologia. Resolução CFFA nº 274/2001. ATUAÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO FRENTE A TRIAGEM AUDITIVA ESCOLAR. Disponível em: www.fonoaudiologia.org.br.

Conselho Federal de Fonoaudiologia. Resolução CFFA nº 309/2005. ATUAÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL, ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO, ESPECIAL E SUPERIOR. Disponível em: www.fonoaudiologia.org.br.

Conselho Federal de Fonoaudiologia. Resolução CFFA nº 387/2010. ATRIBUIÇÕES E COMPETÊNCIAS DO PROFISSIONAL ESPECIALISTA EM FONOAUDIOLÓGIA EDUCACIONAL RECONHECIDO PELO CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLÓGIA, ALTERAR A REDAÇÃO DO ARTIGO 1º DA RESOLUÇÃO CFFA Nº 382/2010. Disponível em: www.fonoaudiologia.org.br.

Conselho Federal de Fonoaudiologia. Resolução CFFA nº 462/2015. ALTERA A REDAÇÃO DO PARÁGRAFO 3º DO ARTIGO 2º DA RESOLUÇÃO CFFA Nº 309/2005. Disponível em: www.fonoaudiologia.org.br.

Conselho Regional de Fonoaudiologia 2ª Região. Perfil e Ações do fonoaudiólogo na Educação. In: FONOAUDIOLÓGIA NA EDUCAÇÃO: POLÍTICAS PÚBLICAS E ATUAÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO. São Paulo: 2010. Disponível em: <http://www.fonosp.org>. Acesso em: 7 set. 2019.

Andrade, C. R. F. A. Diagnóstico e Intervenção Precoce no Tratamento das Gagueiras Infantis. Pró-Fono, 2000.

Conselho Federal de Fonoaudiologia. PERGUNTAS FREQUENTES DE EDUCADORES E GESTORES EDUCACIONAIS. Disponível em: www.fonoaudiologia.org.br.

GERMANO, C. M. G. Processos de identificação e sinalização de crianças com problemas na linguagem oral pelos educadores de infância. 2011. 233 f. Dissertação (Mestrado em Ciências de Educação) - Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa, 2011.

HONORA, M; FRIZANCO, M. L.E. Esclarecendo as deficiências. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

MOUSINHO, R. et al. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. Rev. psicopedag. [online], vol. 25, n. 78, p. 297-306. 2008.

PRATES, L. P. G. S.; MARTINS, V. O. Distúrbios da fala e da linguagem na infância. Rev. Med Minas Gerais. 2011; 1(4 Supl 1): 554-560.

ROTTA, N. T. Dificuldades para a aprendizagem. In: ROTTA, N.; OHLWEILER, L.; RIESCO, R. (ORGS). Transtornos da aprendizagem: Abordagem neurobiológica e multidisciplinar. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

Sistema dos Conselhos Federal e Regionais de Fonoaudiologia. O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DA CRIANÇA. Folder de reedição ampliada da Campanha Fonoaudiologia e Educação do sistema do Conselho Federal e Regionais de Fonoaudiologia, 2011.

WERTZNER, H. Fonologia: desenvolvimento e alterações. In: FERREIRA, L. P. et al., eds. Tratado de fonoaudiologia. São Paulo: Roca; 2004.

ZORZI, J. L.; HAGE, S. R. V. Protocolo de observação comportamental - PROC: avaliação de linguagem e aspectos cognitivos infantis. 1a ed. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2004.